

UNEMAT

PROFLETRAS

MESTRADO

# UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso

Carlos Alberto Reyes Maldonado

## PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



PROFLETRAS

Rede Nacional

UNIDADE CÁCERES

# UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso  
Carlos Alberto Reyes Maldonado



PROFLETRAS

Rede Nacional

### PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Linguagem  
Cidade Universitária - Cáceres-MT  
Tel. (65) 3224-1307  
profletrascaceres@unemat.br

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM  
LETRAS – PROFLETRAS**

**ELIETE OLIVEIRA DE SOUZA MARZOCHI**

**SEMEANDO PALAVRAS E PRÁTICAS NO ENSINO DA LEITURA E  
ESCRITA COM ALUNOS DO CAMPO**

**CÁCERES –MT  
2024**

**ELIETE OLIVEIRA DE SOUZA MARZOCHI**

**SEMEANDO PALAVRAS E PRÁTICAS NO ENSINO DA LEITURA E  
ESCRITA COM ALUNOS DO CAMPO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
-graduação Mestrado Profissional em Letras –  
PROFLETRAS, da Universidade do Estado de Mato  
Grosso – UNEMAT, para a obtenção do título de  
Mestra em Letras, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eni  
Puccinelli Orlandi.

**CÁCERES –MT  
2024**

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Processamento Técnico da Divisão de Biblioteca da UNEMAT Catalogação de Publicação na Fonte. UNEMAT - Unidade padrão

Marzochi, Eliete Oliveira de Souza.

Semeando Palavras e Práticas no Ensino da Leitura e Escrita com Alunos do Campo / Eliete Oliveira de Souza Marzochi. - Cáceres, 2024.

137f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado",  
Letras/CAC-PROFLETRAS - Cáceres - Mestrado Profissional, Campus  
Universitário De Cáceres "Jane Vanini".

Orientador: Eni Puccinelli Orlandi.

1. Leitura. 2. Processo discursivo. 3. Diferentes materialidades  
significantes. 4. Argumentação. I. Orlandi, Eni Puccinelli. II. Título.

UNEMAT / MTSCB

CDU 37.02

**ELIETE OLIVEIRA DE SOUZA MARZOCHI**

**SEMEANDO PALAVRAS E PRÁTICAS NO ENSINO DA LEITURA E  
ESCRITA COM ALUNOS DO CAMPO**

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi (UNEMAT)

**ORIENTADOR**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Débora Massmann (UFAL)

**AVALIADOR**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Regina Martins e Silva (UNEMAT)

**AVALIADOR**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nilce Maria da Silva (UNEMAT)

**SUPLENTE**

Aprovada em 29/05/2024

À Mãinha, por todas as lições de amor!

À minha família com carinho, amor e gratidão pelo apoio incondicional aos  
meus projetos de vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço e celebro este momento expressando a minha gratidão.

A Deus, primeiramente, pela vida, por ter me guiado e por me permitir realizar mais este sonho.

À minha querida e competente orientadora, professora Dr.<sup>a</sup> Eni Puccinelli Orlandi, pela orientação tranquila e segura. Penso não estar melhor conduzida intelectual e humanamente.

Ao meu parceiro Marionildo Marzochi Antônio, por estar ao meu lado nessa trajetória, incentivando e apoiando nos momentos difíceis.

Aos meus filhos Bruna Fernanda e Raphael Henrique, por serem razões do meu existir.

À minha família: meu pai Arlindo José de Souza (*In Memoriam*) e à minha mãe Lindaura Rosa de Oliveira Souza, pelos ensinamentos de lutas, força, coragem e humildade, que nos ensinaram que sair de nossa zona de conforto é o primeiro passo para a vitória. Aos meus irmãos Zildete e Valderi, meus cunhados Márcia e Heimarques, meus sobrinhos Marcelo, Daniel e Miguel, pessoas com quem tenho alegria de compartilhar belos momentos de convivência.

À Coordenação do Programa Profissional Mestrado em Letras (PROFLETRAS), na pessoa do professor Dr. Everton Almeida Barbosa, por seu incentivo e sensibilidade.

Aos membros da banca de qualificação e defesa, professora Dr.<sup>a</sup> Vera Regina Martins e Silva e Débora Massmann, pelas valorosas contribuições.

A todos os professores que ministraram aulas para nossa turma 8, imensa gratidão pelos ensinamentos e apoio.

Aos colegas da turma 8, que mesmo pela telinha foi possível sentir a energia boa e a dedicação de todos. Em especial ao nosso grupo clandestino, pelas trocas imensuráveis.

Meu agradecimento à equipe gestora e aos colegas professores da Escola Municipal Padre Dionísio Kuduavicz, ao apoio e incentivo recebidos antes e durante a trajetória do mestrado.

À Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Rondonópolis, pela concessão da licença para qualificação profissional, sem ela isso não seria possível, pois sendo professora também na rede estadual e sem liberação por parte desse governo, não teria conseguido chegar até aqui.

À Unemat, e aos professores do Programa de Mestrado Profissional em Letras que, com muita competência e dedicação, ajudaram-me a ampliar os conhecimentos e ter a oportunidade de ver o mundo sob novas perspectivas.

Aos meus queridos alunos e alunas do 8º e 9º ano Campo-Multi, por terem acolhido nossa proposta e pela dedicação e empenho, mesmo nos momentos difíceis diante das adversidades que a escola do campo ainda sofre, principalmente diante da gestão pública que não apresenta planos educacionais sólidos para essa modalidade.

Enfim, à Escola Wellington Flaviano Coelho, *In Memoriam*, que durante 17 anos sobreviveu às lutas de resistência para funcionar, contribuindo para que milhares de crianças, jovens, adultos e idosos, principalmente os dois últimos, pudessem concluir seus estudos. A esses, foi dada condições para que sujeitos que não tiveram a oportunidade de estudar na “idade certa”, encontrassem acolhimento e fossem conduzidos para o mundo da aprendizagem. Mas, infelizmente, a Wellington não resistiu às inoperâncias de sistema de um governo que elimina as minorias.

*Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito de um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma teia tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos.*

*E se encorpando em tela, entre todos,  
se erguendo tenda, onde entrem todos,  
se entretendendo para todos, no toldo  
(a manhã) que plana livre de armação.  
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo  
que, tecido, se eleva por si: luz balão.*

(João Cabral de Melo Neto)

## RESUMO

A presente dissertação, vinculada ao Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Cáceres – MT, é resultado de um projeto interventivo em Língua Portuguesa da Escola Estadual Wellington Flaviano Coelho, localizada no Assentamento Márcio Pereira, no município de São José do Povo, estado de Mato Grosso. Este projeto foi conduzido em uma sala anexa na Gleba Cascata na Escola Municipal Rural Padre Dionísio Kuduavicz, no município de Rondonópolis/MT, e envolveu estudantes do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II Campo-Multi. A base teórica deste trabalho se fundamenta na Análise de Discurso de linha pecheutiana, iniciada na França, que traz Eni Orlandi como sua precursora no Brasil. Considerando a influência da determinação histórica nos processos de significação, autores como Orlandi (2020), Pêcheux (1995), Pfeifer (2016), Dias (2014), entre outros, são referências importantes para este estudo. O objetivo principal da intervenção é promover a ressignificação das práticas de leitura e escrita argumentativa dos alunos. Isso envolveu a leitura e escrita de textos com diferentes materialidades significantes, visando proporcionar aos alunos as práticas de múltiplos gestos de compreensão. O projeto partiu do entendimento de que a leitura é determinada pela conjuntura sócio-histórica em que ocorre, conforme Orlandi (2012a). Portanto, os estudantes contribuíram para a construção de um arquivo de leitura que abordou temas relevantes relacionados com suas vivências, como a produção de alimentos orgânicos e a preservação ambiental na agricultura familiar; a compostagem caseira; a alimentação saudável; e a tecnologia no campo. Os estudantes realizaram pesquisas para se tornarem autores na leitura e escrita de textos em diferentes formatos, de acordo com os temas escolhidos. Isso ajudou a compreender que a produção de argumentação está enraizada na história e na formação ideológica de cada indivíduo. A intervenção pedagógica tem como objetivo desenvolver nos alunos a prática de argumentação baseada em fatos e sentidos confiáveis, promovendo a formação de cidadãos capazes de sustentar seus gestos de interpretação de maneira ética e responsável.

**Palavras-chave:** Leitura. Processo discursivo. Diferentes materialidades significantes. Argumentação.

## ABSTRACT

This dissertation, linked to the Professional Master's Degree in Literature – PROFLETRAS – at the State University of Mato Grosso, Campus Cáceres – MT, is the result of an intervention project in Portuguese at the Wellington Flaviano Coelho State School, located in the Márcio Pereira Settlement, in the municipality of São José do Povo, state of Mato Grosso. This project was conducted in an attached room in Gleba Cascata at Escola Municipal Rural Padre Dionísio Kuduavicz, in the municipality of Rondonópolis/MT, and involved students from the 8th and 9th years of Elementary School II Campo-Multi. The theoretical basis of this work is based on Pêcheuxian Discourse Analysis, initiated in France, which brings Eni Orlandi as its precursor in Brazil. Considering the influence of historical determination on meaning processes, authors such as Orlandi (2020), Pêcheux (1995), Pfeifer (2016), Dias (2014), among others, are important references for this study. The main objective of the intervention is to promote the reframing of students' reading and argumentative writing practices. This involved reading and writing texts with different significant materialities, aiming to provide students with the practice of multiple gestures of understanding. The project was based on the understanding that reading is determined by the socio-historical situation in which it occurs, according to Orlandi (2012a). Therefore, the students contributed to the construction of a reading file that addressed relevant topics suggested by them related to their experiences, such as organic food production and environmental preservation in family farming; home composting; healthy eating and; technology in the field. Students carried out research to become authors in reading and writing texts in different formats, according to the chosen themes. This helped to understand that the production of arguments is rooted in the history and ideological formation of each individual. Furthermore, the project addressed students' difficulties in reading, interpreting text and writing, especially in the post-pandemic situation. The pedagogical intervention aims to develop in students the practice of argumentation based on reliable facts and meanings, promoting the formation of citizens capable of sustaining their interpretation gestures in an ethical and responsible manner.

**Keywords:** Reading. Discursive process. Different significant materialities. Argumentation.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 – A RELAÇÃO ESCOLA-CAMPO NA CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO E SUAS CONDIÇÕES DE LEITURA E ESCRITA</b> .....	18
1.1 Os sujeitos-alunos do oitavo e nono ano da turma Campo-Multi .....	25
1.2 A Educação do Campo: algumas considerações .....	27
<b>2 – COLHENDO OS PERCURSOS DA TEORIA</b> .....	33
<b>3 – UM SOLO A SER FERTILIZADO: ANALISANDO A ARGUMENTAÇÃO EM DISCURSOS SOBRE A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS NA AGRICULTURA FAMILIAR – ENTRE TANTOS</b> .....	41
3.1 Os primeiros gestos de interpretação dos sujeitos-alunos do campo.....	48
3.2 Palestra com os técnicos da EMPAER/MT – ampliando o arquivo.....	67
3.3 Apresentação de seminários dos sujeitos-alunos sobre as temáticas da pesquisa em grupo.....	70
3.3.1 G 01 – Alimentação saudável, a qualidade dos alimentos e o papel dos agricultores na produção.....	72
3.3.2 G02 e G04 – Produção de alimentos orgânicos e a importância na preservação ambiental na agricultura familiar.....	74
3.3.3 G03 e G05 – Compostagem como forma de adubação orgânica em produção caseira .....	78
3.3.4 G06 – Tecnologia e inovação no campo, o uso de tecnologia e inovação na agricultura.....	81
3.4 Os gestos de escrita dos sujeitos-autores, em texto argumentativo.....	83
3.4.1 TEMA 01 – Alimentação saudável, a qualidade dos alimentos e o papel dos agricultores na produção.....	88
3.4.2 TEMA 02 – Produção de alimentos orgânicos e a importância da preservação ambiental na agricultura familiar.....	91
3.4.3 TEMA 03 – Compostagem como forma de adubação orgânica em produção caseira .....	95
3.4.4 TEMA 04 – Tecnologia e inovação no campo, o uso de tecnologia e inovação na agricultura familiar .....	100
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	104
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	109
<b>APÊNDICES</b> .....	113

## INTRODUÇÃO

*Sou feita de retalhos. Pedacinhos  
coloridos de cada vida que passa pela  
minha e que vou costurando na alma. Nem  
sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me  
acrescentam e me fazem ser quem eu sou.  
Em cada encontro, em cada contato, vou  
ficando maior...  
(Cora Coralina)*

Sou Eliete Oliveira de Souza Marzochi, nasci em Barreiras – BA no dia 9 de julho de 1970. Em 1972 minha família retirou-se da Bahia para Mato Grosso em busca de melhores condições de vida. Meu pai começou como agricultor na condição de meeiro numa fazenda de parentes que já estavam morando aqui na região do Naboreiro. Só por volta de 1975 surgiu a oportunidade de ter suas próprias terras, fazendo parte de um grupo de sem-terra, que ocupava uma propriedade involuta na região da Gleba Cascata. Iniciei meus estudos na 1ª série aos 7 anos na Escola Rural Fazenda Florestal, onde concluí o Ensino Fundamental I. Iniciei o Ensino Fundamental II numa escola urbana, pois em 1982 ainda não havia oferta desta modalidade na comunidade da Gleba Cascata, no entanto, no ano seguinte a escola foi construída<sup>1</sup> e então concluí meu Ensino Fundamental II na atual Escola Municipal do Campo de Educação Básica Padre Dionísio Kuduavicz.

Figura 1 – Imagem da Escola



Fonte: Arquivo da Emater/MT.

---

<sup>1</sup> Construção de uma sala em pau-a-pique feita pelos moradores, pais dos alunos da comunidade.

Ingressei em meu Ensino Médio em 1987 na modalidade Magistério, pois sempre sonhei em ser professora. Desde muito cedo, aos 18 anos, ainda na formação do Magistério, ingressei profissionalmente na educação, trabalhando como monitora das Creches Diocesanas em Rondonópolis/MT. Após a conclusão do Magistério atuei como professora contratada no município de Rondonópolis e na rede estadual de ensino, na escola do Campo mencionada acima, com turmas do Ensino Fundamental II, na área de Linguagens, ainda sem curso superior, o qual só ingressei em 1997, concluindo em 2002.

Desde o início do meu percurso profissional, procurei participar das formações continuadas, pois no nosso fazer pedagógico, muitas são as indagações que nos movem em busca de novos saberes, e pensar em educação é refletir sobre os sujeitos que nela estão envolvidos. O processo de ensino e aprendizagem, seja qual for sua especificidade, designa, acima de tudo, o perfil de quem atua nela.

Quando estava na graduação em Letras, trabalhava como professora contratada com turmas de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, ministrando as aulas de Língua Portuguesa. Eram alunos do Campo, pois sempre tive muita afinidade com essa modalidade, primeiro porque era e é o meu lugar de fala, depois porque me sinto inserida nessa comunidade, que só a partir de 2012 assumi concurso público nas redes Municipal, na Unidocência e Estadual, no Fundamental e Médio e, desde então, continuo atuando efetivamente na educação no Ensino Fundamental e Médio na área de Linguagens.

Assim que terminei minha graduação, iniciei uma Especialização em Língua Portuguesa que ampliou ainda mais meu leque de conhecimento e me estimulou a seguir com os estudos. Fiz minha pesquisa na área da leitura, tendo como título: “A formação do Leitor da Zona Rural, Escola Padre Dionísio: uma contribuição”, assim, com o olhar de uma pesquisadora, pois era assim que me via, e sonhava em um dia fazer Mestrado. Sonho que está sendo realizado depois de mais de vinte anos após a conclusão da Especialização.

Nesse percurso, as dificuldades apresentadas pelos alunos na leitura, interpretação e escrita sempre me causaram inquietações, o que me impulsionou a querer buscar mais conhecimentos para o enfrentamento de tais questões em formação

continuada ofertada pelos órgãos competentes. Sempre almejei oferecer um trabalho que realmente fizesse sentido na aprendizagem dos meus alunos.

Nesse sentido, ao ingressar no Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/MT, fiquei encantada durante as aulas ministradas no curso e com as primeiras leituras apresentadas por todo o corpo docente, que, diga-se de passagem, são profissionais excepcionais e, principalmente, na disciplina Texto e Ensino, ministrado pela minha orientadora, nas leituras sobre a análise do discurso. Foi um reencontro, pois na especialização tive meu primeiro contato com a análise de discurso, onde realizei trabalhos de leitura e análise em discurso, e Orlandi nos foi apresentada em alguns textos. Com mais maturidade, mas não suficiente para não fazer tietagem, encontrei oportunidade de refletir sobre as dificuldades de leitura e escrita dos alunos e, ao mesmo tempo, repensar minhas práticas como professora de Língua Portuguesa em sala de aula.

Nesta perspectiva, nosso trabalho inscreve-se na Análise de Discurso (AD) de linha pêncheutiana, que tem Eni Orlandi, minha orientadora, como sua precursora no Brasil. Tendo na práxis pedagógica outras teorias inscritas nos materiais pedagógicos disponibilizados pelas redes de ensino, que designam o ensino dos “gêneros textuais”, que aqui consideraremos as diferentes *formas de discurso*, em suas distintas conjunturas e funcionamento. Tampouco trataremos separadamente as práticas discursivas e a exterioridade de que fazem parte. E a isso chamamos historicidade, ou seja, pensamos as distintas formas de discurso em suas diferentes formas materiais e efeitos de sentidos, produzidos em condições de produção específicas. A AD nos possibilita compreender que necessitamos abrir espaços para nossos alunos a novas maneiras de ler e escrever, conforme nos coloca Orlandi (2010, p. 28):

A análise de discurso aponta, pois, para novas maneiras de ler, para outros gestos de leituras, outra escuta, sustentada por dispositivos teóricos e analíticos que nos permitem não apenas nos reconhecermos no que lemos (ou ouvimos), mas que conheçamos os modos como os sentidos estão sendo produzidos e as posições sujeitos se constituindo na relação do simbólico com o político. Sim, porque a análise e discurso trabalha com a relação de poder simbolizadas, não há dizer que não seja político, no sentido em que o próprio processo de significação é dividido, depende das relações que derivam do sócio-histórico.

Desse modo, a proposta sobre a qual nos identificamos para este estudo não poderia se distanciar desses apontamentos, uma vez que a análise de discurso, nessa abordagem, é enraizada em dispositivos teóricos e analíticos específicos. Esses instrumentos não apenas permitem a identificação subjetiva no que é lido ou ouvido, mas também oferecem meios para compreender como os sentidos são construídos e como as posições dos sujeitos são formadas na interseção do simbólico com o político. A compreensão dos sentidos produzidos em textos, por exemplo, não pode ser dissociada das relações sociais e históricas que moldam e são moldadas por esses processos discursivos. Entender um pouco estes processos é de suma importância para o desenvolvimento desse estudo, pois destacamos a importância de considerar o viés político inerente à produção de significados, ressaltando a interdependência entre o simbólico, o político e as relações de poder na análise de discurso.

Tudo o que destacamos, nessa intervenção, é fruto de um trabalho que contempla, dentre tantas incertezas, uma questão que surgiu a partir do desafio que vínhamos enfrentando em sala de aula em relação às práticas de produção de texto, principalmente, quando, nessas produções, os sujeitos-alunos são convocados a expor, a sustentar pontos de vista ancorados em argumentos. Mesmo que os temas abordados para o desenvolvimento dessas produções, tanto as orais em formas de palestra, seminário, quanto as escritas em textos argumentativos, fossem pertinentes a eles, às suas vivências no campo, o que percebíamos era a grande dificuldade para avançar em suas práticas textuais e a rejeição em expor sua escrita em produções de textos.

Nessa conjuntura, as práticas com as diversas formas materiais, o seu domínio e ensino enriquecem as práticas discursivas, às quais atribuem caráter social. Possuem características como inter-relação entre sujeitos significantes. É preciso lembrar que ao incorporar as tecnologias digitais neste trabalho não se objetivou utilizá-las somente como meio ou suporte para promover aprendizagens ou despertar o interesse dos alunos, mas, sim, de praticá-las com os alunos para que construam conhecimentos com e sobre as tecnologias, pois na atualidade o ensino da língua materna precisa se valer das formas discursivas que circulam socialmente, tanto nas esferas do cotidiano quanto nas acadêmicas e profissionais. Neste trabalho, nos valem das tecnologias para a formação do nosso arquivo de leituras, na pesquisa de outras possibilidades textuais,

incluindo o não verbal que também tece argumentos relevantes para o entendimento do tema abordado na nossa pesquisa.

Além disso, o trabalho com textos de diferentes materialidades significantes, dentre elas as Charges, as HQs, as reportagens, os *podcasts*, as entrevistas etc., possibilita trazer para o espaço da sala de aula um material que articula diferentes linguagens em sua composição, de modo a darmos, também, visibilidade à discursividade do não verbal, pois para Orlandi (2012a), a escola, muitas vezes, desconsidera a convivência dos alunos com diferentes formas de linguagem. A análise do não verbal em textos diversos também oferece oportunidade para discutir questões relacionadas à multimodalidade e às diferentes formas de representação simbólica na contemporaneidade. Elementos gráficos, visuais e sonoros podem conter discursos próprios, complementando ou até mesmo contradizendo o sentido produzido, ampliando as camadas de significação presentes nos textos.

Por isso, esta pesquisa apresenta um plano de intervenção para desenvolver práticas de leitura e de escrita, com textos de diferentes formas materiais, além de conhecer as práticas simbólicas diversas vivenciadas por alunos do Ensino Fundamental. Para o desenvolvimento deste trabalho, partimos, *a priori*, da hipótese de que os alunos de Ensino Fundamental II, adolescentes que têm acesso às novas tecnologias, sofrem forte influência das práticas linguísticas praticadas nessas condições de produção, dedicando grande parte do seu tempo a atividades de inter-relação discursiva via Internet, no entanto, apresentam baixo rendimento em suas produções argumentativas. Isso sugere o modo como essas condições digitais moldam as práticas discursivas dos adolescentes nas formas de linguagem e construção de sentidos.

Os temas abordados, como a produção de alimentos orgânicos, compostagem caseira, alimentação saudável e conservação do meio ambiente na agricultura familiar e tecnologias e inovação na agricultura familiar, mobilizaram um arquivo de leitura recheado de diversas materialidades significantes, propondo que a intervenção para desenvolver práticas de leitura e escrita não se limitasse apenas ao aspecto técnico da linguagem. Ela sugere um enfoque mais amplo, visando desenvolver competências críticas nos alunos, capacitando-os a compreender, questionar e produzir discursos significativos sobre temas relevantes para a comunidade e o meio ambiente. Vale

ressaltar, que no início da pesquisa os temas não estavam predefinidos, eles apenas rondavam o anseio da pesquisadora em envolver sua turma em assuntos que fossem relevantes para a realidade local em roda de conversa informal. Somente após o Exame de Qualificação, com uma sugestão mais pontual da banca voltada para a alimentação orgânica, é que os temas se consolidaram.

Nessas condições, o ensino da língua considera a questão política – que é ideológica – e possibilita ao sujeito-aluno o conhecimento do modo como a linguagem funciona, de como colocá-la em discurso, oportunizando a ele assumir a responsabilidade pelo seu dizer, compreendendo o mecanismo da argumentação como “parte dos processos discursivos” (Pêcheux, 1988, p. 81). Nesse sentido, ao pensar a argumentação discursivamente, reafirmamos sua importância como conhecimento imprescindível em nossas vidas, ao considerarmos que todo e qualquer discurso é determinado ideologicamente, sob os fundamentos da teoria que mobilizamos.

Inquieta com as práticas pedagógicas que negam ao sujeito-aluno a possibilidade de se posicionar sustentando um ponto de vista, de argumentar, de ocupar a posição-autor, é que procuramos desenvolver o projeto de intervenção com uma turma Campo-multi de 8º e 9º anos de uma escola pública no campo, na qual leciono. Reconhecendo o desinteresse do sujeito-aluno em ser protagonista e o aumento das dificuldades no conhecimento das práticas argumentativas ao deixarem o Ensino Fundamental, e que são visíveis nas práticas de estudos com os quais estarão em contato no Ensino Médio, é que tomamos como base a perspectiva teórica da AD, e tecemos questionamentos sobre as condições de produção que sustentam o ensino e a aprendizagem da argumentação no ambiente escolar, como: como as concepções de argumentação são, geralmente, abordadas no material didático? Quais sentidos os sujeitos-alunos atribuem a essa prática? Quais os sentidos que circulam como evidentes sobre o ensino da argumentação no espaço escolar?

Em nosso percurso analítico, buscamos sentidos para as questões propostas ao tomar como *corpus* as temáticas anteriormente abordadas. A reflexão sobre esses temas no ambiente escolar do campo permite uma análise, se não profunda, inicial, propiciando diálogos significativos com o sujeito-aluno acerca do funcionamento das discursividades relacionadas a esses assuntos em uma sociedade capitalista. A análise de

como esses temas são discutidos na esfera educacional revela a necessidade premente de uma abordagem mais crítica e contextualizada, que leve em consideração não apenas as práticas discursivas, mas também os valores e interesses subjacentes, muitas vezes, ou na maioria das vezes, moldados pela lógica do capital. Reforçamos a importância de uma conscientização crítica entre os sujeitos-alunos. Essa conscientização pode e deve ser promovida por meio de práticas pedagógicas que busquem desvelar as ideologias subjacentes às discursividades hegemônicas e estimular uma compreensão mais ampla das complexas interações entre linguagem, poder e estruturas socioeconômicas, podendo servir como ponto de partida para uma educação mais engajada, capaz de cultivar não apenas habilidades linguísticas/discursivas, mas também a consciência crítica necessária para a participação ativa na transformação da sociedade.

Apresentado o eixo, segundo o qual esta proposta se embasou e se desenvolveu, esse texto foi dividido em três capítulos. No primeiro, contextualizaremos o espaço em que se deu a pesquisa, a cidade, as escolas e sua organização, enfatizando a relação da pesquisadora com a comunidade escolar.

No segundo, apresentaremos as bases teóricas que sustentam a elaboração desta Dissertação e das atividades, com o intuito de darmos visibilidade aos efeitos que o processo de apropriação teórica produziu em nosso fazer docente, bem como as eventuais modificações decorrentes do Exame de qualificação e do desenvolvimento da intervenção.

No terceiro, apresentaremos, minuciosamente, as atividades desenvolvidas presencialmente nesta prática pedagógica, num movimento de descrição, interpretação e as análises das atividades propostas dentro e fora da sala de aula. Bem como as adversidades que nos chegaram de surpresa e que nos apontaram mais um desafio para conseguirmos terminar a nossa proposta de intervenção em meio ao caos causado por uma gestão pública para o fechamento de mais uma unidade escolar do campo no estado de Mato Grosso. De modo que novos gestos na nossa prática pedagógica tiveram que ser reformulados.

Finalizaremos com uma reflexão de todo o processo, em nossas considerações finais, abordando a relação teoria-prática para o desenvolvimento deste trabalho. A relação da pesquisadora com a teoria abordada antes e após a conclusão, bem como a

apreciação do trabalho realizado, as expectativas e possibilidades de projetos futuros e os efeitos produzidos na mestranda ao longo do processo.

## 1 – A RELAÇÃO ESCOLA-CAMPO NA CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO E SUAS CONDIÇÕES DE LEITURA E ESCRITA

*A maior riqueza do homem  
é a sua incompletude.  
Nesse ponto sou abastado.  
Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito.*

*Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,  
que puxa válvulas, que olha o relógio,  
que compra pão às 6 horas da tarde,  
que vai lá fora, que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.*

*Perdoai  
Mas eu preciso ser Outros.  
Eu penso renovar o homem usando borboletas.  
(Manoel de Barros)*

Neste capítulo, descrevemos o cenário para o qual a proposta foi concebida e os objetos de trabalho selecionados. Assim, além das condições de produção, dos sujeitos inseridos no projeto, apresentamos também o perfil dos estudantes e teceremos algumas considerações sobre as formas como são produzidas as práticas pedagógicas frente aos documentos institucionais que determinam o funcionamento escolar e as teorias pertinentes para a fundamentação desta proposta.

Inicialmente, devo dizer que não é possível situar o *locus* desta pesquisa, sem antes mencionar que os envolvidos estão em mais de um espaço, tanto físico quanto geográfico. Primeiramente, é importante dizer ao leitor que a comunidade da Gleba Cascata é onde está localizada a Escola Municipal Padre Dionisio Kuduavicz, que oferta o Ensino Fundamental I, pelo município de Rondonópolis. Esta, funciona como Sala Anexa da Escola Estadual Wellington Flaviano Coelho, localizada no município de São José do Povo, ambas escolas do campo e ambas em Mato Grosso. Quando falamos em Sala Anexa<sup>2</sup>, estamos nos referindo a um espaço adicional vinculado a uma instituição principal, a sede. Esta escola principal é a Escola Estadual Wellington

---

<sup>2</sup> Com base na Resolução nº 157/02-CEE/MT que Regulamenta o Regime de Oferta de Educação Básica em Salas Anexas para as Escolas Públicas, temos que: [...] Art. 1º – Conceituar sala anexa como o espaço físico destinado ao atendimento educacional do Ensino Fundamental, Ensino Médio ou Educação de Jovens e Adultos, que funcione fora da sede da escola pública com curso/etapa autorizado e ou reconhecido, sob a responsabilidade administrativa e pedagógica da mesma.

Flaviano Coelho, que oferta o Ensino Fundamental II e Ensino Médio nas modalidades Regular e EJA. Ambiente criado com a finalidade de atender a comunidade da Gleba Cascata com estas modalidades de ensino em Sala Anexa, a qual a professora/pesquisadora tem atribuição na área de Linguagens e suas Tecnologias nos componentes Língua Portuguesa, Arte e Língua Inglesa.

Isto exposto, passamos a apresentar a Escola Padre Dionísio Kuduavicz como o *locus* da nossa pesquisa na comunidade da Gleba Cascata.

Figura 2 – Imagem atual



Fonte: Arquivo da pesquisa.

A Escola Municipal do Campo de Educação Básica Padre Dionísio Kuduavicz está localizada a, aproximadamente, 50 Km de Rondonópolis/MT, na região denominada de comunidade Rural Gleba Cascata, antiga “Fazenda Floresta”. Conforme depoimento oral de “posseiros pioneiros”, esta fazenda teve o nome alterado através de um recado da extinta Rádio Branife em 1973, em que o locutor fazia diariamente

anúncios chamando o povo para vir a Rondonópolis, dizendo que o município estava distribuindo terra, e dizia assim: “Mas é na cascata” – falava em forma de pilhéria, daí pegou o nome Cascata. Ele passava o recado para as pessoas e dizia onde eram as terras. Daí as pessoas chegavam das diversas regiões do País à região perguntando: “Aqui que é a Cascata?”.

A partir de 1973, quando aproximadamente 280 famílias não proprietárias se impuseram e se fixaram definitivamente na região, iniciaram-se pressões para a construção de uma escola local. Travava-se uma luta intensa pela criação de uma escola para atender as crianças filhas desses trabalhadores que vinham junto com os pais lutar por um pedaço de terra, nela produzir e sobreviver, sendo o Senhor Cosme Damião de Freitas o líder desse movimento educacional. Com a intensificação dos conflitos na luta pela terra e as reivindicações de melhorias para os “posseiros”, neste mesmo ano foi criada uma sala de aula multisseriada para atender alunos da 1ª a 4ª séries, na forma de “sala anexa” da Escola Municipal Vila Paulista, situada próxima à sede de Rondonópolis.

Em 1975, foi criada a Escola Rural Municipal Duque de Caxias, da Gleba Cascata, atendendo 80 alunos distribuídos nas quatro séries do ensino primário, sendo a professora Isabel Budini a primeira professora a dar aula nesta comunidade, onde atualmente funcionam 10 salas de aula para atender alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental e EJA. No ano de 1978, o poder público disponibilizou verbas para a construção de uma escola de alvenaria, onde foram construídos: 04 salas de aula; 01 cozinha; 02 banheiros e uma secretaria. Com a infraestrutura pronta, passou a ser implantado, de forma gradativa, o atendimento dos anos finais até a 8ª série, hoje conhecido como anos finais do Ensino Fundamental.

O Nome da escola “Padre Dionísio Kuduavicz”, escolhido em processo de votação, foi uma homenagem ao ativista Padre Dionísio Kuduavicz, que começou a atuar na Gleba Cascata em 1975, fazendo um trabalho da Pastoral da Terra. Veio para esta comunidade em substituição a outro religioso que renunciou ao cargo, temendo os conflitos oriundos das constantes invasões, passando a dar assistência moral e espiritual através das missas que realizava. Permaneceu neste trabalho mais ou menos 4 anos. Com relação à questão administrativa, a Escola Padre Dionísio Kuduavicz sempre

esteve vinculada às diretrizes operacionais da Secretaria de Educação Municipal de Rondonópolis, que até 1990 mantinha controle das matrículas, registros escolares, coordenação pedagógica e administrativa.

A Escola Padre Dionísio Kuduavicz é um polo de atendimento das comunidades vizinhas: Assentamento Primavera, São Francisco, Assentamento Esperança, Gleba União, Assentamento Resistência, fazendas circunvizinhas, como a fazenda Búfalo Branco, Queijaria, Fazenda Santa Clara e Fazenda Três Rios, e 2 salas anexas na Galileia, garantindo assim o direito à aprendizagem das crianças, jovens e adultos nos três períodos diários: matutino, vespertino e noturno. A escola conta com 8 salas de aula, salas de direção, coordenação e secretaria, cozinha com refeitório, banheiros, quadra poliesportiva e um amplo espaço com gramado e *playground*. Ela conta com um quadro de 9 professores efetivos, incluindo aí professores com função de gestão – diretor e coordenadora. Depois de passar pelo processo de redimensionamento em 2023, atende alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental I no período matutino e, como Sala Anexa, o Fundamental II e Médio no vespertino e EJA no noturno.

A comunidade escolar da Escola Padre Dionísio é formada, em sua maioria, de pequenos produtores rurais. Uma pesquisa realizada em 2022 com a comunidade para reestruturação do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, apontou que a maioria tem Ensino Fundamental e Médio completo, com faixa etária entre 25 e 50 anos; 66% dos entrevistados residem em sua propriedade e 34% se apresentam como agregados da família e funcionário de outras propriedades; as residências têm em média quatro pessoas por família; as crianças, em geral, ficam com os avós ou irmãos no período em que não estão na escola. Outros fatores significativos apontados pela pesquisa referem ao modelo de organização socioeconômica da comunidade, onde se observa que, do total de moradores da comunidade campesina da região, apenas 28,27% se identificam como produtor rural, fator que impacta diretamente sobre o tema da nossa intervenção pedagógica; 12,73% são donas de casa; 44,25% estão trabalhando como empregados assalariados nas propriedades vizinhas e 5,75% disseram trabalhar na cidade durante o dia/semana retornando à noite ou nos finais de semana.

A comunidade da Gleba Cascata está localizada no município de Rondonópolis no estado de Mato Grosso, Brasil. Rondonópolis foi fundada em 1953, a partir de um projeto de colonização liderado pelo governo federal. Inicialmente, a região era habitada por indígenas, e a chegada de colonizadores impulsionou o desenvolvimento. O nome da cidade é uma homenagem ao Marechal Cândido Rondon, figura importante na história brasileira, conhecido por suas contribuições para a integração nacional e pela defesa dos direitos indígenas. A cidade possui uma diversidade sociocultural resultante da mistura de diferentes grupos étnicos e culturas. A influência indígena é evidente, mas há também traços das culturas europeia e africana, refletindo a formação do povo brasileiro. Rondonópolis conta com festas tradicionais, como festivais religiosos, festas juninas, e eventos que celebram a diversidade cultural local.

A economia de Rondonópolis é predominantemente baseada na agropecuária, devido à fertilidade do solo na região. A cidade se destaca como um importante polo agroindustrial, com a produção de soja, milho, algodão, carne bovina e outros produtos agrícolas, sendo considerada a “Capital do Agronegócio”. A logística também desempenha um papel crucial, pois Rondonópolis está estrategicamente localizada em relação a rodovias importantes, facilitando o escoamento da produção. Está situada na região sudeste de Mato Grosso, sendo cortada por importantes rodovias, como a BR-364 e a BR-163. A topografia da região é caracterizada por planícies e relevos suaves, favorecendo as atividades agrícolas. O clima é tropical, com uma estação seca no inverno e uma estação chuvosa no verão.

Como observamos acima, a Escola Municipal Padre Dionísio Kuduavicz funciona como sala anexa da Escola Estadual Wellington Flaviano Coelho. Essa escola está localizada no Assentamento Márcio Pereira, no município de São José do Povo<sup>3</sup>, foi criada em 06/04/2006 pelo Decreto de Criação nº 7.438/06 de 12/04/06, autorizada pela resolução 384/04, reconhecida pela Portaria 49/2000, inscrita no CNPJ nº 07 993 994/0001-33, e recredenciada para a oferta da Educação Básica, etapas: Ensino Fundamental e Ensino Médio na Modalidade Educação do Campo, e Ensino Fundamental e Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos-EJA, pelo período de 01/01/2019 a 31/12/2021.

---

<sup>3</sup> Informações retiradas do PPP – 2022.

Figura 3 – Imagem da E E Wellington F. Coelho



Fonte: Arquivo da pesquisa.

A escola atende os ciclos de formação humana, Ensino Médio regular e modalidade EJA em regime de alternância, dentro da especificidade de cada localidade, atendendo as seguintes modalidades: Educação Jovem e Adulto Ensino Fundamental 1º e 2º segmentos e Ensino Médio regular e EJA, 1º ano, 2º ano e 3ª fase na sede e em salas anexas em outras localidades.

Possui em seu quadro de pessoal 01 (um) diretor, 27 (vinte e sete) professores, 01 (um) coordenador, 04 (quatro) merendeiras, 03 (três) zeladoras, 03 (três) vigias, 01 (uma) secretária, 01 (um) apoio administrativo. Já a infraestrutura é dividida em 04 salas de aula, 01 sala subdividida em coordenação e sala dos professores, 01 sala de recurso, 01 secretaria, 01 cozinha, 01 laboratório de informática, 02 banheiros para alunos, 01 biblioteca.

A escola Wellington Flaviano Coelho foi idealizada e conquistada por meio de lutas pela terra e por educação dentro dos Projetos de Assentamentos, no qual o P.A. Márcio Pereira foi contemplado dentro do PDA (Plano de Desenvolvimento dos Assentamentos). A escola, apesar de construída, permaneceu com as portas fechadas e

no ano de 2005, através do Programa Letra-Ação, foi reivindicado o prédio para o funcionamento da sala que funcionava no barracão da comunidade ao lado da escola fechada. Foi firmado acordo dentro da própria comunidade, e pela demanda que o assentamento possuía foi solicitado junto à SEDUC o funcionamento da escola.

Foi autorizado o funcionamento da Escola. Pela escolha da comunidade local e circunvizinha, atribuiu-se o nome de Wellington Flaviano Coelho em homenagem ao técnico que realizou diversos trabalhos para os assentados, quando o local ainda era um acampamento. Foi depois disso que se tornou um assentamento. Wellington faleceu logo depois do assentamento se consolidar e, por isso, a comunidade resolveu homenageá-lo, identificando a escola com o seu nome.

No ano de 2006 a escola iniciou suas atividades escolares, atendendo a comunidade do Assentamento Márcio Pereira, com as séries iniciais e a EJA nas modalidades Beija Flor/semipresencial. Vale ressaltar, segundo aponta Pereira (2017) em sua dissertação de mestrado, que “a escola também tem uma característica muito peculiar e importante, que é a de oferecer condições de estudos em várias localidades diferentes,” fato vivenciado pela professora/pesquisadora que atuava (a escola foi fechada no dia 31/12/2023) numa dessas localidades, o *lócus* da nossa pesquisa. Segue Pereira (2017, p. 33)

Para a atuação em uma escola do Campo, principalmente em uma escola que é resultado de lutas e reivindicações, é preciso que se tenha uma identidade política libertadora, pois esse profissional tem que ter a clareza de que o ato de educar é um ato político, que na educação, de modo geral, não se pode fazer esta divisão e, quando se trata de Educação do Campo, isso se torna mais fundamental ainda.

Ao tomar a livre iniciativa, por parte dos professores, para realizar busca de pessoas com interesse de estudar e realizar matrículas, ir em busca de transporte e até de novas localidades, estes profissionais se inserem às condições, à realidade das comunidades, aproximando o sujeito do campo e alunos com a escola, com a oportunidade, muitas vezes, única de continuidade e término de estudos. Assim, a escola Wellington atendeu um grande número de alunos, principalmente na modalidade

da EJA – Educação de Jovens e Adultos – em extensões espaciais que excediam o limite do município do qual fazia parte, o município de São José do Povo.

São José do Povo está a 48 km de Rondonópolis e a 302 km da capital do estado. Tem a economia voltada para os trabalhos de manejo e condução da atividade da pecuária leiteira junto ao modelo de produção da Pequena Propriedade Rural. Distribuídas em quatro Assentamentos Rurais Produtivos: Sandrini, Márcio Pereira, João Pessoa e padre Josímo Tavares, bem como pequenos sítiantes e chacareiros existentes nas regiões da Serrinha, Distrito de Nova Catanduva, Reta Mineira, Alto Bandeirantes, entre outros. O município de São José do Povo faz limites com Poxoréu, Guiratinga, Pedra Preta e Rondonópolis, sendo considerado um dos municípios de menor extensão territorial de Mato Grosso.

### **1.1 Os sujeitos-alunos do oitavo e nono ano da turma Campo-Multi**

A turma do oitavo e nono ano Campo-Multi é composta por 23 alunos, sendo 11 alunos do 8º ano e 12 do 9º. Nas turmas tínhamos 8 meninas e 15 meninos, desses, temos um aluno especial que apresenta, segundo laudo médico, quadro de atraso de desenvolvimento neuropsicomotor acompanhado de prematuridade, hipóxia neonatal com hemorragia encefálica, e possui acompanhamento para suas atividades em sala e também fora dela. Com idade entre 12 e 14 anos, são moradores nos Assentamentos e fazendas circunvizinhas na comunidade da Gleba Cascata. A maioria desses sujeitos-alunos trabalham junto com os pais em pequenas propriedades da reforma agrária, onde desenvolvem atividades rurais com gado leiteiro, cria e recria, aves e suínos, pequenas lavouras e hortas. Alguns desses alunos trabalham junto às famílias em grandes plantações de bananas e mamão na região.

Figura 4 – Turma 8º e 9º anos Campo-Multi



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Vale ressaltar que essa turma, até o ano de 2022, era da Escola Municipal Padre Dionísio que, ao passar pelo redimensionamento<sup>4</sup> estadual, passa todo Fundamental II – do 6º ao 9º ano – para a rede Estadual de Ensino. Esses estudantes trazem na sua trajetória acadêmica as dificuldades causadas pela instabilidade escolar vivenciadas pela Pandemia da Covid-19. Considerando que as aulas nesse período foram realizadas por meio de atividades impressas e enviadas aos alunos pelo transporte escolar, apresentando desafios únicos para alcançar as habilidades e competências previstas na Base Curricular Comum, bem como o Documento de Referência Curricular (DRC) para Mato Grosso. Assim, diante desses desafios, foi fundamental implementar estratégias de recuperação de aprendizagem que levassem em conta as necessidades individuais dos alunos. Nossa proposta de intervenção pedagógica objetiva dar suporte para que os sujeitos-alunos alcancem as habilidades de ler e escrever textos argumentativos, para promover a aprendizagem e ajudar a aplicar essas habilidades em diferentes contextos, preparando-os para enfrentar os desafios para o desenvolvimento acadêmico, intelectual, social no mundo contemporâneo de forma mais crítica, reflexiva e eficaz.

---

<sup>4</sup> O redimensionamento é uma política de estado que estabelece que os municípios fiquem responsáveis pela educação infantil e pelo primeiro ciclo do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), enquanto o Estado fica responsável pelo segundo ciclo do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e pelo Ensino Médio. O seu formato é bem definido pelo artigo 10, da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (LDBE), que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no Plano Nacional de Educação (PNE), entre outras leis federais no âmbito da educação pública (Seduc/MT).

No final da nossa proposta, tendo em vista algumas transferências, terminamos com um total de 20 alunos.

## **1.2 A Educação do Campo: algumas considerações**

A compreensão da história de Educação do Campo no Brasil surge no contexto de lutas sociais e movimentos organizados que buscavam melhorias para as populações rurais, incluindo a reforma agrária e a garantia de direitos básicos, como educação e saúde. Movimentos como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) têm desempenhado um papel significativo na promoção de educação do campo e na defesa dos direitos das comunidades rurais.

Desse modo, o Estatuto da Terra, aprovado como Lei Nº 4.504/64, pode ser identificado como a primeira legislação fundiária brasileira que incorpora significativas dimensões agrárias, não só de acesso à terra, mas a de implementar políticas agrárias que contemplassem, prioritariamente, a questão produtiva. De acordo com o Estatuto, “A aplicação da presente Lei deverá objetivar, antes e acima de tudo, a perfeita ordenação do sistema agrário do País, de acordo com os princípios da justiça social, conciliando a liberdade de iniciativa com a valorização do trabalho humano”.

Ao observarmos o cenário da História Agrária Brasileira, marcado por lutas pelos movimentos sociais pela conquista de um pedaço de terra, vamos perceber que a luta por uma educação do campo perpassa por essa mesma trajetória. As sociedades camponesas, com sua movimentação e organização, lutaram não apenas por uma educação rural, mas por uma educação do campo, sobretudo nas três últimas décadas do século XX. As propostas e definições no âmbito educacional, nos anos 90, seguiram as recomendações de agências financeiras internacionais. Nesta mesma década, a Educação Básica do Campo conquistou espaço na LDB 9394/96, tratada no Artigo 28, que diz:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais

necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III – adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Esse avanço na legislação foi resultante da articulação dos movimentos sociais, que em 1998 conseguem articular e realizar a I Conferência: Por uma Educação Básica do Campo em Luziânia – GO, evento que a professora/pesquisadora pôde participar, pois representava o Setor de Educação de um acampamento do MST em Rondonópolis. Essa conferência resultou numa articulação que contribuiu para a criação e implementação de políticas públicas para a Educação do Campo, e a aprovação, em 2002, pela Câmara de Educação Básica, do Conselho Nacional de Educação, das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.

Compreende-se por Escola do Campo, conforme Resolução CNE/CEB (2002)

Art. 2º – Parágrafo único. A identidade da escola do Campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (Portal MEC).

Depois, em 2002, veio também a realização da II Conferência Nacional para ampliar as forças e os compromissos pela Educação, pois contou com a participação de diversas organizações na luta por políticas públicas para todos (Volume 4; Documento final da II Conferência).

Apesar das especificidades de cada estado para criar e implementar as políticas de Educação do Campo, em Mato Grosso não foi diferente, segundo as orientações curriculares, nesse contexto se situam os trabalhos, as mobilizações, os encontros e os seminários, a fim de refletir e trocar experiências de propostas para a constituição de Educação do campo no estado. Nessa trajetória, em 2002, o Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso aprovou o Parecer nº 202-B sobre a educação do campo; em 2003, por meio da resolução nº 126/03, instituiu as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica do Campo no Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso. Em 2004,

foi realizado na capital, Cuiabá, o I Seminário de Educação do Campo, com apoio do MEC e em 2006 oficializou-se a Coordenadoria de Educação do Campo na SEDUC, e realizou-se o II Seminário de Educação do Campo na cidade de Sinop/MT, onde foi criado o Fórum Estadual de Educação do Campo e aprovada uma carta de intenções, onde indicava a necessidade da formulação de Políticas Públicas específicas para a Educação do Campo.

Em 2007, segundo o mesmo documento, foi constituída uma comissão interinstitucional (SEDUC, CEE, UNDIME, ALMT, AME, UFMT e UNEMAT) com o objetivo de elaborar o Plano Estadual de Educação, que traz no seu capítulo onze, dedicado à Educação do Campo, que constata em seu diagnóstico inicial:

Parte da população do campo é atendida em escolas da zona urbana, utilizando transporte escolar. Este fato é prejudicial ao processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista a dificuldade na oferta de efetivo transporte, transporte de qualidade e a grande distância percorrida pelo estudante, ensejando seu desgaste físico e mental. Outro fator a ser considerado é que a existência de transporte escolar de alunos do campo para a cidade transcorre ao avesso das políticas de fomentação da cultura campesina do país.

Isso evidencia que o plano destaca uma preocupação importante com a educação das populações rurais, abordando as desigualdades no acesso à educação entre áreas urbanas e rurais, reconhece os desafios enfrentados pelos estudantes do campo, e enfatiza a importância de políticas educacionais que fortaleçam as comunidades rurais e suas identidades culturais. Assim, o Plano Estadual de Educação, em consonância com as Diretrizes Nacionais, criou o Comitê Interinstitucional de Educação do Campo em Mato Grosso com o objetivo de discutir, propor, acompanhar e avaliar a Educação Pública no Estado.

Em Rondonópolis, as políticas públicas voltadas para a educação do campo, assim como no estado, por um período, foi palco de debates, encontros para propor e implementar uma proposta que atendesse essa modalidade de ensino. Vale ressaltar que nesse município, em 2007, o decreto nº 4513 desativou onze escolas do campo, ocorrendo a nucleação das escolas, ou seja, o deslocamento de alunos para uma escola geralmente maior, funcionando como polo para receber educandos residentes nas

localidades circunvizinhas. Esse fato emergiu devido à diminuição da população residente na zona rural por fatores de ordem social e econômica desse modelo de produção capitalista, onde os latifúndios com o desenvolvimento da monocultura da soja predominavam e ainda predominam.

Daí decorre que mesmo com os Fóruns, os Seminários, os encontros, que a princípio tiveram uma proporção intensa de debates que buscavam implementar nas escolas situadas no campo uma educação voltada às necessidades das comunidades rurais, essas políticas não foram efetivadas. De modo que os debates perderam a força, mesmo com a participação de professores e demais profissionais das escolas do campo e intermédio da SEMED (Secretaria Municipal de Educação), sob orientações da professora Doutora Lindalva/UFMT, para sistematização de uma proposta que seria diretriz das escolas do campo do município de Rondonópolis, no entanto, essa proposta não chegou no chão da escola do campo. E tanto a Secretaria Municipal quanto a Diretoria Regional de Ensino não possuem representantes para essa população educacional do campo em suas sedes no município, ficando bastante evidente as políticas estaduais de fechamento de mais escolas do campo.

As ações feitas nas unidades escolares para valorizar e atender as demandas da população do campo, são ações pontuais que não são legitimadas pelas políticas públicas educacionais de Mato Grosso, apesar de, no papel, ocuparem espaços nas diretrizes e orientativos que são encaminhados anualmente para as instituições. Incluindo aí matrizes curriculares direcionadas ao campo denominadas “Eletivas Ciências e Saberes do Campo”, que abrangem “Agroecologia; Agricultura Familiar; Economia Solidária”, com algumas sugestões de uso nos orientativos, mas sem estrutura física e tecnológica para serem implementadas, de modo que sobram orientativos e falta formação continuada para ser trabalhada no chão da escola do campo.

Kolling, Nery e Molina (1999), sobre o propósito da Educação do Campo e seus desafios para alcançar o maior número possível de moradores do campo e, assim, melhorar a qualidade desta modalidade, asseguram que,

O propósito é conceber uma educação básica do campo, voltada aos interesses e ao desenvolvimento sociocultural e econômico dos povos que habitam e trabalham no campo, atendendo às suas diferenças

históricas e culturais para que vivam com dignidade e para que, organizados, resistam contra a expulsão e a expropriação, ou seja, este *do campo* tem o sentido do pluralismo das ideias e das concepções pedagógicas (Kolling; Nery; Molina, 1999, p. 28-29).

Assim, esse propósito, quer dialogar com essa população da sociedade brasileira, pois não basta ter escolas *no campo*, mas construir escolas *do campo*, com projeto político pedagógico vinculado “às causas, aos desafios, aos sonhos, à história e à cultura do povo trabalhador do campo”, ou seja, à identidade desses grupos. Um modelo que foge desse diálogo não comunga para superar os desafios, pelo contrário, tende a se tornar um entrave, que inquieta os profissionais da educação que se veem engessados numa política pública estadista, que tem como meta o aumento no número de programas de governo e não na qualidade da educação.

Em um texto sobre educação do campo, Caldart (2006) faz um balanço seis anos após a I Conferência Nacional, e nas suas contribuições para a criação de uma proposta de educação que atenda os sujeitos do campo, enfatiza a importância de entender a educação do campo a partir da perspectiva dos próprios camponeses, levando em conta suas necessidades, interesses e lutas históricas. Isso implica reconhecer que a educação não é algo neutro ou universal, mas é moldada pelos contextos sociais, políticos e culturais específicos de cada grupo. A autora destaca que a educação do campo é concebida não apenas como um processo de transmissão de conhecimentos, mas como um espaço de conscientização política e desenvolvimento pedagógico, e que deve estar intrinsecamente ligada aos interesses sociais e políticos da comunidade do campo. Diz ainda que, apesar dessa particularidade, a educação é um processo universal, essencial para o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões.

De acordo com a autora:

A Educação do Campo faz o diálogo com a teoria pedagógica desde a realidade particular dos camponeses, mas preocupada com a educação do conjunto da população trabalhadora do campo e, mais amplamente, com a formação humana. E, sobretudo, trata de construir uma educação *do povo do campo* e não apenas *com* ele, nem muito menos *para* ele (Caldart, 2006, p. 12).

Pensada nesta perspectiva, a educação do campo objetiva a formação integral dos sujeitos, no seu desenvolvimento de habilidades cognitivas, no cultivo de valores, atitudes para uma participação ativa e consciente na sociedade atual.

Caldart (2006) destaca que

Um dos fundamentos da construção deste projeto é a compreensão da sua *materialidade de origem*. E este, aliás, pode ser um bom ponto de partida para clarear as concepções desde o ponto de vista de quem tem compromisso com sua raiz, sua memória” (Caldart, 2006, p. 13, grifos nossos).

Ao destacar “materialidade de origem”, chamamos atenção para um fator que costumamos observar no chão da escola, muitas vezes, que vai na contramão do que está sendo proposto aqui, as condições concretas e tangíveis do espaço do campo, um projeto que contemple os recursos disponíveis, como escolas, professores e materiais educacionais, mas também as condições socioeconômicas, políticas e culturais das comunidades rurais na atualidade. Propostas que visam “voltar ao que era antes”, nada significam para esse sujeito hoje, se tornaram obsoletas, não frutificam. Salientar a importância de manter um vínculo sólido com as raízes e a memória das comunidades rurais, implica reconhecer e valorizar a história, as tradições, os conhecimentos e as práticas culturais das comunidades, quando tem, incorporando-os de forma significativa ao currículo e às práticas educacionais.

## 2 – COLHENDO OS PERCURSOS DA TEORIA

*Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde...  
Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como  
educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática.*  
(Paulo Freire)

A linguagem é produzida pelo sujeito a partir das relações sociais, determinadas pela história; ela se constitui da práxis humana, sendo, portanto, uma prática social. Na linguagem, o sujeito significa o mundo e a si mesmo. Assim, para contribuir com a ressignificação da leitura e escrita na escola, lançando mão dos textos de distintas formas materiais, para ampliar essa leitura e escrita no Ensino Fundamental II, pensamos esse projeto de intervenção na perspectiva da Análise de Discurso (AD), a qual considera que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo (Orlandi, 2015). Logo, a compreensão de leitura e escrita são (re)significadas por esse prisma já a partir da segunda metade do século XX, se tomarmos em consideração M. Pêcheux, com sua Análise Automática do Discurso (1969, trad. Bras. 2019), em que ele define o discurso como efeitos de sentidos entre locutores. Também, com Pêcheux (1988), aprendemos que o indivíduo, afetado pela língua(gem), é interpelado em sujeito pela ideologia. Assim, este autor propõe a teoria do discurso como a determinação histórica dos processos de significação. A linguagem sempre sendo tomada na sua relação com a exterioridade, levando em conta suas condições de produção e a conjuntura sociopolítica e ideológica, pois não há, segundo Pêcheux (1988) discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia.

Para este estudo também faremos uma abordagem da leitura de imagens em textos, sendo um campo de estudo que se concentra na relação entre diferentes materialidades, como texto verbal, imagem, som e vídeo. Lagazzi (2018) vem contribuir para esse campo de estudo sobre o papel das imagens na produção discursiva de diferentes materialidades significantes. Ela argumenta que as imagens podem ser usadas de várias maneiras em textos, desde ilustrar conceitos até fornecer informações adicionais ou emocionais que não são transmitidas somente pelo texto verbal. Destaca também a importância de considerar a situação cultural e social em que as imagens são usadas, bem como a relação entre as imagens e o texto.

Cada vez mais, surgem várias outras formas de discursos que fazem a relação entre imagem e texto. Além de serem amplamente produzidos, são grandemente divulgados nos mais diversos meios de linguagem, em revistas, jornais, livros, televisão e internet. Mais e mais os professores têm a preocupação de inserir nas aulas de Língua Portuguesa, a produção de formas textuais, textos e imagens. Os livros didáticos também estão trazendo muitas imagens apoiadas nos textos escritos, vários *layouts* e *designs* são criados, diariamente, devido ao avanço das tecnologias que fazem uso das diferentes materialidades significantes como textos. É necessário que o professor esteja apto para esse trabalho, uma vez que essas imagens são carregadas de ideologia, levando o aluno a um maior questionamento, discernimento e criticidade diante desses textos e, principalmente, a significação desses textos para a sua vida cotidiana, que eles possam estar bem formados no domínio visual e nas suas escolhas. Segundo Oliveira (2010, p. 3):

É muito importante que o leitor esteja apto a ler essas múltiplas linguagens que lhe são apresentadas, sendo capaz, portanto, de atribuir sentidos ao que lê, capaz de utilizar essa prática de leitura em situações cotidianas da sua vida.

Assim, os textos de distintas formas materiais não são apenas a junção de imagens e textos, eles são constituídos por várias simbologias e significados, cabendo ao professor ter um posicionamento crítico diante destes textos para inserir os alunos nas condições de produção de gestos de leitura, interpretação e produção, assumindo cada vez mais a noção de sujeito e de autor que produz e sustenta seus argumentos frente a outras posições, compreendendo a direção dos seus sentidos.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), estudantes precisam desenvolver a competência de

Argumentar, com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta (Brasil, 2018).

Assim, a Base destaca a importância do desenvolvimento da habilidade de argumentação como um dos objetivos do Ensino Fundamental, com o objetivo de formar cidadãos capazes de participar ativamente da sociedade, defender seus pontos de vista e respeitar as opiniões dos outros. E isso envolve a capacidade de produzir argumentos, baseados em fatos, dados e informações relevantes, e de apresentá-los de forma clara e organizada. Além disso, a BNCC prima em desenvolver habilidades de escuta ativa e de diálogo, que permitam aos estudantes compreender e respeitar as opiniões dos outros e participar de debates construtivos. Para desenvolver a habilidade de argumentação, a BNCC propõe que os estudantes sejam expostos a diferentes tipos de textos argumentativos, como artigos, ensaios, cartas de opinião, discursos políticos, entre outros.

O documento destaca também a relevância de desenvolver habilidades de pesquisa e de análise crítica de informações, que permitam aos estudantes construir argumentos embasados em fontes confiáveis e relevantes. Objetivamos oferecer as condições necessárias, a partir da constituição de um arquivo de leitura, como proposto por Pêcheux (1994, p. 3), “um campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. Assim, será construído com os estudantes, que poderão desenvolver as habilidades propostas pela base, levando em consideração o trabalho com os textos de diferentes materialidades, analisando-os quanto à linguagem verbal e não verbal, trabalhando com textos argumentativos.

Para a Análise de Discurso, a argumentação *é um modo de funcionamento da ideologia*, e esta, *é constitutiva da argumentação, ela estrutura a argumentação*. Para Orlandi (2021, p. 111)

A argumentação se dá em certas condições e mobiliza a articulação de formações discursivas diferentes, em sua filiação à memória discursiva. Ela se dá na *relação* do sujeito com o outro. O discurso, como sabemos, é efeito de sentidos entre locutores, em determinadas condições de produção, e, dada a relação entre interpretação e ideologia, desencadeia um processo de argumentação. Um argumento arregimenta interpretações inscritas em uma formação discursiva enquanto lugar provisório da metáfora (transferência, deriva), face a outra (ou outras) formação discursiva.

Na análise do discurso o argumento resulta, segundo a autora, de um gesto de interpretação que produz um efeito de sentido constituído na relação de formações discursivas, por isso, para trabalhar com a argumentação é preciso conhecer a articulação das formações discursivas. Para a autora, o argumento não leva a uma conclusão, ele busca um “deslocamento” de sentidos. Ao filiar este Projeto na perspectiva da análise do discurso materialista, os sujeitos aqui representados tomarão a argumentação como processo discursivo que se dá na instância das “coisas a saber” (Pêcheux, 1990), que nos chegam não pelo conhecimento, pela aprendizagem, mas pela ideologia, domínio do imaginário e do inconsciente, que funciona pela instância pragmática. Importa, ainda, na perspectiva da argumentação compreender o que é processo discursivo. Para Pêcheux (1988, p. 161),

Processo discursivo designa o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias etc., que funcionam entre elementos linguísticos – “significantes” – em uma formação discursiva dada. Os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes.

Assim, ele ressalta a maneira como os indivíduos são transformados em sujeitos falantes através da interação com formações discursivas que refletem formações ideológicas específicas. Para o processo discursivo, o autor enfatiza que a linguagem não é estática, mas sim dinâmica em constante movimento. Os elementos linguísticos, como palavras, expressões, proposições, interagem entre si de maneiras diversas, formando relações de substituição, paráfrases e sinonímias. Deste modo, a argumentação é vista como um processo discursivo complexo que envolve não apenas a apresentação de pontos de vista e evidências, mas também a influência/a posição das formações discursivas e das condições de produção discursiva.

É preciso observar que na argumentação não há só o “a favor ou contra”, trata-se, como dissemos, de deslocamento, de sustentação de sentidos produzidos em face de outras formações discursivas, outras posições-sujeito. É preciso atravessar o imaginário e buscar o real dos sentidos que trabalham nossa conjuntura histórica, sociopolítica contemporânea.

Orlandi (2022) nos convida a significar o texto para além de suas margens, o que movimenta a noção de leitura que se pratica na escola, de maneira a se romper com o efeito ideológico que estabiliza a produção unívoca do sentido, uma vez que

as palavras não significam em si. Elas significam porque têm textualidade. Ou seja, porque sua interpretação deriva de um discurso que se sustenta, que as provê de realidade significativa. E sua disposição em texto faz parte dessa sua realidade. É assim que na compreensão do que é texto podemos entender a relação com a exterioridade (o interdiscurso), a relação com os sentidos. O texto é um objeto linguístico-histórico (Orlandi, 2022, p. 88).

A autora apresenta a compreensão do texto “como unidade de sentido em relação à situação discursiva” (Orlandi, 2022, p. 75), subsequente da noção de discurso como “efeito de sentidos entre locutores” (Orlandi, 2022, p. 66), que considera a relação entre os sujeitos em determinadas condições de produção, o que nos convoca a refletir sobre esses

efeitos que resultam da relação de sujeitos simbólicos que participam do discurso, dentro de circunstâncias dadas. Os efeitos se dão porque são sujeitos dentro de certas circunstâncias e afetados pelas suas memórias discursivas (Orlandi, 2022, p. 19)

Ao apontar para a *memória discursiva*, a autora diz, respeito às formas, como os discursos e as práticas discursivas mobilizam e constroem sentidos, a partir da memória de arquivo, que, segundo Orlandi (2022, p. 19), é “aquela que não esquece, ou seja, a que as Instituições praticam, alimentam, normatizando o processo de significação [...] e que mantêm os sujeitos em certa circularidade”, entendendo assim como um ponto de partida para a compreensão da memória discursiva. Assim, através dos vestígios presentes nos textos, é possível perceber como a memória é acionada, negociada e atualizada nas práticas discursivas contemporâneas. Essa abordagem permite analisar como os discursos constroem relações com o já-dito, retomando, e/ou ressignificando elementos da memória.

Orlandi também aborda a *memória metálica*, e a considera, como memória algoritmizada, produzida pela máquina, a da circulação, que se produz em série, pelo

acúmulo, nas redes, memória horizontal, e que não se historiciza. Estas diferentes noções de memória serão observadas na análise e compreensão de nosso objeto de pesquisa, os textos argumentativos produzidos pelos alunos.

Para os estudos da linguagem visual, imagens e textos de diferentes formas materiais, Kress e Van Leeuwen (1996) fundamentam-se nos estudos da linguística sistêmico-funcional, considerando a linguagem como uma prática social. Embora a perspectiva com que trabalham esses autores seja a funcionalista, interessa-nos, aqui, apontar para o que dizem sobre a linguagem visual, de imagens, e o que chamam de textos ‘multimodais’, ou seja, os textos de diferentes materialidades significativas.

Sendo assim, o desenvolvimento dessa abordagem para análise de imagens pode, eventualmente, nos ajudar a examinar como os elementos visuais, como cor, forma e composição, são praticados para criar significados e efeitos específicos em conjunto com o texto. Também considera como os diferentes tipos de imagem, como fotografias, ilustrações e gráficos, são usados em diferentes condições de produção. As imagens em textos, em que se articulam diferentes formas materiais, são um campo de estudo importante para entender como diferentes funcionamentos discursivos produzem significado, o que vem corroborar com a presente pesquisa, que busca ampliar a leitura e escrita de textos no Ensino Fundamental II, praticando as diferentes formas materiais como forma de estimular os processos e os gestos de interpretação dos alunos, bem como os gestos de produção textual em “discursos que textualizam-se em diferentes materialidades significantes” (Orlandi, 2015).

Atualmente, *materialidades significantes* estão simbolizadas pelos avanços tecnológicos, pelos meios de comunicação que favorecem a todos um contato entre as culturas do mundo, pela *memória metálica*. A memória metálica, considerada por Orlandi como “*a produzida pela mídia, pelas novas tecnologias de linguagem. A memória da máquina, da circulação, que não se produz pela historicidade, mas por um construto técnico (televisão, computador etc.)*”, pensada assim, não existe distância, não precisa sair de casa. Os chamados meios de comunicação têm facilitado para que os sentidos cheguem até nós de forma rápida e muitas vezes ao mesmo tempo do acontecimento, como podemos vivenciar na internet, que tem oferecido sentidos e entretenimento para públicos variados, em tempo real.

Orlandi (2015, p. ) afirma:

Com as novas tecnologias de linguagem, à memória carnal das línguas “naturais” juntam-se as várias modalidades da memória metálica, os multimeios, a informática, a automação. Apagam-se os efeitos da história, da ideologia, mas nem por isso elas estão menos presentes. Saber como os discursos funcionam é colocar-se na encruzilhada de um duplo jogo da memória: o da memória institucional que estabiliza, cristaliza, e, ao mesmo tempo, o da memória constituída pelo esquecimento que é o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro.

Desse modo, a mídia tem uma relação direta com as pessoas e grupos sociais, interferindo ideologicamente nos gostos, comportamentos e decisões, e, em especial, as que são mais frequentes entre este grupo de sujeitos, alunos que residem no campo, como os aplicativos de *smartphone* e as redes sociais. Isso nos leva a entender que a escola tem o seu papel em disponibilizar o uso dos *multimeios* como contribuição para o desenvolvimento do aluno. Usar a mídia a favor da educação para que não sejam dominados por ela, mas que possam tirar proveito a favor do conhecimento, sua formação intelectual. Assim, interessa-nos tanto a linguagem verbal, como a não verbal.

Ao conceber a produção de texto como materialidade verbal, o professor de Língua Portuguesa, ao trabalhar com a produção de textos, pode identificar nos gestos de produção escrita de seu aluno como as escolhas linguísticas, incluindo vocabulário, estrutura de frases, estilo, pontuação, entre outros, contribuem para a construção de significado e ideologia do sujeito autor. A materialidade verbal também é essencial para a compreensão da polissemia, ou seja, a multiplicidade de significados que as palavras e expressões podem ter. Ela permite uma interpretação crítica dos textos, revelando como as escolhas linguísticas são influenciadas por fatores sociais, políticos e culturais. Isso ajuda a identificar como o poder e a ideologia se manifestam na linguagem. Assim, a materialidade verbal não pode ser dissociada do contexto social e histórico em que um texto é produzido. Pfeiffer (1995), nos esclarece que

Para que o sujeito se coloque na posição de autor é preciso que ele crie um espaço de interpretação (a possibilidade do gesto interpretativo que vem do outro – virtual). Ao mesmo tempo, ele precisa

necessariamente estar em relação (inserido no) com o Outro – o interdiscurso” (Pfeiffer, 1995, p. 37).

Do mesmo modo, as diferentes linguagens com suas diferentes materialidades se apresentam com a abertura do simbólico, ou seja, se prestam à produção de múltiplos sentidos em condições de produção distintas. As diferentes materialidades significantes afetam o gesto de interpretação, o que resulta em diversas formas de produzir sentidos.

A BNCC destaca a importância de desenvolver habilidades de análise e interpretação de textos multimodais (para nós, distintas formas materiais significantes), que permitam aos estudantes compreender como os diferentes modos de linguagem são combinados para produzir sentidos. Isso inclui a compreensão de como elementos visuais, como cores, formas e disposição na página, podem determinar a interpretação de um argumento, tal qual a compreensão de como elementos sonoros, como trilha sonora e efeitos sonoros, podem ser produzidos para criar efeitos emocionais ou enfatizar pontos-chave do argumento.

Pretendemos trabalhar com autores que estudam a linguagem e suas tecnologias, a leitura, a escrita e a produção argumentativa em textos de diferentes materialidades e as múltiplas formas de leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa, na perspectiva da Análise do Discurso. Para isso tomaremos como referência autores como Pêcheux; Orlandi; Pfeiffer; Indursky; Dias, entre outros.

### **3 – UM SOLO A SER FERTILIZADO: ANALISANDO A ARGUMENTAÇÃO EM DISCURSOS SOBRE A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS ORGÂNICOS NA AGRICULTURA FAMILIAR – ENTRE TANTOS**

*“Na agricultura orgânica, a terra é vista como um organismo vivo, um solo a ser cuidadosamente nutrido e cultivado, em vez de uma fonte de recursos a serem explorados sem restrições.”*  
(Wendell Berry)

Nosso propósito, neste capítulo, é dar visibilidade, de forma esmiuçada, ao percurso metodológico pelo qual trilhamos na execução das práticas discursivas às quais nos propusemos, das previstas e, também, das que foram se constituindo ao fazer pedagógico até chegarmos à constituição final do *corpus*, às reflexões e às análises a partir do embasamento teórico e aos efeitos produzidos do sujeito-aluno e, também, a nós, mediadores do processo. Ao usar o plural majestático, entendemos que estamos cercados por diálogos que se embasam teoricamente nas nossas práticas pedagógicas, de modo que não estamos sós, pois, *“Um galo sozinho não tece a manhã”*.

Iniciamos o ano letivo de 2023 com uma ideia do Projeto de Intervenção tendo em vista as dificuldades que os alunos apresentam em relação à leitura e à escrita. Sempre me afligiu o fato dos alunos, tanto do Fundamental II quanto do Ensino Médio, apresentarem baixo rendimento em leitura, interpretação e produção de textos, principalmente os argumentativos. Sempre observei que os alunos apresentam um interesse maior quando da leitura e interpretação de textos que apresentam sua composição em linguagem verbal e não verbal, tidos nos manuais didáticos como “multimodais”, mas para este estudo de base teórica na Análise de Discurso materialista, são denominados textos de diversas materialidades significantes, pois o que assoma em sua importância é considerar sua materialidade: cor, pintura, imagem, música, escultura, escrita etc., trabalhando assim com a forma material da linguagem.

Com o intuito de contribuir de modo significativo para o avanço da aprendizagem dos sujeitos-alunos, nesse aspecto, pensamos então em uma proposta que alinhasse o fazer metodológico com as teorias da Análise do Discurso introduzidas no curso de Mestrado, um desafio, pois desde o início dos estudos desta teoria constatamos que vivíamos imbricados por um discurso autoritário e que, por vivência, fomos

inseridos em um ambiente semelhante e, por consequência, agíamos também como professores autoritários (Orlandi, 2001). Desse modo, ter clareza sobre os aspectos que compõem todo esse processo em AD para rompermos com as velhas práticas pedagógicas foi e é um grande desafio.

Conforme exposto no Capítulo I, iniciamos as aulas sem ter atribuição completa<sup>5</sup>, de modo que, como professora efetiva, transitei do 6º ao 9º ano e Ensino Médio. Ao conhecer as turmas, nos identificamos com a turma do 8º e 9º anos Campo-Multi, algo que veio ao encontro de nossas perspectivas. Mesmo só com as ideias iniciais e leituras propostas pela orientadora em janeiro, já fui introduzindo o estudo de textos verbais e não verbais trazendo atividades diversas, com diversos assuntos, inclusive instigando os alunos sobre possíveis temas de interesse para que consolidássemos nossa proposta. Só em meados de março, depois de reunião via *Skype* com a orientadora, definimos objetivos, metodologia, fundamentação teórica, mas ainda não ficou definido o tema, somente a intenção de trabalhar com temas relacionados ao cotidiano dos sujeitos-alunos do campo, como compostagem e alimentação saudável, já suscitados em conversas informais com os sujeitos-alunos.

Ao direcionarmos nosso interesse para compreender as razões por trás das dificuldades dos alunos no desempenho argumentativo, observamos que a articulação entre o ensino da língua e a pesquisa tornou-se essencial. Nesse percurso, marcado por rupturas e desconstruções, nossa resistência inicial deu lugar à reflexão, flexibilidade e mudança de postura. A convicção que emergiu desse processo é a importância de fundamentar o trabalho docente em bases teóricas sólidas. A teoria proporciona a estrutura necessária para as proposições feitas em sala de aula. Dessa forma, percebemos que a prática metodológica de articular o trabalho docente ao processo de pesquisa é fundamental. Isso implica analisar as práticas de ensino de linguagem e os processos de significação das produções orais e escritas no contexto discursivo da sala de aula.

---

<sup>5</sup> Isso ocorre de modo corriqueiro na maioria das escolas do Campo no estado de Mato Grosso, onde a formação de turmas deve seguir as normativas vigentes no estado, não respeitando as especificidades do Campo onde ocorre um número menor de alunos por turmas, mesmo que estas sejam formadas na modalidade Multi.

Em nossa abordagem, não nos limitamos apenas às atividades desenvolvidas, mas direcionamos nosso olhar para as relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos nesse processo, reconhecendo a reciprocidade das influências. Vale ressaltar que os temas abordados só foram consolidados em junho, depois do Exame de Qualificação, como sugestão da banca, para que voltássemos nosso olhar para a produção de alimentos orgânicos, tema que foi juntado aos outros de mesmo cunho e interesse dos sujeitos-alunos. Sujeitos estes que, sendo filhos ou netos de pequenos produtores da agricultura familiar, passam a ser autores, pois assim se constituem nesse processo.

Nesse movimento, o *corpus* da nossa pesquisa foi se constituindo pela realização dos processos desencadeados e dos gestos de interpretação advindos das ações em que tomamos como referência, os encaminhamentos metodológicos<sup>6</sup> propostos pelo projeto de intervenção, mediados pela orientadora, o qual foi possível ser efetivado em três etapas:

- A primeira etapa com a apresentação da proposta para a equipe gestora e para os sujeitos-alunos. Introdução aos estudos e reflexões, por meio de debates, sobre a prática e o ensino da argumentação;
- A segunda etapa, formação do arquivo com a introdução à temática da produção de alimentos orgânicos e a importância da preservação ambiental na agricultura familiar; a compostagem como forma de adubação orgânica em produção caseira; a alimentação saudável e o papel dos agricultores na produção; e tecnologia e inovação no campo na agricultura familiar. Construção do arquivo de leitura sobre as temáticas apresentadas; palestra com técnicos da Empaer/MT; apresentação de seminários;
- A terceira etapa com a produção de textos argumentativos como produto final; reescrita de textos observando os gestos de produção dos sujeitos-autores; Exposição dos textos produzidos em forma de mural como

---

<sup>6</sup> Foi utilizado nesta pesquisa para análise, a observação dos sujeitos-alunos na realização das atividades; os gestos de leitura e escrita; fotos dos momentos de algumas atividades; anotações da pesquisadora em seu caderno de bordo.

espaço de leitura na escola e socialização dos efeitos produzidos pelas ações interventivas com a comunidade escolar.

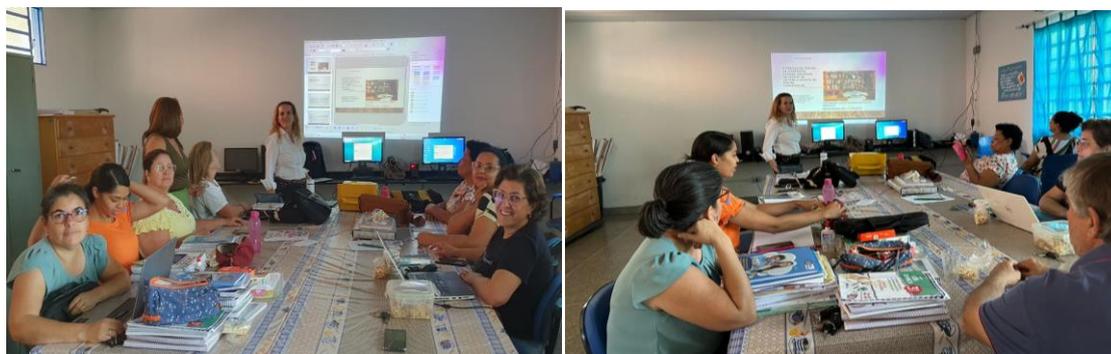
Vale ressaltar que a terceira etapa foi alterada, pois na reta final, fomos surpreendidos com o anúncio do fechamento da escola sede, o que abalou consideravelmente o desenvolvimento da nossa proposta. Pois a reescrita e a exposição ficariam para o ano seguinte – 2024. Fato interrompido, pois a pesquisadora não conseguiu seguir com as turmas de modo presencial, mas com a possibilidade de intervenção pelo grupo de *WhatsApp*.<sup>7</sup>

Neste percurso, iniciamos com a apresentação da proposta primeiro à equipe gestora – direção e coordenação – e aos professores da Escola Municipal Padre Dionísio, em encontro agendado no período de HTPC – Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo que acontece semanalmente. Devido às longuras não foi possível a participação da equipe gestora da escola sede – Wellington Flaviano Coelho –, no entanto o convite foi feito e a proposta foi encaminhada, posteriormente, para apreciação e liberação dos aparelhos de *Chromebook* para pesquisa e criação do nosso arquivo de leitura. A equipe gestora e os colegas professores ficaram entusiasmados com a proposta, principalmente porque o tema está voltado para o cotidiano dos sujeitos do Campo. Expuseram a importância da temática para os alunos como ponto de reflexão, para se verem no processo de posição de produtor de seus conhecimentos na perspectiva de poder sustentar sua posição frente a uma situação com argumentos que os constituem sujeitos-autor. Uma das professoras relatou a importância de propostas como essa para a Escola do Campo. Pois, em geral, as especificidades dessa clientela passam despercebido no fazer pedagógico. Socializar esta proposta e apresentar a perspectiva da argumentação pela Análise do Discurso é também uma forma de propor sentidos outros.

---

<sup>7</sup> Depois da defesa da dissertação, enquanto pesquisadora/professora, entrei em contato com a turma para agradecer e dizer da importância da participação deles no processo e me comprometi em digitalizar os textos produzidos pelos sujeitos-autores e organizá-los numa coletânea para entregar no segundo semestre, fato que os deixaram bastante contentes.

Figura 5 – Apresentação da proposta



Fonte: Acervo da pesquisa.

Nesse sentido, ao pensarmos o trabalho com a argumentação, nosso objetivo inicial foi criar condições para o estabelecimento de uma postura dialógica entre todos os envolvidos nesse processo. Buscamos, de maneira coletiva, criar um ambiente propício onde pudéssemos nos posicionar de forma diferente na posição de professor. Começamos por compreender que não somos os únicos elementos ativos nesse processo educacional. Foi preciso reconhecer a importância de enxergar o sujeito-aluno não apenas como um receptor passivo de conhecimento, mas sim como um outro legítimo, alguém que vem para se envolver em uma relação de aprendizagem específica conosco, dentro e fora do contexto escolar, constituindo-se na posição-sujeito autor.

A respeito da relação dialógica, compartilhamos da formulação de Orlandi (2012a) de que ela é fundamental para a estruturação da linguagem e propõe:

[...] não é só da ordem de um dos interlocutores ou do outro. É interação. Indo mais além. E invertendo agora a perspectiva dessa afirmação, diria que a relação dialógica é básica para caracterização da linguagem: o conceito de discurso se assenta sobre a relação dialógica na medida em que é constituído pelos interlocutores, ou seja, todo texto supõe a relação dialógica pela ação dos interlocutores (Orlandi, 2012a, p. 159).

Quando nos referimos à interação, compreendemos que ela não se limita apenas a um dos interlocutores ou ao outro, mas sim à troca constante entre ambos. Isso significa que todo texto, seja oral ou escrito, pressupõe a presença dos interlocutores e a interação entre eles. Em outras palavras, a relação dialógica é essencial para a produção

e compreensão do discurso, pois é por meio dela que os significados são construídos e sustentados, negociados.

Alicerçadas nessa perspectiva, fizemos a apresentação da proposta aos sujeitos-alunos. Falamos da importância do nosso trabalho, dos objetivos e sobre as etapas do projeto para a compreensão e o conhecimento da prática da argumentação, tendo os textos de diferentes materialidades significantes como suporte para o construto do nosso arquivo de leitura. Abordamos o fato de serem protagonistas do processo, peças fundamentais, pois na nossa posição de sujeito pesquisadora/professora, poder contar com a contribuição deles seria essencial para a conclusão do nosso estudo. Assim, seguimos desenvolvendo as atividades que traziam as relações com as condições de produção dos sujeitos alunos do campo. Para Orlandi (2012b, p. 117), “A relação do sujeito com a memória (interdiscurso), como dissemos, toma forma, se materializa na relação sujeito/autor, discurso/texto”.

Desse modo, ao longo do desenvolvimento das atividades de intervenção, os alunos foram gradualmente se formando e se tornando parte integrante do processo. Diversos significados foram questionados e desconstruídos à medida que os alunos exploravam e se engajavam nas leituras e ações propostas, como apresentaremos a seguir.

Após o exame de qualificação e com as sugestões da banca, fomos fazendo rodas de conversas informais com os alunos, mesmo antes da apresentação propriamente dita, pois algumas ações, no chão da escola, de ordem pontual e burocrática, como avaliações internas e externas, adiaram para setembro a apresentação da proposta, depois vieram férias em julho, licença prêmio da professora/pesquisadora em agosto. Assim, como o desejo de saber o grau de interesse da turma para o tema em análise, ainda nas férias, criei um formulário no *Google Forms (Blank Quiz)*, para pesquisar com os alunos alguns temas já retirados de rodas de conversas. Depois entrei em contato com a turma em grupo de *WhatsApp*, criado para esse fim, e passei as orientações para que acessassem e escolhessem ao menos um dos quatro temas sugeridos. Dos 22 alunos da turma, 11 responderam ao Formulário fazendo a escolha de um dos temas, apenas um aluno fez opção por 3 dos 4 temas apresentados.

Vale ressaltar que, enquanto escola do campo, o uso da tecnologia na escola ainda está dando os primeiros passos, o estado de Mato Grosso não disponibilizou internet para a nossa unidade escolar. A que a escola municipal dispõe é cedida por terceiros, e não é de boa qualidade, de modo que o uso da tecnologia ficou mais como acessório, como meio de pesquisas mais pontuais. A comunidade escolar, no geral, dispõe dessa internet e da que as operadoras de celular dispõem para seus usuários. Isto pode ter influenciado o não uso por parte da maioria dos alunos ao formulário enviado, além da falta de interesse de alguns. Quando do retorno das férias e questionados por não ter respondido, boa parte disse não ter acesso à internet, outros não possuir aparelho de *smartphone* para responder. Fato que nos fez refletir sobre o uso da tecnologia para o encaminhamento de algumas atividades da nossa proposta de intervenção.

Assim que a nossa proposta foi apresentada aos sujeitos-alunos, em aula seguinte fizemos uma roda de conversa com questões sobre a argumentação, pois investigar quais os sentidos que estavam circulando nos discursos deles, naquele momento, foi muito importante saber o que sabiam, as noções e as implicações da prática argumentativa na escola e, também, em outras esferas sociais, então pedi que respondessem a algumas questões sobre o assunto. Solicitei que fizessem, partindo da ideia que viesse à cabeça, num gesto de interpretação sobre a abordagem de cada questionamento, a saber:

- Você sabe o que é argumentar? Você argumenta no dia a dia? Com que finalidade você argumenta? Em que situação costumam argumentar? O que você já aprendeu sobre argumentação nas aulas de LP? O que é um assunto polêmico? Cite um exemplo de casos polêmicos que estão acontecendo em sua comunidade, cidade, estado, país etc. O que é preciso fazer para poder argumentar, de forma a dar sustentação ao seu ponto de vista sobre determinado assunto?

Depois que responderam por escrito a estas perguntas, fizemos a nossa roda de conversa sobre cada gesto discursivo. O que na oralidade foi mais esclarecedor, pois as respostas escritas foram mais genéricas, na oralidade as respostas ganharam gestos mais desenvolvidos, souberam (se) significar melhor, isso nos fez perceber que estavam em funcionamento as formações discursivas dos sujeitos e o “interdiscurso, que também

está afetado pelo complexo de formações ideológicas”, conforme nos orienta Orlandi. “O fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia” (Orlandi, 2015, p. 30). Isso nos permite deduzir a relação entre o já-dito e a memória discursiva do sujeito-aluno em relação ao assunto abordado, “entre a constituição do sentido e sua formulação”. Assim, “Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos” (Orlandi, 2015, p. 30). Assim que fizeram as exposições sobre o gesto de argumentar, fizemos nossa consideração e a divisão da turma em grupos.

O objetivo aqui foi aproximar os sujeitos-alunos por interesse de tema na pesquisa, de modo que formamos seis grupos: grupo um (G1), composto por três alunos com o tema “Alimentação saudável, a qualidade dos alimentos e o papel dos agricultores na produção”; grupos dois (G2) e quatro (G4) com três e quatro alunos, respectivamente, com o tema “Produção de alimentos orgânicos e a importância na preservação ambiental na agricultura familiar”; grupos três (G3) e cinco (G5) com três e quatro alunos, respectivamente, com o tema “Compostagem como forma de adubação orgânica em produção caseira”; e grupo seis (G6) com três alunos, cujo tema de interesse foi “Tecnologia e inovação no campo, o uso de tecnologia e inovação na agricultura”. Essa formação inicial se deu, como dissemos, por formulações discursivas de interesse dos sujeitos-alunos, compartilhadas em momentos de conversas informais em escolha voluntária por afinidade de interesse dos temas sugeridos e propostos.

### **3.1 Os primeiros gestos de interpretação dos sujeitos-alunos do campo**

Após a formação dos grupos, conforme já havíamos combinado antes, as atividades da proposta de intervenção pedagógica seriam realizadas neste formato, em grupos. Assim, nossa primeira atividade, nessa formação, foi dentro de cada grupo expor as ideias a respeito de cada tema proposto ali. Assim, todos os grupos apontariam seus gestos de interpretação diante de cada tema, apontando o que cada tema representa,

o grau de interesse e importância para a comunidade escolar enquanto cidadãos do campo e isso foi apresentado em pequeno texto escrito, que depois cada grupo socializou os gestos de interpretação aos demais, na oralidade. Isso foi importante para que os sujeitos-alunos interagissem, que fizessem sua interpretação mesmo diante de tema que não havia sugerido, percebendo que, mesmo sem ter feito leituras sobre os assuntos, a memória discursiva formulou sentidos, pois já sempre lá, conforme Orlandi (2015, p. 29), “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Por essa perspectiva, tudo o que já se disse sobre produção de alimentos orgânicos, sobre a alimentação saudável, sobre a compostagem orgânica e tecnologia e inovação no campo estão significando ali nos sujeitos-alunos do campo. Significando da mesma maneira ou diferentemente, dependendo da inscrição do sujeito em uma ou outra formação discursiva, que representa no discurso a formação ideológica com que ele se identifica.

Figura 6 – Formação dos Grupos



Fonte: Acervo da pesquisa.

Assim, os efeitos de sentidos, apontados pela escrita e expostos na oralidade em sala de aula, mostraram que, quanto à participação nos grupos, os sujeitos-alunos se inscreveram de maneira que puderam fazer o gesto de leitura e escrita nas suas relações com os temas abordados, de acordo com suas formações discursivas, conforme recortes apresentados nos Quadros 01, 02, 03, 04, 05, e 06.

Quadro 01 – Recortes escritos dos sujeitos-alunos

<b>TEMA 01 – Produção de alimentos orgânicos e a importância da preservação ambiental na agricultura familiar</b>	
G1	“Agricultura familiar é quando a sua própria família produz alimentos orgânicos na sua própria terra.”
G2	“Família rural quem pratica atividades no meio da própria família, percentual mínimo de renda familiar originada de atividades”
G3	“A agricultura familiar pode se beneficiar do cultivo orgânico porque utiliza técnicas de produção mais eficientes e sustentáveis, que permitem aumentar a produtividade sem prejudicar o meio ambiente, além de oferecer alimentos mais saudáveis e nutritivos, o que pode aumentar a renda dos produtores.”
G4	“A produção de alimentos orgânicos está relacionada a outra forma de fazer agricultura, tanto como orientação dos princípios da agroecologia e desenvolvimento sustentável, utilizando o solo, a água e os diversos recursos naturais de maneira responsável e não usamos nem um tipo de agrotóxico. A agricultura familiar é alicerçada em princípios que estabelecem uma relação harmoniosa do homem com o meio ambiente, para que ele possa retirar o sustento da terra, sem que para isso tenha que acabar com os recursos naturais.”
G5	“Meio ambiente, além de assegurar o consumo de produtos naturais, saudáveis e de qualidade sem deixar de lado o crescimento econômico, a agricultura familiar pode oferecer a produção de alimentos saudáveis a partir de técnicas que ajudam a preservar a biodiversidade.”
G6	“A produção de orgânicos pela agricultura familiar traz uma grande vantagem, a economia local fica movimentada refletindo a valorização na região onde convive com a venda de produtos da sua propriedade, o agricultor gera renda, acaba investindo na sua região, o que gera desenvolvimento econômico e social.”

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Ao analisarmos as falas dos sujeitos alunos de 8º e 9º anos do campo, sobre o tema da produção de alimentos orgânicos e a importância da preservação ambiental na agricultura familiar, podemos identificar alguns gestos de interpretação apontados na escrita, e perceber que os sujeitos-autores estão construindo definições e conceitos sobre agricultura familiar e produção de alimentos orgânicos. Estão elaborando suas próprias compreensões, muitas vezes embasadas em suas experiências e percepções do mundo ao seu redor. Há uma clara preocupação com a relação entre produção de alimentos e preservação ambiental. Destacam a importância de práticas sustentáveis na agricultura

familiar, ressaltando o uso de técnicas que não prejudicam o meio ambiente e que contribuem para a conservação da biodiversidade.

As falas evidenciam uma valorização da agricultura familiar como uma forma de produção que beneficia tanto o meio ambiente quanto a comunidade local, reconhecendo assim o papel fundamental dos pequenos agricultores na oferta de alimentos saudáveis e na dinamização da economia local. Além das questões ambientais, os sujeitos-alunos também mencionam aspectos econômicos e sociais relacionados à produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar, destacando a geração de renda para os produtores, o investimento na região e o consequente desenvolvimento econômico e social. Assim, o sujeito se inscreve num discurso que expressa opiniões sobre o que é desejável e benéfico em termos de práticas agrícolas e relações sociais, revelando não apenas suas percepções e entendimentos sobre o tema, mas também suas atitudes e valores, enquanto sujeitos do campo, em relação à agricultura, ao meio ambiente e à sociedade como um todo.

É possível identificar a posição de sujeito-autor, conforme abordado por Orlandi. Nesta perspectiva, o sujeito autor é aquele que produz um discurso, que toma posição e se posiciona diante de determinado tema ou assunto. Em cada grupo, alguns mais outros menos, é possível observar que elaboram argumentos, fazem afirmações e defendem pontos de vista, o que expõe a participação na construção do discurso. Cada fala/inscrição reflete o estilo e a linguagem próprios dos sujeitos-autores que a produziram. Eles selecionam palavras, construções sintáticas e recursos argumentativos de acordo com suas preferências e características individuais, o que evidencia sua autoria no discurso.

Quando o sujeito-autor faz seu gesto de leitura, “a produção de alimentos orgânicos está relacionada ‘a outra forma’ de fazer agricultura” (G4), aponta valores e experiências pessoais que influenciam sua argumentação. Gestos como “a economia local fica movimentada refletindo a valorização na região onde convive [...] investindo na sua região” (G6), reforça ainda mais a noção de sujeito-autor, pois reconhece a subjetividade envolvida na produção do discurso, a palavra *movimentada* ganha sentidos outros. Observamos nas formulações dos sujeitos alunos-autores do campo, as relações parafrásticas abordadas por Orlandi, nos discursos acima, por exemplo,

diferentes sujeitos abordam a mesma leitura de que a agricultura familiar é aquela realizada por membros da própria família, mas o fazem usando palavras e estruturas diferentes. Além disso, se inscrevem apontando uma identidade de pertença histórica e ideológica nas expressões “na região onde convive” e/ou “na sua região”. Observamos também as relações polissêmicas nos gestos de interpretação dos sujeitos-alunos, por exemplo, o termo “agricultura familiar” pode ter diferentes sentidos para diferentes sujeitos, podendo envolver aspectos econômicos, sociais, culturais, ideológicos, entre outros. Vale ressaltar que esses são os primeiros gestos de interpretação sobre o tema abordado pelos sujeitos-alunos.

Quadro 02 – Recortes escritos dos sujeitos-alunos

<b>TEMA 02 – Compostagem como forma de adubação orgânica em produção caseira</b>	
G1	“Repolho, casca de ovo, casca de batata, cenoura etc... esses são alguns restos de alimentos que são usados para produção de adubação.”
G2	“É o preparo de uma substância benéfica ao crescimento das plantas, por meio de compostagem de uma série de elementos que sofrem decomposição.”
G3	“Transforma a matéria orgânica encontrada no lixo em adubo natural, que pode ser usado na agricultura, em jardins e plantas, substituindo os agrotóxicos.”
G4	“Compostagem é restos de alimentos que armazenamos por um tempo até virar adubo e podermos usar para adubar as plantas.”
G5	“A compostagem, conhecida como o processo de reciclagem do lixo orgânico, transforma a matéria orgânica encontrada no lixo em adubo natural, que pode ser usado em jardins e plantas, substituindo o uso de produtos químicos.”
G6	“A compostagem é um processo que pode ser utilizado para transformar diferentes tipos de resíduos orgânicos em adubo que quando adiciona no solo, melhora as suas características físicas e biológicas.”

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Analisando os gestos de interpretação dos sujeitos-alunos do campo sobre o tema acima, podemos formular alguns sentidos. Os sujeitos demonstram um conhecimento prático sobre compostagem, isso foi relatado por alguns em sala de aula, pois participaram de um projeto de compostagem em anos anteriores, outros que já tentaram em casa ou conhecem alguém que tem essa prática na comunidade. Nos gestos de escrita eles mencionam ingredientes específicos utilizados na compostagem, como restos de alimentos, e descrevem, de modo prático, o processo de transformação desses

resíduos em adubo de forma simples e direta. Há uma clara conscientização ambiental presente nas falas dos alunos, que destacam a compostagem como uma alternativa sustentável para o tratamento de resíduos orgânicos. Também ressaltam a importância da compostagem na redução do lixo orgânico e na substituição de produtos químicos por adubo natural, demonstrando preocupação com a preservação do meio ambiente.

Interessante observar como o sujeito-aluno, na sua posição de autor, enfatiza os benefícios práticos da compostagem, destacando sua utilidade na melhoria do solo para o cultivo de plantas e na promoção de um ambiente mais saudável. Reconhecem a compostagem como uma alternativa eficaz de adubação, capaz de melhorar as características físicas e biológicas do solo, conforme aponta o G6. As descrições fornecidas pelos sujeitos-alunos são simples e acessíveis, refletindo uma linguagem e um entendimento diretos do processo de compostagem, o que sugere uma compreensão prática e vivencial do tema. Da forma como foi proposta a realização dessa atividade, tivemos o cuidado de não intervir nos sentidos produzidos pelos sujeitos-alunos sobre a temática, ou as temáticas de modo geral, pois esses sentidos resultam da posição de sujeitos alunos interpelados ideologicamente.

Quadro 03 – Recortes escritos dos sujeitos-alunos

<b>TEMA 03 – Alimentação saudável, a qualidade dos alimentos e o papel dos agricultores na produção</b>	
G1	“Alimentação saudável são alimentos que faz bem a saúde, alimentos orgânicos. O papel dos agricultores na produção é produzir e cuidar da sua plantação.”
G2	“Alimentação saudável é você não comer muitas bobagem, comer legumes, frutas, não comer muito se não vai fazer mal para a saúde. A qualidade do alimento é quando a comida vem da roça que é feita pela mão dos agricultores tipo quando avó faz aquela comida boa.”
G3	“Alimentação saudável, frutas, verduras, legumes que os agricultores produzem planta nos seus sítios, chácaras e vendem na feira, na rua e alguns vendem até para mercados ou mercadinho de bairro ou então vende nos bairros na casa fazem banca de verduras e etc., eles cuidam passam veneno para eliminar larvas e alguns bichos que fazem mal para as pessoas, alguns preferem carpi do que passar veneno.”
G4	O grupo deixou em branco.
G5	“Ajuda a proteger contra a má nutrição em todas as suas formas, bem como contra as doenças crônicas não transmissíveis, entre elas diabetes, doenças cardiovasculares, AVC e câncer. A importância dos agricultores é para a promoção da segurança

	alimentar e nutricional.”
G 6	“Além de identificarmos segmentos das cadeias produtivas dos setor agropecuários e avaliar os custos de produção e aspectos econômicos para a comercialização de novos produtos e serviços.”

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Ao analisar as falas dos sujeitos-alunos sobre Alimentação saudável, a qualidade dos alimentos e o papel dos agricultores na produção nesta perspectiva discursiva da AD, percebemos que estão construindo conceitos e saberes sobre alimentação saudável e o papel dos agricultores na produção de alimentos. Eles definem alimentação saudável como aquela baseada em alimentos orgânicos, refletem suas experiências e vivências relacionadas à alimentação, até mencionam a comida preparada pela avó e associam a qualidade dos alimentos à sua origem na roça, evidenciando suas percepções sobre o tema.

Reconhecendo o trabalho dos agricultores na plantação e venda de alimentos, destacando sua contribuição para a segurança alimentar e nutricional da população, eles refletem representações sociais e históricas sobre a agricultura e os agricultores, associando-os à produção de alimentos saudáveis e à promoção da saúde. Apesar de no G3 associarem o cuidar das plantas, passando “veneno para eliminar larvas e alguns bichos que fazem mal para as pessoas”, isso nos indica que alguns agricultores optam por utilizar agrotóxicos para eliminar pragas que prejudicam as plantações e garantir a produtividade das colheitas. No entanto, na sequência eles abordam que “alguns preferem carpi do que passar veneno”, revelando assim um conflito entre a eficácia percebida dos agrotóxicos na proteção das plantações e a preocupação com os potenciais danos à saúde e ao meio ambiente, sugerindo uma tensão presente no discurso dos sujeitos-alunos entre a necessidade de garantir a produtividade agrícola e a importância de adotar práticas mais sustentáveis e seguras.

Nesta perspectiva, tivemos de lançar mão de debates e leituras outras para que o sujeito-aluno, ao tomar uma posição no discurso, soubesse sustentar os sentidos em que se inscrevia histórica e ideologicamente.

Quadro 04 – Recortes escritos dos sujeitos-alunos

<b>TEMA 04 – Tecnologia e inovação no campo, o uso de tecnologia e inovação na agricultura, benefícios, desafios e impactos sociais e ambientais dessas transformações</b>	
G1	“Tecnologia no campo e drones, colheitadeiras.”
G2	“As poluições no ar atmosférico é um fator causado pelos agrotóxicos, das máquina e tratores do campo. E a fumaça dos escapamentos das máquinas agrícolas. E a falta de desempregos de funcionários por causa da máquinas...”
G3	“O uso da tecnologia na agricultura ajuda a reduzir o consumo de fertilizantes e pesticidas. Um dos desafios da agricultura é a falta de infraestrutura. Os impactos são os desmatamentos, uso de agrotóxicos e venenos.”
G4	Não responderam.
G5	“A tecnologia no campo permite ao agricultor automatizar os processos e administrar as safras de forma econômica além disso, com a agricultura digital os produtores melhoram a eficiência dos serviços em cada etapa de produção.”
G6	“A tecnologia na agricultura garante inovação e apoio ao produtor na análise de desempenho através da utilização de recursos como sensores, sistemas de integração maquinários, GPS, drones, softwares para a gestão agrícola, entre outras ferramentas inovadoras que contribuem para o negócio e otimizam a...”

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Ao analisarmos as formulações dos sujeitos-alunos sobre esse tema, percebemos que o fazem de diferentes maneiras, evidenciando uma diversidade de perspectivas e preocupações em relação ao uso de tecnologia na agricultura. As formulações destacam a importância da inovação e do suporte oferecido pela tecnologia aos produtores agrícolas. Expressam preocupações e questionamentos sobre os desafios e impactos negativos, como a falta de infraestrutura e os impactos ambientais associados ao uso de agrotóxicos e à degradação do meio ambiente.

Nosso objetivo, ao propor essa atividade, foi identificar as filiações de sentidos que permeiam a forma como os sujeitos-alunos do campo (re)significam os temas propostos nos quadros acima. Em outras palavras, buscamos dar visibilidade à maneira como eles são afetados, examinando as marcas ideológicas e históricas que atravessam seus discursos sobre o universo em que estão inseridos, e como esse processo se materializa no funcionamento de suas discursividades argumentativas. Segundo Orlandi

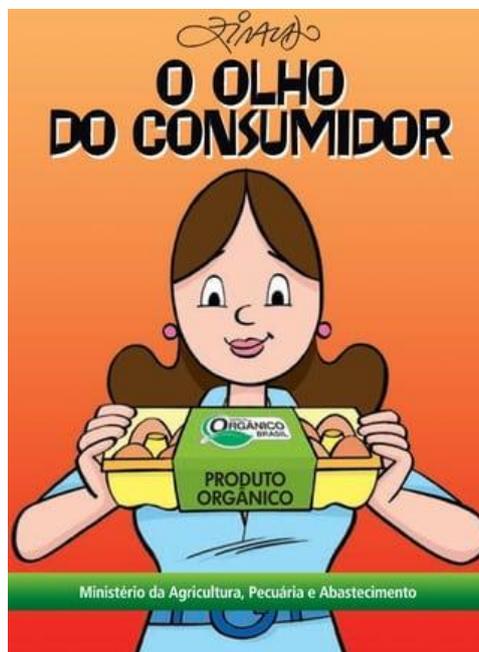
(1998), os sentidos não se dão fora do sujeito, pois ao significar nos significamos, ou seja, a produção de sentidos implica na produção de sujeitos. Desse modo,

Sujeito e sentidos se configuram ao mesmo tempo e é nisto que consistem os processos de identificação [...] identificamo-nos com certas ideias, com certos assuntos, porque temos a sensação de que eles ‘batem’ com algo que temos em nós. Ora, este algo é o que chamamos de interdiscurso, o saber discursivo, a memória dos sentidos que forma se constituindo em nossa relação com a linguagem. Assim nos filiamos a redes de sentidos, nos identificamos com processos de significação e nos constituímos como posições de sujeitos relativas às formações, em face das quais os sentidos fazem sentidos (Orlandi, 1998, p. 206).

A memória discursiva, ou seja, o interdiscurso, diz respeito às inúmeras vezes de textos, de experiências, das vivências, do outro que faz parte do universo dos nossos sujeitos-alunos do campo. Nesse sentido, aos poucos, fomos criando condições para que o trabalho com a leitura fosse sendo construído. Para isso, propusemos a primeira atividade em que uma das temáticas seria abordada, a partir da leitura da cartilha “Produtos orgânicos: o olho do consumidor”, lançada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) em 2009, disponível de forma digital, a qual disponibilizei em PDF no nosso grupo de *WhatsApp*. Materialidade discursiva que serviu como referência para as discussões feitas em sala de aula.

Conforme combinado em aula anterior, na aula seguinte levei para a sala o *Datashow* e fizemos a leitura da cartilha distribuída pelo MAPA. A cartilha é composta por textos verbais e não verbais, com ilustrações do cartunista Ziraldo, o material esclarece de maneira lúdica o que são alimentos orgânicos, a importância de seu consumo e a diferença entre eles e os alimentos comuns. Bastante colorido, o que instiga a leitura dos alunos. Ao indagar quem havia lido o texto em casa, a maioria respondeu positivamente.

Figura 7 – Capa da Cartilha



Fonte: MAPA (2009).

Após a leitura coletiva da cartilha, fizemos com que os alunos produzissem seus gestos de interpretação oral a partir de suas leituras. Algumas narrativas sobre o assunto vieram à tona pelos sujeitos-alunos, como “na minha casa temos horta e minha vó cuida para não dar pragas e insetos”, “lá no Assentamento onde moro, tem uma feirinha aos sábados, mas não sei se são orgânicos”. O que observamos nessas formulações, em relação aos alimentos orgânicos, é que os sujeitos-alunos do campo se reportam a “diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado” (Orlandi, 2020, p. 34), ou seja, há um movimento parafrástico, conceituado por Orlandi (Orlandi, 2020, p. 34) como “o retorno aos mesmos espaços do dizer”. O sujeito recupera a memória discursiva e passa a se identificar com o que diz, e suas palavras adquirem sentido, o que o constitui em sujeito. Percebemos que tanto a linguagem verbal, e, principalmente, a não verbal foram capazes de provocar gestos de interpretação nos sujeitos-alunos. Para Orlandi (2020, p. 43),

Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar, colocando-se diante da questão: o que isto quer dizer? Nesse movimento da interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá.

Assim, a interpretação é uma atividade intrínseca à condição humana. Ao fazer o gesto de leitura da cartilha (estímulo simbólico), os sujeitos-alunos foram levados a questionar e tentar entender o significado do discurso produzido, e num gesto de interpretação a relaciona com sua própria experiência e conhecimento de aluno do campo enquanto significa, pois o sentido parece surgir como uma evidência que já estava presente lá. Vale ressaltar, que nessa perspectiva o sentido não é algo fixo ou objetivo, mas algo que emerge do processo/gesto de interpretação. Outro fator interessante foi observar que, como os sujeitos-alunos estavam divididos em grupos por tema de interesse, as manifestações de interpretação já foram sendo direcionadas para o assunto do grupo, pois o conteúdo da cartilha já apresentava vários “gatilhos” para o gesto de interpretação. Alguns alunos dos grupos G3 e G5 – compostagem como forma de adubação orgânica – por exemplo, chamaram atenção para o fato de a cartilha apresentar como importante para o cultivo de produtos orgânicos, quando fala do cuidado para não destruir, nem desgastar o solo como forma de protegê-lo ou recuperá-lo para continuar fértil, o que sugere que a compostagem pode ser uma maneira eficaz para essa preservação.

Com o final da aula, e alguns apontamentos a serem feitos, pedimos que fossem anotando alguma interpretação que fosse pertinente para a próxima aula, e que aproveitassem o texto e o relessem como atividade para casa. Essa foi nossa primeira leitura para o arquivo de leitura, que Orlandi, seguindo a linha de Pêcheux, o arquivo é uma construção que envolve a seleção, organização e interpretação dos textos e enunciados dentro de um contexto ideológico específico. O arquivo, nesse sentido, é dinâmico e constantemente reconfigurado pelas práticas discursivas e pelas condições de produção do discurso. Pedi também para que os grupos fizessem pesquisa na internet em casa sobre o tema escolhido, pois na escola não tínhamos como fazer, porque os *Chromebooks* solicitados ainda não haviam chegado, fato que fez com que a

professora/pesquisadora já selecionasse alguns textos, das diversas formas materiais, com os diversos assuntos para a semana seguinte.

Na semana seguinte, para nossa surpresa, houve a chegada dos equipamentos tecnológicos, o que alterou um pouco a rotina da turma. Fizemos o primeiro acesso ao e-mail institucional dos sujeitos-alunos, pois sem esses ativados não poderiam logar nos equipamentos. Feito isso, passamos à luta pela conexão para que os alunos realizassem as pesquisas dos temas para formação do arquivo de leituras e para preparar para o seminário que estava previsto para início de novembro. Para as pesquisas propus como principais objetivos pesquisar, registrar para socializar as informações sobre os temas relacionados à produção de alimentos orgânicos no seminário, que já havíamos combinado quando da apresentação da proposta.

Figuras 8 e 9 – Primeiro acesso aos e-mails institucionais para liberação de pesquisas nos *Chromebooks*





Fonte: Acervo da pesquisa.

A busca por informações para os temas não ocorreu de modo fácil pelos sujeitos-alunos nos grupos de interesse. A princípio, o grande número de informações sobre os temas disponíveis na internet, percebi que inquietava a todos, e foi preciso várias intervenções para que não se perdessem, para que focassem no tema da pesquisa. Vários foram os momentos destinados à pesquisa para formação do nosso arquivo. A inquietação diante do novo, muitas vezes, os tornava angustiados, como se não pudessem concluir, interpretar o que estavam lendo e conectar com aquilo que já sabiam, interpretando os sentidos das palavras, pois “As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (Orlandi, 2020, p. 41). Desse modo, temos que as palavras derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem, não havendo sentidos nelas mesmas. Por sua vez, as formações discursivas representam, no discurso, as formações ideológicas do sujeito, uma vez que não há sentido sem determinação ideológica, conforme aponta Orlandi (2020, p. 41).

Nesse movimento de interpretação, podemos perceber que é na relação daquilo que é significado no dia a dia, que circulam sobre o tema em estudo, e o saber com o novo apresentado nos textos lidos na internet que os sujeitos vão produzindo a

linguagem, os sentidos. Esses sempre em movimento, nada terminado, nada completo, assim como os sujeitos, conforme sustenta Orlandi (2020), ao afirmar que

A condição da linguagem é a incompletude. Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta, do movimento. Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível (Orlandi, 2020, p. 50).

Nesse movimento de busca por informações para compor o arquivo, selecionando aspectos das leituras que julgam ser importantes, os sujeitos-alunos vão se constituindo e se formando dentro das ações de leitura e escrita, significando e se significando em condições determinadas, “impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, [...], em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas”. (Orlandi, 2020, p. 50). Assim, nesse jogo de sentidos, as palavras não têm um sentido próprio, uma vez que o sentido é sempre uma outra palavra que entra, na análise do discurso a metáfora como a tomada de uma palavra por outra, “A deriva, o deslize é o efeito metafórico, a transferência, a palavra que fala com outras” (Orlandi, 2020, p. 50).

Quando num determinado momento somos acionadas para esclarecer um conceito que não foi compreendido em grupo, fazemos gestos de interpretação com formulações possíveis para o entendimento, muitas das vezes, ou na maioria, substituindo palavras, termos, expressões por outras que convocam os sentidos já lá, para que o sujeito-aluno se constitua no discurso. Nesse momento de leitura, circulando entre os grupos, muitas foram as intervenções para formulação de sentidos. Observei que, com o advento do digital, o sujeito se perde ao “percorrer relações dos fatos de linguagem, ao praticar gestos de interpretação que derivam sentidos dos discursos que textualizam-se em diferentes materialidades significantes, como textos verbais, imagens, sons, vídeos”, conforme nos aponta Orlandi em seu artigo “A contrapelo: incursão teórica na tecnologia – discurso eletrônico, escola, cidade” – Labeurb/Unicamp, 2015.

Isso nos indica que o advento do digital tem um impacto significativo na forma como os sujeitos-alunos interpretam textos. O acesso a uma variedade de materiais significativos, como textos verbais, imagens, sons e vídeos abordados pela autora, amplia as possibilidades de interpretação e gera uma maior complexidade na construção de sentido por esse sujeito ainda, digamos, iniciante. O que sugere que o efeito-leitor é constituído não apenas pelo texto em si, mas também pelo meio através do qual o texto, na sua materialidade significante, é apresentado pelas características específicas do meio digital e pelas práticas de leitura e interpretação adotadas pelos sujeitos.

Nesse contexto, podemos perceber o conceito de “efeito-leitor” abordado por Orlandi (2012b) como “unidade (imaginária) de um sentido lido”, que “se dá no reconhecimento – identificação do sujeito, gesto de interpretação – de uma leitura no meio de outras”.

Os efeitos de sentido produzidos pelos sujeitos-aluno-leitor não está apenas no que está explicitamente escrito, mas é construído pelo leitor através de suas experiências, conhecimentos prévios, valores e ideologias. Não sendo assim uma propriedade fixa do texto, mas uma construção que emerge da relação entre o texto e o leitor. Essa perspectiva reconhece a ativação do leitor na interpretação de um texto, destacando que diferentes leitores podem atribuir significados distintos a um mesmo texto, dependendo de condições de produção individuais e determinados por uma série de fatores sociais, históricos e ideológicos.

Mesmo com a dificuldade de acesso, os sujeitos-alunos percorreram as diferentes materialidades significantes, conforme fomos sugerindo no percurso, assim puderam ler reportagens, artigos, analisar infográficos, visualizar vídeos, ouvir *podcast* sobre a produção de alimentos orgânicos, que algumas vezes foram socializados no nosso grupo de *WhatsApp*, como uma atividade possível. Uma prática para dinamizar o processo de ensino-aprendizagem dentro das condições conturbadas em que foi realizada a nossa proposta, uma luta contra o tempo e contra o fazer pedagógico ditado pelo “sistema”. Assim fomos nos inscrevendo no processo, misturando as atividades do nosso projeto com a dinâmica proposta pelo SEE – Sistema Estruturado de Ensino – no Estado de Mato Grosso, uma luta política.

Fotos 10, 11 e 12 – Atividades em grupo, leitura e pesquisa



Fonte: Acervo da pesquisa.

No processo de composição do nosso arquivo de leituras, um fator que foi levantado pela banca no Exame de Qualificação e já era previsto pela professora/pesquisadora no planejamento das atividades que fariam parte dos gestos de interpretação dos temas, está relacionado ao uso dos agrotóxicos. Tema que, a princípio, quis sugerir como proposta para que um determinado grupo fosse encaminhar as reflexões. No entanto, percebemos que essa abordagem estaria contemplada nos temas sugeridos. O que de fato foi elencado pelos sujeitos-alunos nos grupos em todos os temas. Uma narrativa muito frequente nos gestos de interpretação das leituras, foi o fato do “cuidar” da horta, da plantação, estar diretamente ligado ao uso de algum tipo de agrotóxico, que parecia tão corriqueiro, como o próprio gesto de cultivar dos sujeitos-alunos do campo. Para que essa abordagem tivesse um cunho mais sistemático, preparamos uma pesquisa, em forma de entrevista escrita, estruturada para respostas objetivas, aos sujeitos-alunos e aos sujeitos da comunidade escolar (esses últimos, infelizmente não foi possível em virtude dos acontecimentos imprevistos já aqui narrados) sobre o conhecimento e uso dos agrotóxicos nas suas atividades enquanto agricultores na agricultura familiar.

Vale ressaltar que a entrevista foi dividida em 4 partes, 3 delas dedicadas ao conhecimento sobre os agrotóxicos, o uso na comunidade e percepção sobre os impactos dos agrotóxicos e a parte 4 sobre conhecimento e práticas relacionadas à produção orgânica. Cada parte é composta de 2 ou 3 questões de múltipla escolha envolvendo de duas a três alternativas. A escolha por essa metodologia teve em vista a dinâmica da análise dos resultados.

Apresentamos as entrevistas aos sujeitos-alunos em folha impressa, em uma aula, sendo respondida individualmente e entregue ao final da aula. O principal objetivo dessa atividade foi observar se as falas tão frequentes nos grupos sobre o uso de “veneno” poderiam ser mais bem interpretadas pelos sujeitos-alunos, apresentada em questões fechadas, onde a leitura da questão pudesse fazer sentido aos sujeitos interpelados ou não por essa prática – o conhecimento e o uso dos agrotóxicos.

Como dito acima, dividimos a entrevista em quatro partes: parte 1 Conhecimento e entendimento sobre agrotóxicos; parte 2 Uso de agrotóxicos na comunidade; parte 3 Percepção sobre os impactos dos agrotóxicos; e parte 4 Conhecimento e práticas relacionadas à produção orgânica. Dezenove alunos responderam à entrevista. Na primeira parte, os entrevistados foram unânimes quanto ao entendimento dos agrotóxicos como “produtos químicos utilizados na agricultura para controle de pragas, doenças e ervas daninhas. Quanto ao tipo de agrotóxicos mais comuns na região, o mais citado foi os “herbicidas” seguido dos “inseticidas”, os alunos justificaram sobre controle de ervas daninhas nas pastagens, bem como a cigarrinha, lagartas. Uso na horta também foi mencionado para controle de “pulgões”, “lagartas nas couves”, formigas nas plantações. Quanto aos riscos associados ao uso dos agrotóxicos, a grande maioria relatou sobre o câncer e doenças nos pulmões. Ou seja, mesmo sabendo sobre os riscos para a saúde humana e ambiental, a entrevista confirma os relatos feitos em discussões nos grupos. Isso indica uma familiaridade com as práticas agrícolas locais e os desafios enfrentados pelos agricultores. O que nos sugere uma oportunidade para promovermos um debate mais aprofundado sobre práticas sustentáveis e alternativas aos agrotóxicos na comunidade escolar.

Na segunda parte da entrevista, ao serem questionados sobre o uso de agrotóxicos por membros da comunidade em suas lavouras ou plantações, a maioria

respondeu que sim, que faz uso em pastagens; quanto à frequência e à quantidade com que esses agrotóxicos são usados, a maioria mencionou “ocasionalmente e em pequenas quantidades”. Outra vez as pastagens e a horta foram mencionadas. É importante observar que mesmo o uso esporádico de agrotóxicos pode ter consequências significativas para a saúde humana e o meio ambiente. Quando os sujeitos-alunos falam, na oralidade, que as pastagens e a horta são os locais principais de aplicação desses produtos químicos, levanta-se a questão da exposição direta dos agricultores, suas famílias e consumidores aos resíduos de agrotóxicos. Bem como a contaminação do solo, da água e dos alimentos é uma preocupação séria nesse contexto, especialmente quando se considera a possibilidade de bioacumulação dessas substâncias ao longo do tempo. E quanto às precauções que são tomadas para o manuseio dos agrotóxicos, a maioria mencionou uso de equipamentos de proteção, como máscaras e macacão.

Isso é um aspecto positivo, no entanto, é fundamental garantir não apenas que esses equipamentos sejam utilizados, mas que sejam adequados e eficazes para proteger os trabalhadores do campo, principalmente quando falamos da agricultura familiar, contra a exposição aos produtos químicos tóxicos. Esses resultados destacam a necessidade urgente de promover práticas agrícolas mais seguras e sustentáveis, reduzindo a dependência de agrotóxicos e incentivando a adoção de métodos alternativos de controle de pragas e doenças. Isso inclui a educação sobre técnicas de agricultura orgânica, rotação de culturas, uso de cultivos de cobertura e controle biológico, entre outras abordagens que visam proteger a saúde humana e o meio ambiente a longo prazo.

Na terceira parte da entrevista, ao serem questionados sobre a percepção dos impactos causados pelos agrotóxicos, a grande maioria mencionou a “contaminação do solo e da água”. Essa percepção está alinhada com a literatura científica sobre o assunto, que confirma que os agrotóxicos podem persistir no ambiente por longos períodos, contaminando tanto o solo quanto os recursos hídricos e representando uma ameaça significativa à biodiversidade e à saúde humana. Quanto aos problemas de saúde na comunidade, se eles achavam estar relacionados ao uso de agrotóxicos, eles responderam que sim, a grande maioria, mas demonstraram dúvidas ao responder, talvez porque a questão tenha ficado truncada, pois conseguiram mencionar algumas

peças com câncer, problemas respiratórios. Mencionaram os solos fracos e morte de peixes em represas e tanques. A contaminação do solo pode levar à perda de fertilidade e à degradação dos ecossistemas locais, enquanto a poluição da água afeta diretamente a vida aquática e a segurança alimentar das comunidades que dependem desses recursos. Acreditamos que a educação e a conscientização são fundamentais para a percepção das comunidades rurais para práticas agrícolas mais reflexivas. E os sujeitos-alunos apresentaram debates interessantes na defesa de algumas posições, como abordaremos a seguir.

A quarta e última parte da entrevista, questiona os sujeitos-alunos quanto ao conhecimento e práticas relacionadas à produção orgânica. Usamos esse contraponto para observarmos as condições de interpretação argumentativas dos sujeitos em relação à sustentação de pontos de vista que divergem, se tornando assuntos polêmicos. Ao serem questionados sobre o que entendiam por produção orgânica, a maioria – dez alunos – mencionou as “práticas agrícolas que evitam o uso de produtos químicos sintéticos”, enquanto sete alunos responderam ser o “cultivo de plantas sem nenhum tipo de insumo”; e, pasmem, dois alunos responderam que era o “uso intensivo de agrotóxicos”. Houve divergências nas falas, os alunos que responderam de acordo com as interpretações assertivas, não concordaram com os sete que tiveram outra interpretação, de modo que cada um tentou sustentar suas posições de acordo com suas interpretações. Um aluno mencionou o fato de que “produção orgânica” não está relacionada só ao cultivo de plantas como os sete alunos haviam entendido. Isso fez com que alguns se manifestassem, dizendo que não prestaram atenção para o termo “produção orgânica”, deslocando sentidos outros para seus gestos argumentativos.

Na questão seguinte, indagados se eles ou a comunidade estavam envolvidos na produção orgânica, dez alunos disseram que não, enquanto nove responderam que sim. Os sujeitos do não quiseram saber de que forma estavam envolvidos e alguns responderam que hortas para cultivo de subsistência e produtos para venda nas feiras não tinha uso de agrotóxicos nem adubos químicos. Quanto às vantagens que eles observam na produção orgânica, em comparação com o uso de agrotóxicos, a maioria – quinze alunos – respondeu que “alimentos mais saudáveis e sustentáveis”, esses sujeitos nos embates de ideias quiseram impor aos que responderam “menor trabalho” e “maior

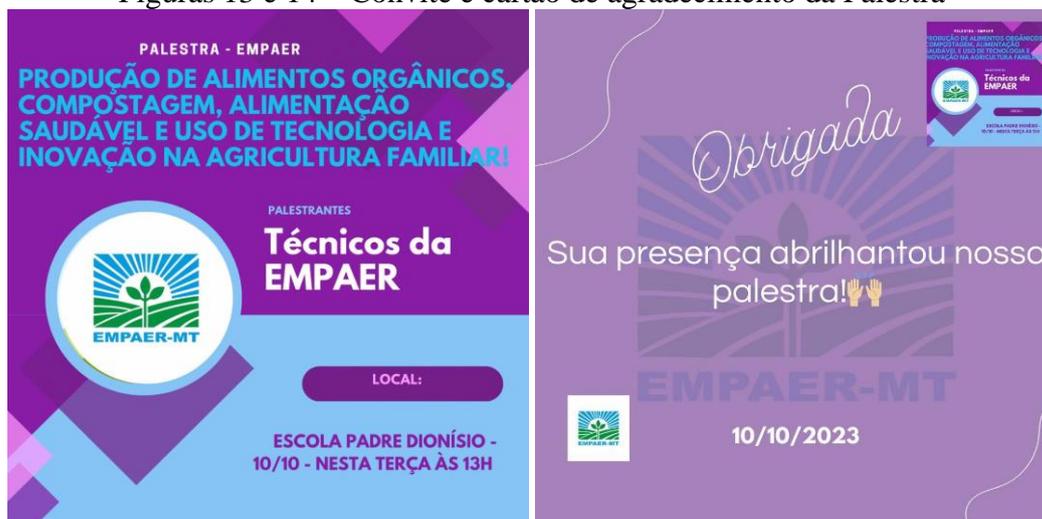
produtividade”, suas posições de modo autoritário, alguns até fazendo uso de termos pejorativos para com os colegas. Indagavam se não prestavam atenção nas leituras e pesquisas feitas até então.

Essas divergências de interpretação ressaltam a complexidade e as nuances envolvidas no debate sobre práticas agrícolas sustentáveis. Enquanto alguns sujeitos-alunos demonstraram uma compreensão mais precisa dos princípios da produção orgânica, outros revelaram uma falta de conhecimento ou compreensão errônea/equivocada do assunto. Além disso, a dinâmica observada durante a socialização das respostas, com alguns alunos tentando impor suas visões aos colegas de modo autoritário e utilizando termos pejorativos, sugere a presença de conflitos e falta de respeito mútuo no ambiente escolar, tão presentes no chão das nossas escolas. Isso ressalta a importância não apenas de fornecermos informações sobre os assuntos abordados na intervenção, mas também de promover habilidades de comunicação, empatia e respeito pelo ponto de vista do outro. Entendemos ser preocupante que alguns sujeitos tenham menosprezado ou desconsiderado os argumentos dos colegas, que enfatizaram questões como “menor trabalho” e “maior produtividade”. Isso destaca a necessidade de promover uma compreensão mais holística e equilibrada das diferentes facetas da produção de alimentos, reconhecendo tanto os benefícios para a saúde humana e o meio ambiente quanto as considerações práticas e econômicas desse modelo capitalista ao qual os sujeitos dão vozes.

### **3.2 Palestra com os técnicos da EMPAER/MT – ampliando o arquivo**

No dia 10 de outubro de 2023, realizamos uma palestra com Técnicos Agropecuários da EMPAER/MT nas dependências da Escola Padre Dionísio, com nossos sujeitos-alunos. Tendo em vista a importância do tema da palestra “Produção de alimentos orgânicos, compostagem, alimentação saudável e uso de tecnologia e inovação na agricultura familiar”, estendemos o convite para todas as turmas do Ensino Fundamental ao Ensino Médio.

Figuras 13 e 14 – Convite e cartão de agradecimento da Palestra



Fonte: Acervo da pesquisa

Figuras 15 e 16 – Palestra com Técnicos da EMPAER/MT



Fonte: Acervo da pesquisa

A EMPAER/MT é uma empresa pública, cuja missão é

gerar conhecimento, tecnologia e extensão para o desenvolvimento sustentável do meio rural, com prioridade à agricultura familiar. Entre os produtos e serviços oferecidos, estão: assistência técnica e extensão rural; profissionalização e capacitação de agricultores; elaboração de projetos de crédito rural; cursos e palestras em geral; apoio à organização rural; assessoria em planejamento do desenvolvimento agropecuário municipal e elaboração do Plano Municipal de Desenvolvimento Rural (PMDR); pesquisa, validação e transferência de tecnologias com culturas anuais, frutíferas, olerícolas, pastagem, pecuária, piscicultura, essências florestais e recursos naturais

renováveis; execução de análises laboratoriais de solo, fitopatologia, adubos e corretivos, nutrição animal e vegetal; produção e comercialização de mudas frutíferas, ornamentais, culturas perenes, florestais nativas e mudas in vitro; produção e comercialização de reprodutores suínos, alevinos e micro-organismos para controle biológico; apoio e execução de Programas e Projetos do Governo Federal e Estadual (Pronaf, Reforma Agrária e outros); elaboração e execução de projetos de recuperação, conservação e preservação de recursos naturais renováveis (Brasil, 2023).

Assim, quando solicitamos a palestra com nossos sujeitos-alunos, fomos prontamente atendidos. Os principais objetivos foram dar visibilidade aos gestos de interpretação nas orientações técnicas sobre os temas em questão na nossa intervenção pedagógica; criar outros gestos de leituras para compor nosso arquivo; observar outras maneiras de interpretar os temas aos quais estávamos estudando. O conhecimento técnico sobre o assunto foi muito importante para os sujeitos-alunos e suas condições de produção. A participação, a interação com os palestrantes, a troca dos conhecimentos práticos com as orientações técnicas foram muito produtivas. Observamos que os sujeitos-alunos engajados na nossa proposta participaram mais ativamente que os convidados, fazendo gestos de interpretação na busca de mais conhecimento e confirmando alguns saberes práticos da lida no campo.

Nesse movimento de significação de sentidos outros, os sujeitos foram se constituindo, complementando seus sentidos em cada formação discursiva, que conforme admite Pêcheux (1988, p. 161),

as mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a uma outra, é necessário admitir que palavras, expressões e proposições literalmente diferentes podem, no interior de uma formação discursiva dada, “ter o mesmo sentido”, o que [...] representa, na verdade, a condição para que cada elemento (palavra, expressão ou proposição) seja dotado de sentido.

A partir dessa perspectiva, Pêcheux (1988, p. 161) afirma que “a expressão *processo discursivo* passará a designar o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias etc., que funcionam entre elementos linguísticos – ‘significantes’ – em uma formação discursiva dada”. Assim, ao serem expostos a esta atividade pedagógica envolvendo a palestra, os sujeitos-alunos estão inseridos numa formação discursiva

específica, pois foram submetidos a outras práticas linguísticas e discursivas em outras condições de produção de sentidos e pelos objetivos pedagógicos estabelecidos pelos técnicos. Neste contexto os sujeitos foram se constituindo através da interação com a palestra e a troca de conhecimentos, sugerindo que a formação dos sujeitos-alunos está em constante processo de construção. Isso implica que a identidade dos sujeitos não é fixa, mas sim fluida e em constante transformação, os sentidos atribuídos às palavras e expressões desempenham um papel fundamental na construção dessas identidades discursivas.

O *processo discursivo*, conforme definido por Pêcheux (1988, p. 161), ao mencionar as relações de substituição, paráfrases, sinonímias etc., pudemos observar sua ocorrência dentro da formação discursiva da palestra quando, algumas vezes, a linguagem técnica teve que ser esmiuçada em palavras outras para entendimento dos sentidos dos sujeitos em seus gestos de interpretação. Isso destaca a dinâmica e a complexidade das práticas linguísticas e discursivas, que são influenciadas por uma variedade de fatores sociais, ideológicos e contextuais/históricos. Assim, numa formação discursiva específica, na qual os sujeitos vão se constituindo e os sentidos são negociados e construídos, ilustra como os princípios da análise do discurso materialista podem ser aplicados para entender a dinâmica dos discursos em contextos educacionais e sociais mais amplos.

A inscrição em uma formação discursiva, a dos técnicos, não é indiferente à memória discursiva, ao interdiscurso, em seu funcionamento. Na

objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” (*ça parle*) sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas (Pêcheux, 1988, p. 162).

### **3.3 Apresentação de seminários dos sujeitos-alunos sobre as temáticas da pesquisa em grupo**



Fonte: Acervo da pesquisa.

Conforme exposto no primeiro capítulo, como forma de explorar as diferentes materialidades significantes para a relação com os gestos de interpretação em argumentação, faríamos um seminário para que os sujeitos-alunos se valessem dessa materialidade significativa para expor seus gestos de leituras sobre os temas de cada grupo. Assim, todas as atividades desenvolvidas até aqui constituíram as materialidades do arquivo para que cada grupo fizesse circular os sentidos diversos que os textos, as pesquisas, a palestra puderam mobilizar.

Todos os grupos tiveram o mesmo tempo para apresentação, bem como a liberdade para escolher os recursos e os materiais de suas preferências, mas optaram por apresentações simples, usando seus roteiros de apresentação, os resumos de cada tema que compunha seus arquivos de leitura e um grupo confeccionou um cartaz, mas não o apresentou por esquecimento em casa.

Para possibilitar aos sujeitos-alunos mais leituras, além das realizadas por eles nas pesquisas, fizemos sugestões de outros textos como complemento para um trabalho mais amplo sobre as temáticas em todos os grupos. Além disso, fizemos circular a leitura de dois textos sobre os agrotóxicos, o primeiro intitulado de “Agrotóxico, o perigo invisível: Brasil, o campeão no uso de agrotóxicos” (Brasil, 2018), e o segundo, uma entrevista com Nicolás Vital, que diz: “Sem agrotóxicos o mundo morreria de fome”, em seu livro “Agradeça aos agrotóxicos por estar vivo”. Uma materialidade significativa como contraponto para os gestos de interpretação dos sujeitos-alunos sobre o assunto que corroborou com algumas discussões sobre o uso dos agrotóxicos, uma maneira de fazer com que os sujeitos sustentem ou não seus argumentos, favoráveis ou não, sobre a temática. Esse texto foi exposto impresso para que os grupos fizessem sua leitura, e em todos os grupos houve conflitos de interpretação, fazendo deslocar sentidos outros. Além dessas duas leituras, também sugerimos outras para cada grupo dentro da temática, incluindo as diferentes materialidades significativas, como charges, tirinhas, folder, reportagem, artigos, *podcast*, vídeos, entre outros. Todos com o intuito de ampliar o nosso arquivo.

Passemos à descrição/análise dos efeitos produzidos por essa atividade – o seminário.

### 3.3.1 G 01 – Alimentação saudável, a qualidade dos alimentos e o papel dos agricultores na produção

No dia 7 de novembro de 2023, esse grupo deu início às apresentações. Composto por duas alunas e um aluno, iniciaram se apresentando, apresentaram o tema, falaram da importância de termos uma alimentação saudável. O grupo chamou a atenção dos colegas sobre a abordagem feita pela técnica da EMPAER/MT, ao fazer um histórico sobre a história da alimentação no mundo entre os povos. Interessante abordagem, pois buscaram, dentre as materialidades discursivas que havia em seu arquivo, aquela(s) que fizer(em) sentido para ampliar um assunto, sustentar um argumento. Quando uma aluna pergunta “vocês lembram o que a Carmecita explicou sobre a história dos alimentos, lá no início da palestra? Sobre a necessidade que os

povos daquela época tinham para ir atrás e disputar os alimentos? Vamos falar da importância da alimentação nos dias de hoje”, fazendo na sequência, depois que alguns dos colegas responderam positivamente, a explanação sobre a classificação dos alimentos, falando sobre os alimentos in natura, os ingredientes culinários, os processados e os ultraprocessados. Ao se apresentarem, utilizaram rascunhos sobre o tema, faziam indagações aos colegas sobre “você sabem o que são alimentos...?” e passavam a explicação, fazendo seus gestos de interpretação sobre a temática.

Também abordaram sobre a importância do consumo de frutas, legumes e verduras para a nossa saúde, dando preferência aos alimentos do grupo dos in natura. Apresentaram dicas de como ter sempre comida saudável na mesa, dentre elas o planejamento para as compras, o tempo de preparo de acordo com a rotina para evitar as tentações, o consumo de alimentos ultraprocessados, o desperdício de alimentos e ajudar na economia. Falaram também da importância de apostar nos estabelecimentos que comercializam produtos in natura, como feiras, hortifrutis e comércios abastecidos por agricultores da região, além de sugerirem o cultivo em pequenas hortas em casa, destacando a função social de fortalecer o comércio local e incentivar o pequeno produtor. O grupo foi questionado se seguiam as dicas que estavam apresentando, ao que foi respondido: “a gente tenta, não é 100%”, “nossa família costuma frequentar a feirinha do Pontal aos sábados”, “na minha casa temos uma pequena horta que nos abastece”. Esses gestos de interpretação geraram euforia da turma, pois alguns diziam que os alimentos processados são mais saborosos, ao que o grupo rebateu dizendo que “o mais importante é que seja saudável”.

Apresentaram também uma lista de alimentos que devem ser consumidos para garantir uma alimentação saudável e uma tabela da quantidade de açúcar em alguns alimentos do grupo dos alimentos processados/ultraprocessados. Alguns alunos se assustaram com a quantidade de açúcar, em especial, sobre as bolachas recheadas, chocolates, leite condensado, pirulitos, balas e refrigerantes, alimentos que adolescentes costumam levar para a escola como “lanche”. Ante as informações apresentadas, as reações e interferências da turma foram imediatas. Vários comentários e questionamentos foram lançados ao grupo, outros a nós, ao que orientamos, primeiramente, ao grupo responder. Auxiliamos quando houve questionamento sobre a

medida da quantidade de açúcar nos alimentos apresentados na tabela, pois a informação não estava expressa. Mas o sujeito integrante do grupo apontou, pelos seus rascunhos, que a quantidade de açúcar medido em gramas se referia a cada cem gramas de cada alimento consumido. Ainda assim, os esclarecimentos geraram comentários incrédulos sobre as informações.

Desse modo, em meio às manifestações, argumentos, contra-argumentos, houve o que, para nós, evidenciou como certos significados são construídos socialmente ao longo do tempo e sustentado pela indústria de um sistema capitalista que prioriza lucros, revelando como as estruturas de poder são mantidas e exercidas pelos sujeitos. O reconhecimento de que muitas pessoas desconhecem as políticas que compõem o mundo da alimentação, a importância da consciência histórica na compreensão dos setores e das ideologias que legitimam a alimentação saudável na sociedade. A apresentação sugere que o acesso a leituras e informações sobre o tema pode levar a uma mudança na compreensão e na capacidade argumentativa dos alunos. Isso ressalta a importância do acesso ao conhecimento como um meio de empoderamento, permitindo que os sujeitos desafiem as narrativas dominantes, principalmente as propagadas nas mídias, e construam novos significados mais abrangentes e esclarecedores.

Quando intervimos, falamos da importância e do propósito dessa atividade, demonstrando um esforço em desafiar e desconstruir esses significados socialmente construídos. Assim, a educação é apresentada como uma ferramenta para provocar questionamentos e reflexões, incentivando os sujeitos-alunos a pensarem criticamente sobre as estruturas de poder e as ideologias que permeiam a nossa sociedade. Muitos outros gestos de interpretação foram manifestados, mas por ora passemos à descrição do próximo grupo. Esse, encerrou a apresentação, agradecendo a participação de todos e a turma aplaudiu.

### 3.3.2 G02 e G04 – Produção de alimentos orgânicos e a importância na preservação ambiental na agricultura familiar

Esses dois grupos apresentaram o mesmo tema, no entanto, as abordagens foram feitas de modos distintos em alguns aspectos, uma vez que os gestos de

interpretação podem ser outros. Ambos os grupos consideraram nossas sugestões de leitura, as diferentes materialidades trabalhadas sobre o tema, além das fontes de pesquisas selecionadas por eles.

Os sujeitos-alunos se apresentaram, falaram da importância do tema. Apresentaram o conceito de alimentos orgânicos, discorrendo sobre a importância do cultivo e consumo desses alimentos, fizeram referências aos textos e debates sobre o uso de agrotóxicos, pois esses não podem ser usados na produção orgânica. Também listaram que os produtos orgânicos não são apenas frutas, verduras e legumes, mas ovos, carnes bovinas, aves e peixes, cuidados no processo de criação natural.

O grupo 02 apresentou um breve histórico sobre o crescimento, no Brasil, do mercado dos alimentos orgânicos, apontando 2020 com um avanço de 30% em relação ao ano anterior, isso observado pela busca por uma alimentação mais saudável e o aumento do consumo em casa, devido à Pandemia de Covid-19. O grupo apontou também o crescente número de produtores cadastrados no Ministério da Agricultura, destacando as regiões Sul, Nordeste e Sudeste com maiores cadastros, e destacaram que a nossa região, Centro-Oeste, está em último lugar, com apenas 5% do total de 25 mil produtores cadastrados no Ministério. Enfatizaram, que, no entanto, o preço dos alimentos ainda continua sendo o maior limitador do acesso a esses produtos, fato mencionado também pelo grupo 04.

Observamos que o grupo 02 fez seus gestos de interpretação voltados para a comercialização dos alimentos orgânicos, pautaram a maneira de como tornar esses alimentos mais acessíveis, apontando que a quantidade de bioinsumos no mercado é muito menor quando comparada à oferta de agrotóxicos e fertilizantes químicos, o que torna a produtividade orgânica menor. Um dos alunos apontou a importância da agricultura familiar e o quanto os pequenos produtores sofrem para produzir alimentos para sua subsistência, e abordou que “lá no nosso assentamento tem uma pequena feira aos sábados, algumas famílias levam os produtos que ‘sobrou’, que não foi consumido, é bem pequena, tenho fotos, posso mostrar prof.?”, ao que respondi afirmativamente. As fotos foram mostradas no celular mesmo e depois pedi para que nos enviasse no grupo de *WhatsApp*. O mesmo continuou dizendo que, além de alguns alimentos in natura, como abóbora, cheiro verde, mandioca, banana, abobrinha, frango caipira, também há

produtos feitos de modo caseiro, como bolos, “tem até de mandioca”, doces de leite, de mamão, de abóbora, entre outros. Uma aluna que ouvia o colega e também reside no assentamento, afirmou que “a feira é boa pra ir comer pastel, espeto, é o que rola lá em casa”.

Figura 17 – Imagens da Feira local



Fonte: Arquivo pessoal do SA – E.

Observando as falas e as imagens apontadas pelos sujeitos alunos, percebemos o discurso como materialidade específica da ideologia, sujeitos e sentidos se constituem ao mesmo tempo, como já vimos, ou seja, o efeito do pré-construído, do já-dito, do interdiscurso e que faz com que nosso sujeito-aluno, ao dizer sobre sua realidade, haja um efeito do que já foi dito, sustentando assim todo seu dizer, e se inscrevendo nas suas formações discursivas, de sujeito aluno do campo. Assim, com base nas leituras sobre os temas abordados, consegue o mecanismo da “antecipação”, que na análise do discurso “é a capacidade que todo locutor tem de colocar-se na posição de seu interlocutor, experimentando essa posição e antecipando-lhe a resposta” (Orlandi, 2017, p. 18). Esse mecanismo, segundo Orlandi (2017, p. 18), “é em grande parte o responsável pela argumentação”. Dessa forma eles argumentam, sustentando suas posições diante dos outros colegas, posicionando-se em relação ao que imaginam que os colegas possam estar pensando sobre este assunto, a partir dos efeitos da leitura a que foram expostos.

O sujeito consegue também trazer, para seu discurso, fatos do cotidiano como algo que significa, pois se significa, se faz presente e sustenta a importância do seu discurso. Foi interessante percebermos as relações de força manifestadas nos discursos dos sujeitos alunos do campo, no fato de usarem expressões como “pequena feira”, “poucos produtos”. Percebemos que as condições de produção do discurso estabelecem as relações de força, pois o lugar social do qual nosso sujeito aluno fala, marca o discurso com a força da locução que estes lugares representam para eles, pois se representa nas posições sujeito, e estas não são neutras, carregam o poder que as constitui em suas relações de força. Isso nos indica que o campo, o trabalho dos pequenos produtores, ainda é visto como secundário, mesmo que essa concepção não seja unânime, e não o é, ainda é rotulada como. E o sujeito aí inserido, diante da grandeza dos supermercados, das grandes feiras urbanas, das grandes plantações do agronegócio, se vê em seu lugar como pequeno com pouco diante de tanto. Assim, vamos observando a memória discursiva dos sujeitos-alunos, sua formação discursiva sendo determinada pelo interdiscurso, pois esse “fornece a cada sujeito sua realidade enquanto sistema de evidências e de significações percebidas, experimentadas”, conforme Orlandi (2017, p. 21). E as palavras tomam seus sentidos, outros, o sujeito aluno se reveste da “forma-sujeito”, pois essa é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais, no caso, sujeito capitalista.

O grupo 04, ao apresentar, fez seus gestos de interpretação sobre o tema, apontando a importância da produção de alimentos orgânicos, do papel dos agricultores na preservação ambiental e como a agricultura familiar tem contribuído para essa produção, falando de sustentabilidade e de responsabilidade social. Destacaram que uma das razões que torna a produção orgânica mais cara, está no fato de terem uma responsabilidade socioambiental maior, pois está prevista em lei e é fiscalizada, exigindo do produtor rural mais investimentos, incluindo obrigações de correção de solo para eliminar todo resíduo de agrotóxico, o que pode levar até três anos. O grupo destacou ainda alguns dos benefícios dos alimentos orgânicos, como a necessidade de mais mão de obra, gerando assim emprego e renda aos que moram no campo, a preservação da biodiversidade e o meio ambiente, e assegurar o consumo de produtos naturais saudáveis e de qualidade, sem deixar de lado o crescimento econômico. Um dos sujeitos-alunos chamou a atenção para o descarte inadequado do lixo por parte de

alguns produtores, dizendo que “é horrível professora passar nas estradas e ver tantos sacos jogados, tem até sofá, e acho que esses fazendeiros jogam mais”, ao que outros também concordaram com o aluno e deram outros exemplos, inclusive nomeando alguns proprietários, ao que intervimos, pois este não era o nosso objetivo.

Entendemos que diante desses gestos precisávamos explicar para eles que o nosso objetivo, ao propor essa atividade, era mesmo o de provocar alguns questionamentos e reflexões sobre os sentidos que vêm ao longo da história servindo, muitas vezes, como justificativa para as práticas de que muitos acreditam estar “limpando sua propriedade”, mas ignorando que os resíduos não podem ser descartados de qualquer modo, em qualquer lugar. E que esse movimento em direção a novas redes de sentidos só é possível a partir do acesso a leituras sobre o tema que desejam aprofundar, pois práticas como essas, que permitem a historicização dos sentidos, poderiam significar a melhora da força argumentativa a partir das construções de novos sentidos. Outros gestos poderíamos apresentar nas descrições sobre quão produtivo foi este momento em termos de argumentação e aprendizado, mas passemos ao próximo trabalho. O que podemos observar é que compreenderam os sentidos do que seja preservação ambiental e agricultura familiar. O que os coloca em uma formação discursiva distinta da que tinham antes de todo o trabalho da leitura de arquivo.

### 3.3.3 G03 e G05 – Compostagem como forma de adubação orgânica em produção caseira

Seguimos as apresentações desses materiais que sugerimos, para observar o efeito-leitor em nossos sujeitos-alunos sobre mais um tema que compõe nosso arquivo de leituras. Assim, como os outros grupos, estes não utilizaram equipamentos tecnológicos na apresentação, o grupo 05 até nos entregou o roteiro da apresentação e o resumo em material digitado e impresso, os outros os fizeram escritos à mão. Podemos observar as dificuldades enfrentadas pelos nossos alunos quanto ao uso das tecnologias digitais, apesar de a maioria possuir acesso a dispositivos como *smartphones*, computadores e *laptops*. Pudemos observar isso quando, nos momentos de pesquisa em sala nos *Chromebooks*, os alunos demonstraram desconhecer e utilizar ferramentas

digitais básicas, como salvar textos no *Google Drive*. Isso mostra uma lacuna dos alunos no uso das tecnologias de forma eficaz para facilitar a aprendizagem e o acesso ao conhecimento.

Assim, fizemos uma breve apresentação para uso básico desta funcionalidade, pois entendemos, conforme Dias (2011, p. 113), que considera “a escola um lugar profícuo para as discussões sobre esses efeitos das tecnologias digitais, naquilo que diz respeito à aprendizagem e às formas de produção do conhecimento”. Isso implica na “determinação das relações sociais e políticas, cotidianas, enfim, daquilo que está na base da constituição dos sujeitos, enquanto materialidade dos saberes, das práticas políticas, sociais e discursivas dos sujeitos” (Dias, 2011, p. 113). Disso suscita a necessidade de promover uma maior integração das tecnologias digitais no contexto educacional, não apenas fornecendo acesso aos dispositivos, mas também ensinando os sujeitos a utilizarem essas ferramentas de forma efetiva e crítica.

Os grupos iniciaram se apresentando, expondo seus gestos de interpretação sobre o tema Compostagem, deram oportunidade para que os colegas emitissem, conforme suas filiações de sentidos, o que sabiam sobre o tema. Esse gesto manifestou nos colegas alguns debates, desde os que só sabiam o que haviam lido até então, aos que já haviam participado em projetos de Composteira em anos anteriores. O que contribuiu para enriquecer o debate, marcado por discursos de tensão, o que, a nosso ver, indicou que deslocamentos de sentidos sobre o assunto para esses sujeitos alunos estavam significando, se significando, pois estavam inscritos em uma formação discursiva em que suas palavras tinham sentido.

Os grupos explicaram aos colegas o que é a compostagem, como fazer uma composteira caseira, indicando o tempo médio do processo de compostagem. O grupo 05 foi muito sucinto na explanação, porém o grupo 03 conseguiu trazer para a discussão outros gestos de leitura, como a apresentação dos *slides* do técnico da Empaer sobre o tema e ainda lembraram, lamentando, que no dia da palestra faltou tempo para que fosse feito na prática a compostagem. Expuseram também os benefícios da compostagem para a redução da quantidade de resíduos enviados para os aterros sanitários, e para a realidade que vivenciam, “evitar a queima de folhas, galhos e outros materiais orgânicos

que podem se transformar em valioso recurso para enriquecer o solo e promover o crescimento de plantas saudáveis”.

Um dos sujeitos do grupo mencionou que quando participaram do projeto de Compostagem em anos anteriores, produziram substrato na escola e que este era usado nas plantas do jardim da escola, na horta, e ainda foi comercializado, e o recurso investido em ações recreativas pedagógicas, como idas ao cinema, piqueniques, entre outros. Observamos a importância desses projetos na escola, pois os alunos que participaram falavam com entusiasmo sobre o ocorrido, e foi possível perceber que, da produção desse arquivo de leitura, resultou o empoderamento que sentiam, pois disseram que “fomos até para a feira de ciência professora, para a expossul”, se referindo aos eventos pelos quais participaram para apresentar o Projeto de Compostagem.

Após algumas ponderações, sobre alguns questionamentos dos colegas, o grupo deu sequência, apresentando as fases do processo de compostagem, falando dos microrganismos, como bactérias, fungos e insetos que quebram os materiais orgânicos em componentes mais simples, iniciando o processo biológico da compostagem. Ressaltaram também que esse processo natural de decomposição de materiais orgânicos oferece inúmeros benefícios, tanto ambientais quanto econômicos e sociais. Observamos que, da forma como esta prática discursiva se apresentou, constituiu um lugar importante de possibilidades para descortinar a opacidade dos sentidos que estão presentes nos discursos dos sujeitos-alunos do campo, que não possuem uma atividade econômica que os ajude na permanência no campo.

Assim, quando pontuamos sobre a importância de conhecer, através da leitura, outras possibilidades para transformar as nossas práticas, observamos os gestos de interpretação desses sujeitos, a capacidade de posicionar-se e de sustentar seus posicionamentos diante de uma abordagem onde permeiam sentidos outros. Portanto, a exposição dos alunos a novos materiais de leitura produziu deslocamentos no processo de significação em que estavam investidos.

### 3.3.4 G06 – Tecnologia e inovação no campo, o uso de tecnologia e inovação na agricultura

Dentre as apresentações, esta foi realizada em outro momento, pois no dia combinado tivemos problemas com o transporte escolar e só estava presente um dos três integrantes do grupo. Assim, na aula seguinte conseguimos retomar a apresentação, no entanto, um dos alunos havia pedido transferência, ficando apenas dois integrantes do grupo. Após se apresentarem, falaram da surpresa da saída do colega e, também, da dificuldade em apresentar os resultados da leitura para esta atividade, pois o grupo, na maioria das aulas destinadas para as pesquisas na formação do arquivo, estava incompleto, de modo que na apresentação também não foi diferente. Formado apenas por meninos, o grupo não disponibilizou roteiro de apresentação ou resumo. Usaram um dos textos impressos, aos quais disponibilizamos para leitura do tema. Fato que chamou a atenção dos colegas, pois os sujeitos-alunos passaram a leitura, quase que integral do texto.

Desse modo, a participação dos colegas nessa apresentação foi fundamental para que o tema Tecnologia e inovação fosse debatido. O texto trazia como título “Agricultura familiar: saiba como inovar e expandir seu negócio”. O grupo falou um pouco sobre os benefícios da agricultura familiar, tendo como principal característica a sustentabilidade, fazendo um paralelo entre monoculturas no agronegócio, enquanto nas pequenas propriedades se praticam a diversidade de produção. Essa prática é importante para a preservação da biodiversidade sem esgotar os nutrientes do solo. Isso assegura alimentos de qualidade para a população. O texto, entre outras coisas, aponta que a agricultura familiar no Brasil abastece, principalmente, comunidades vizinhas, além de ser a responsável do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que fornece vantagens e benefícios ao pequeno agricultor. Um dos colegas apontou que “no assentamento há famílias que participam deste programa por meio da Cooperativa Dando as Mãos, fornecendo ovos, frangos, legumes e polpa de frutas. Inclusive para a merenda desta escola”.

Também foi exposto pelo grupo que a agricultura familiar é responsável pela produção de mais de um terço dos alimentos consumidos no mundo, conforme dados de 2021 da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO). Esse

dado fez com que os sujeitos-alunos se manifestassem, pois para a maioria é um dado novo, não tinham essa noção. Dessa produção, a agricultura familiar brasileira ocupa a oitava maior produtora de alimentos do planeta. Das falas podemos observar que os sujeitos-alunos do campo passaram a refletir, alguns, sobre a grandeza dos povos do campo, o que mostra a importância da leitura para o conhecimento da própria realidade.

Além desses dados, o grupo apresentou que 77% dos estabelecimentos agrícolas brasileiros são tidos como da agricultura familiar, segundo o Censo Agropecuário, e pode ser observado no infográfico abaixo. Dentre os dados apresentados pelo texto, o grupo chamou atenção para o fato de que 19,7% dos estabelecimentos familiares eram geridos por mulheres, especialmente nas regiões Nordeste e Norte do Brasil. Dado que comunga com as narrativas dos alunos, que são as mães, avós que fazem o cultivo das pequenas plantações na maioria das propriedades na comunidade escolar.

#### Infográfico



Fonte: Blog Cresol.

Quanto às tecnologias de inovação na agricultura familiar, o texto aborda a importância desta para a gestão da propriedade, na automatização de tarefas, no aumento de produtividade, na mecanização de lavouras, no uso de tratores, arados e colheitadeiras. Essas tecnologias visam facilitar a operacionalização do plantio e da colheita, melhorando a qualidade de vida do agricultor. Também falaram da preparação do solo, dos sistemas de irrigação, da modernização de insumos, dos recursos para análise meteorológica, do controle de insetos e pragas e o uso dos agrotóxicos, do uso de drones, dos recursos hídricos e energéticos, dentre outros.

No final falaram da importância do agricultor familiar em ampliar o conhecimento acerca das possibilidades, inovações e tecnologias se qualificando, conhecendo sua propriedade, buscando parcerias e suportes para o desenvolvimento da atividade. Nesse ponto, um dos colegas do grupo anterior, nos seus gestos de interpretação, falou da EMPAER/MT, como parceira para ajudar nesse conhecimento: “Minha vó vai lá encher o saco deles direto, eles vêm, fazem análise de solo, indica o que fazer, é bom”. No discurso do sujeito-aluno acreditamos que haja pertencimento do dizer vivenciado, ao apresentar argumentos que corroboram, que estabelece relação com o tema exposto pelo grupo. Vários sentidos foram produzidos durante a apresentação e seus efeitos foram mobilizados de acordo com as condições de produção dos sujeitos-alunos, que conseguiram produzir muitas interpretações diante dos estudos e conhecimentos técnicos e científicos.

Para provocar mais um gesto de reflexão aos nossos sujeitos-alunos, os indaguei sobre a origem daquele texto, ao que um dos alunos do grupo buscou as referências e respondeu. Se tratava de um artigo divulgado num Blog de uma empresa de soluções financeiras para produtores rurais – “CRESOL”, uma Cooperativa de Crédito. Com esse gesto, fomos apontando os caminhos do texto para que os sujeitos-alunos observassem a estrutura que era apresentada, a forma como a argumentação foi sendo produzida ao longo do texto, as ideias que foram sustentadas para atingir o objetivo do texto diante de seu público-alvo, os agricultores da agricultura familiar. Isso foi importante para que os sujeitos observassem a tecitura dos argumentos apresentados, pois nossa próxima atividade os levaria para a realização das produções argumentativas, tendo como apoio os arquivos de leitura suscitados até aqui.

### **3.4 Os gestos de escrita dos sujeitos-autores, em texto argumentativo**

Chegamos finalmente ao produto final, que era nosso principal objetivo, a escrita de texto argumentativo, escrito pelos nossos sujeitos-autores. Após refletirmos os impactos das atividades de leitura através da construção do arquivo sobre nossas temáticas, sobre os efeitos produzidos pela participação na palestra com os técnicos da

EMPAER/MT, pela apresentação do seminário e percebermos como essas práticas discursivas influenciaram as oportunidades para os alunos ocuparem posições que lhes permitiram não apenas desafiar alguns significados estabelecidos, mas também se tornarem autores ao assumirem a responsabilidade por suas próprias palavras. Diante disso, este passou a ser o momento ideal para, seguindo a metodologia desta proposta, propormos a produção escrita de texto argumentativo. Vale ressaltar que nosso objetivo é analisar como a prática de leitura influenciou os sujeitos-alunos, especialmente em termos de mudanças ou rupturas de sentidos.

Orlandi, ao afirmar que o texto, na perspectiva discursiva, reflete a organização discursiva e a posição dos sujeitos, nos orienta a procurarmos entender como as manifestações de sentido dos alunos são sustentadas ideologicamente, considerando as novas formas de leitura e interpretação que foram introduzidas.

Além disso, consideramos a escrita como uma prática discursiva que vai além do ato físico de escrever, sendo uma forma pela qual nos relacionamos com a história, o tempo e a sociedade, e nos inscrevemos no corpo social, conforme aponta Indursky (2016, p. 35),

A escrita é um dos modos de que o sujeito lança mão para relacionar-se com a história, com seu tempo, com a sociedade, em suma, para inscrever-se no corpo social. E, é por meio desse fazer do sujeito que sua escrita inscreve-se também na memória social. A escrita consiste em um trabalho de tramar fios discursivos provenientes do intertexto e/ou do interdiscurso.

Ao compreender a escrita dessa forma é que a concebemos como uma prática social determinada pelo histórico e ideológico, deslocando as noções de texto e escrita, num constante movimento de ir e vir, ação e teoria. E isso nos levou a desenvolver uma proposta de escrita que desafiasse os alunos a ampliarem seus sentidos sobre as temáticas abordadas e produzir conhecimento em um texto argumentativo, após experimentarem as ações anteriores. E assim, desse modo de conceber e conduzir as práticas de leitura e interpretação, sob o viés da Análise do Discurso, que vamos refletir sobre a natureza da interpretação diante de qualquer objeto simbólico, como nos

apontou Orlandi, o qual ressalta que a interpretação é uma questão ideológica, uma vez que a ideologia atua como mecanismo de naturalização dos sentidos.

Nesse sentido, ao considerarmos as condições de produção nas quais os sujeitos-alunos foram expostos, percebemos que eles são capazes de compreender o jogo ideológico presente nas materialidades discursivas apresentadas. Daí, pela abordagem em uma perspectiva dinâmica da leitura e interpretação de texto apresentada em Indursky (2010), nos sugere que um texto só permanece fechado até ser lido, momento em que o trabalho do leitor rompe com esse fechamento imaginário e simbólico. A partir da leitura de textos sobre as temáticas apresentadas aos sujeitos-alunos, esses estabeleceram relações entre o interior dos textos e o que estava fora deles, ressoando significados que não foram explicitamente ditos, mas que influenciaram na construção, nos deslizamentos e nas derivas de sentidos presentes nos textos. Segundo a autora:

O texto só permanece fechado enquanto não for objeto de leitura. A partir do momento em que é lido, o trabalho do leitor rompe com este fechamento imaginário e simbólico, restabelecendo relações deste interior com que lhe é exterior, com o que nele não é dito, mas que aí ressoa constitutivamente. [...] Este seu gesto que o coloca no processo de interpretação do texto, em seu trabalho de leitura, produz desde pequenos deslizamentos até grandes derivas nas fileiras dos sentidos (Indursky, 2010, p. 174).

Ao considerarmos essas reflexões no contexto das práticas de leitura, interpretação e produção de textos argumentativos, percebemos a importância de uma abordagem crítica e contextualizada. Os sujeitos-alunos do campo, ao compreenderem o jogo ideológico presente nos textos, estão capacitados a realizar uma leitura ativa e reflexiva, capaz de identificar e questionar as diferentes camadas de significado presentes nos discursos. Além disso, a compreensão de que um texto não é estático, mas sim influenciado pelo contexto e pelas formações discursivas – experiências individuais – de cada leitor, permitiu uma abertura para a multiplicidade de interpretações e a construção coletiva de sentidos. Ao oportunizar aos sujeitos-alunos a desvendar os mecanismos ideológicos e a explorar as múltiplas possibilidades de interpretação, contribuimos para o desenvolvimento de cidadãos mais conscientes e participativos, uns

mais que outros, capazes de compreender e transformar a realidade que os cerca, mobilizando suas práticas discursivas.

Assim, foi possível aos sujeitos-alunos aprenderem que os textos não iniciam neles mesmos, mas estabelecem relações com outros textos, seja para informar, confirmar, contestar, reforçar ou opor. Com as condições criadas para que eles percebessem as diferentes materialidades significantes, foi possível observarmos os diferentes posicionamentos, as rupturas em relação aos sentidos que eles mobilizaram em seus argumentos, contra-argumentos nas produções oral ou escrita sobre nossas temáticas pela prática de leitura a partir da construção do arquivo.

Retomando as palavras de Orlandi (2022, p. 69), ao afirmar que:

O texto mostra como se organiza a discursividade, isto é, como o sujeito está posto, como ele está significando sua posição, como a partir de suas condições (circunstâncias da enunciação e memória) ele está praticando a relação do mundo como simbólico, materializando sentidos, textualizando, formulando, breve, “falando”. E a leitura percorre esse processo.

Diante dessas perspectivas teóricas é que formulamos a nossa proposta de produção escrita no viés argumentativo. Considerando a argumentação na AD que objetiva fazer mexer, deslocar sentido e posições-sujeito, ela não visa convencer, nem persuadir, mas põe em movimento as relações entre formações discursivas, a significação, o debate, a contemplação, a atenção aos diferentes sentidos. Para Orlandi (2023) a argumentação,

Objetiva a sustentação de sentidos e de posições-sujeito, visando a direção para onde apontam ideologicamente sujeitos e sentidos, pensando-se a relação entre formações discursivas à dominante, isto é, o interdiscurso. Ela afeta a relação estrutura e acontecimento (Orlandi, 2023, p. 41).

Ao nos convidar para refletir sobre o papel da linguagem na sustentação de sentidos e na construção de posições-sujeito, a autora destaca a importância de considerar como os discursos atuam na direção ideológica dos sujeitos e dos sentidos, estabelecendo uma relação entre as formações discursivas, evidenciando como os

discursos se constroem a partir de outros discursos preexistentes. Isso nos permite compreender como as estruturas discursivas são influenciadas por acontecimentos sociais e históricos, ao mesmo tempo em que contribuem para moldar esses acontecimentos. Ao pensarmos nossa prática pedagógica, essa reflexão nos leva a considerar como os discursos presentes na sala de aula e na sociedade em geral impactam na construção dos sentidos pelos alunos. Ao trabalharmos com textos argumentativos nas aulas de Língua Portuguesa, foi fundamental proporcionarmos aos sujeitos-alunos ferramentas para analisar criticamente os discursos presentes nos textos, identificando suas relações com outras formações discursivas e refletindo sobre as posições-sujeito que foram sendo sustentadas diante da temática apresentada para a produção escrita.

Tomaremos para análise textos com materialidades diferentes, sendo oito textos escritos em linguagem verbal e cinco textos usando linguagem verbal e não verbal. Vale ressaltar que, conforme exposto no primeiro capítulo, alguns alunos apresentam dificuldade de leitura e escrita, mesmo no nono ano do Ensino Fundamental. Isso nos levou a propor que os alunos que não conseguissem fazer um texto exclusivamente escrito, o fizessem usando as diferentes materialidades significativas apresentadas, como charges, quadrinhos etc. Assim, dessa prática, depois de trabalharmos arduamente a escrita, infelizmente, por motivos já mencionados anteriormente, não pudemos fazer uma reescrita, nem as correções formais, também não foi possível que os alunos digitalizassem os textos, de modo que serão apresentados em versão única. Assim, dos 20 alunos, 18 nos entregaram as produções, dentre essas, selecionamos onze para analisarmos os aspectos mencionados em relação às discursividades argumentativas. Os sujeitos-alunos (SA) serão mencionados como SA – (A; B; C; D; E; F; G; I...).

Em nosso primeiro olhar sobre os textos, já podemos observar que houve rupturas em relação aos sentidos observados em algumas posições-sujeito, quando do início da nossa proposta, antes do arquivo de leituras.

Nossa proposta: “Escreva um texto argumentativo, discutindo os desafios enfrentados e os avanços alcançados na produção de alimentos orgânicos pela

agricultura familiar. Destaque também a relevância desses aspectos na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado”.

Diante da proposta apresentada, foi possível observar os primeiros sinais de inquietação dos sujeitos-alunos. Depois de tranquilizá-los e fazermos as explicações solicitadas, deixamos claro que, caso precisassem de ajuda, estaríamos ali. A maior preocupação notada foi no sentido de ter que expor os textos para que outros pudessem ler, pois só estavam acostumados a escrever apenas para o professor, fato que nos suscita algumas reflexões sobre o “discurso pedagógico” já abordado aqui, e tão vigente nas salas de aula. Assim, percebemos que, do imaginário de alguns, o trabalho de transpor o discurso da oralidade para o da escrita, para a maioria desses sujeitos, se tornou um desafio inenarrável. Práticas assim para estes sujeitos-alunos do campo do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II, ainda configuram uma atividade muito complexa. Conforme a teoria discursiva, esse processo implica em ocupar a posição sujeito-autor desde os primórdios do Ensino Fundamental I. Desse modo, seguimos confiantes nas condições de leitura e escrita, as quais conseguimos pôr à disposição para nossos alunos, ressaltando que seria necessário empenho ao considerar a finalidade da proposta e reforçando que todos eles já tinham condições e argumentos para escrita do texto.

A título de situar o leitor, as análises seguiram a ordem dos temas trabalhados em grupo, de modo que conseguimos contemplar a escrita argumentativa em todos os temas.

#### 3.4.1 TEMA 01 – Alimentação saudável, a qualidade dos alimentos e o papel dos agricultores na produção

Assim, na análise do texto do SA – A, foi possível identificar a formação discursiva em que se inscreve quando escreve sobre alimentação saudável. É uma formação discursiva relacionada à preocupação com a saúde e o bem-estar, evidenciada pela crítica ao consumo excessivo de produtos industrializados e açucarados. Essa formação discursiva sugere uma consciência sobre os impactos negativos desses alimentos na saúde. Além disso, o sujeito-autor também mobiliza sentidos vinculados à

vida no campo e à agricultura familiar. Destaca a possibilidade de cultivar alimentos de forma própria e reconhece a influência das inovações tecnológicas na produção de alimentos, utilizando argumentos baseados em fatos, vivências, recorre a argumentos de autoridade ao mencionar informações apresentadas em seminário sobre o tema.

Foi possível analisarmos a presença da memória discursiva, o interdiscurso, quando percebemos a influência de discursos sociais sobre alimentação e saúde, bem como sobre a vida no campo e agricultura familiar. Esses discursos foram mobilizados para construção de sua argumentação, mostrando como eles estão presentes no modo como significa esta temática. Ela produz formulações, como “cultivar pequenos canteiros ou hortas para produzir alguns legumes, frutas e vegetais para melhorar a qualidade de nossa alimentação”, que evocam imagens de cuidado, crescimento e sustentabilidade. O sujeito-autor faz gestos de interpretação que rompem com a memória e trazem elementos distintos, contribuindo para a constituição do sujeito de forma ideologicamente marcada, uma postura crítica e reflexiva que busca ir além das concepções preestabelecidas, levando em consideração sua própria experiência e contexto social na atribuição de sentidos.

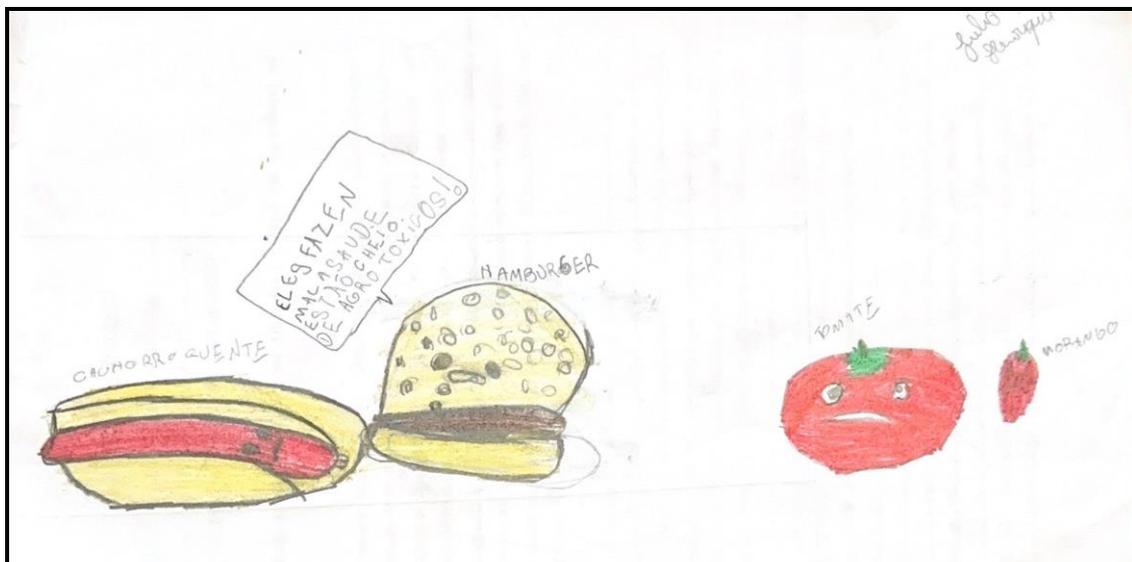
No texto do SA – B, podemos identificar uma formação discursiva, que reflete as experiências e o contexto social da autora como sujeito do campo. Ela inicia destacando a importância da alimentação saudável e equilibrada, mencionando uma variedade de alimentos nutritivos, como frutas, legumes, grãos integrais, proteínas magras e gorduras saudáveis. Essa abordagem reflete uma formação discursiva, que valoriza a conexão entre alimentação e saúde, com ênfase na diversidade e na qualidade dos alimentos consumidos.

Além disso, a aluna faz uso de comparações e metáforas para enfatizar sua argumentação. Por exemplo, ao mencionar que “é bom ter cestas em casa com vários tipos de verduras e vegetais e frutas como pitaia, laranja, ‘michirica’, morango e outro”, ela utiliza a metáfora da cesta como um símbolo de abundância e variedade na alimentação. Essa metáfora sugere a ideia de que ter acesso a uma variedade de alimentos frescos é essencial para uma alimentação saudável.

Além disso, a aluna antecipa possíveis objeções ao seu argumento, alertando para os riscos de consumir produtos contaminados, mesmo quando comprados em mercados: “Mesmo se você comer frutas e vegetais de mercados, achando que você tá saudável, atenção!”. Essa antecipação de contra-argumentos demonstra uma consciência crítica e uma preocupação com a segurança alimentar, apresentando uma formação discursiva que considera não apenas a qualidade dos alimentos, mas também as condições de produção e distribuição.

Portanto, a análise desse texto revela uma formação discursiva relacionada à alimentação, saúde e segurança alimentar, que reflete a posição do sujeito do campo e sua preocupação com uma alimentação saudável e equilibrada. Sua posição-sujeito, enquanto pessoa do campo, significa a forma como ela se percebe e argumenta, articulando que é afetada por sua condição e pelas ideologias que permeiam conjuntura social e cultural.

Figura 18 – Charge do SA-C



Fonte: Arquivo da pesquisa

Ao analisarmos o texto acima, percebemos que o SA – C, ao utilizar de outra materialidade significativa, apresenta uma crítica implícita aos alimentos processados, representados pelo hambúrguer e pelo cachorro-quente, em contraste com os alimentos

naturais e saudáveis, simbolizados pelo tomate e pelo morango. A fala do hambúrguer e cachorro-quente enfatiza a preocupação com os agrotóxicos e os potenciais danos à saúde causados por alimentos processados. O uso da palavra “cheio” sugere uma forte presença de agrotóxicos nos alimentos mencionados. Vale ressaltar que esse sujeito-autor, nas discussões do seminário estava totalmente significado pela alimentação de ultraprocessados e, nesse momento da escrita, se mostra mudando de posição, o que nos indica que houve sim mudança de posição, na posição sujeito com o material que foi lido no arquivo.

Ao fazer a representação visual dos alimentos em primeiro plano, destaca a dualidade entre os processados (cachorro-quente e hambúrguer) e os naturais (tomate e morango). A cor vermelha intensa dos alimentos naturais contrasta com a aparência mais artificial dos alimentos processados, sugerindo frescor e saúde em oposição à artificialidade e potenciais riscos à saúde. Assim, o fato de os alimentos processados estarem em primeiro plano e os naturais em segundo plano, pode indicar, em uma das muitas leituras possíveis, uma inversão de valores, sugerindo que os alimentos naturais deveriam receber mais destaque e atenção. Ao fazer uso da polissemia e da metáfora para produzir sentidos, destacando os diferentes significados atribuídos aos alimentos e suas implicações para a saúde, sua formação discursiva aponta uma consciência crítica sobre questões alimentares e ambientais, significando de forma criativa e provocativa por meio da linguagem visual e verbal.

#### 3.4.2 TEMA 02 – Produção de alimentos orgânicos e a importância da preservação ambiental na agricultura familiar

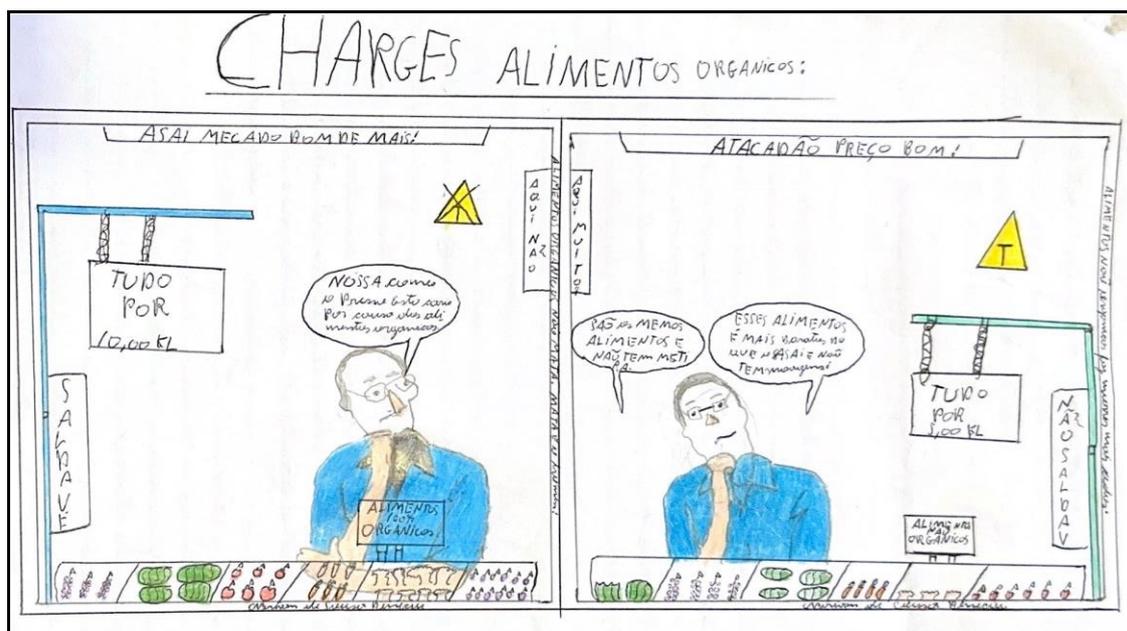
Cientes da importância do papel da escrita na sala de aula, não só nas aulas de Língua Portuguesa, é que acreditamos, nessa perspectiva teórica, que “a escrita, ou seja, a redação é o meio de se ter acesso à leitura do aluno”, conforme Orlandi, e que isso implica que a escrita é um gesto das interpretações e compreensões que os sujeitos-alunos têm dos textos que leem/leram. E isso, podemos observar nessas análises, que, uns mais e outros menos – porque também consideramos a heterogeneidade das nossas salas de aula – evidenciam que o trabalho com o arquivo, ou seja, a exposição dos sujeitos às diferentes formas textuais, permitiu que eles ampliassem o repertório de

conhecimentos (os sentidos) e desenvolvessem gestos argumentativos mais sólidos, como podemos observar.

Ao analisarmos o texto do SA – D, observamos que a condição de sujeito-aluno do campo está significada nos seus gestos de interpretação sobre o tema, pois os sentidos produzidos apontam para uma formação discursiva ideologicamente favorável à produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar, destacando seus benefícios para a saúde e o meio ambiente, e enfatiza a importância de valorizar os produtores e promover a transição para práticas mais sustentáveis. É possível analisar a argumentação da aluna como uma ruptura com a memória discursiva predominante, trazendo elementos distintos e diferentes que constituem sua forma de argumentar, de maneira ideológica diferenciada, ao abordar os desafios enfrentados pela agricultura familiar na produção de alimentos orgânicos, bem como os avanços alcançados, pois apresenta uma visão que pode ser considerada contrária à memória discursiva tradicional sobre o tema.

Enquanto a memória discursiva predominante, muitas vezes, associa a agricultura convencional à modernidade e eficiência, e os alimentos orgânicos à rusticidade e limitações tecnológicas, o sujeito destaca os avanços significativos e as práticas sustentáveis adotadas na produção de alimentos orgânicos. Essa perspectiva representa uma ruptura com a memória discursiva instituída, trazendo novos gestos de significação que desafiam e questionam essa visão hegemônica. Nessa formação discursiva favorável, a produção orgânica contribui para a construção de novos sentidos e posicionamentos ideológicos em relação ao tema.

Também podemos observar que o sujeito-autor utiliza termos como “práticas sustentáveis”, “qualidade nutricional” e “acesso a alimentos nutritivos” para se referir aos benefícios da produção de alimentos orgânicos, demonstrando a polissemia desses termos e sua relevância no contexto agrícola. Da mesma forma mobiliza elementos do interdiscurso da certificação de alimentos orgânicos, se referindo “aos Pactos” e indicando a importância desse processo para a validação e credibilidade dos produtos no mercado.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Com relação ao texto acima, a formação discursiva do sujeito-aluno do campo SA – E se inscreve numa visão crítica sobre a comercialização de alimentos orgânicos em comparação aos alimentos não orgânicos. O sujeito-autor utiliza a tirinha/charge para materializar seu ponto de vista sobre o tema abordado. Os argumentos presentes na tirinha/charge se concentram na comparação de preços e na percepção dos consumidores sobre a qualidade dos alimentos. Há uma crítica implícita à valorização dos alimentos não orgânicos em detrimento dos orgânicos em “Nossa como o ‘presso’ está caro por causa dos alimentos orgânicos.”, “São os ‘memos’ alimentos e não tem ‘metira’.” “Esses ‘alimentos é’ mais baratos do que no Assai e não tem moagens!”. Esse texto dialoga com discursos presentes na sociedade sobre alimentação saudável e qualidade dos alimentos. Ela reflete preocupações e debates atuais sobre a produção e o consumo de alimentos. Utiliza a linguagem verbal e não verbal para transmitir sua mensagem de forma simbólica e metafórica. Por exemplo, a representação dos preços dos alimentos e das placas com mensagens críticas evidencia a paráfrase e a polissemia presentes no texto.

Também expressa uma posição ideológica que valoriza os alimentos orgânicos como mais saudáveis e sustentáveis em comparação com os não orgânicos. O sujeito-autor, ao criticar os preços dos alimentos orgânicos em relação aos não orgânicos,

demonstra uma visão crítica sobre o sistema alimentar atual. Utiliza metáforas visuais, como o desenho dos alimentos e das placas com mensagens críticas, para representar conceitos abstratos, como qualidade dos alimentos e preocupações ambientais, utilizando elementos verbais e não verbais para transmitir uma mensagem ideológica sobre o tema.

Vale ressaltar que este sujeito-aluno apresenta uma série de dificuldades na aprendizagem, sua leitura ainda está em processo de construção, mas esse fator não o impediu de ser autor de seu próprio texto exercendo sua função de autoria, uma vez que, segundo Orlandi (2020, p. 74), “tendo o domínio de certos mecanismos discursivos, representa, pela linguagem, esse papel na ordem em que está inscrito, na posição em que se constitui, assumindo a responsabilidade pelo que diz, como diz etc.”. Ao criarmos condições propícias à produção do aluno em sala de aula com as diferentes materialidades significantes, o aluno se constitui na posição sujeito-autor de seu texto, tendo o texto como uma unidade significativa.

Ainda sobre este mesmo tema, o sujeito-aluno SA – I fez seus gestos de interpretação inscritos em uma formação discursiva, que valoriza a agricultura familiar como produtora de alimentos. Nos chamou a atenção a sua forma de significar nos diferentes movimentos enquanto sujeito-aluno, mostrando pontos de autoria ao estabelecer em seus gestos de interpretação, argumentos numa relação com a exterioridade, ela relata uma situação que observa e ouve de seus colegas nas conversas cotidianas e significa em seu texto, estabelecendo uma relação com o ambiente externo, com o contexto social e com as práticas agrícolas que acontecem ao seu redor, ao escrever: “[...] ultimamente estou ouvindo vários colegas meus reclamarem de lagartas estarem acabando com o pasto e algumas pessoas acabam usando agrotóxicos para matar essas pragas, mas não sabem o tanto que isso faz mal pra nós”. Se mostra um observador atento aos acontecimentos e às preocupações de sua comunidade<sup>8</sup>.

Ao expressar a preocupação com o uso de agrotóxicos para combater as pragas, o sujeito-autor revela uma reflexão interna significando os possíveis impactos negativos

---

<sup>8</sup> No período relatado pela aluna, houve uma grande concentração de lagartas que devorou grandes pastagens. O relato sobre o acontecido foi geral, pois estava em período de estiagem, as pastagens sofridas pela seca, com o ataque das lagartas, a problemática foi motivo de muita preocupação pelos pequenos produtores da comunidade escolar.

dessa prática na saúde humana e no meio ambiente, indicando que o conhecimento adquirido significa sua percepção e interpretação dos fatos. Esses gestos de interpretação revelam que o sujeito-autor não apenas relata os acontecimentos, mas também os interpreta e os questiona, exercendo sua autoria na construção de sentido do texto. Nesse movimento observamos, conforme Orlandi (2020, p. 74), que “o sujeito ao mesmo tempo em que reconhece uma exterioridade à qual ele deve se referir, ele também se remete à sua interioridade, construindo desse modo sua identidade como autor.”

### 3.4.3 TEMA 03 – Compostagem como forma de adubação orgânica em produção caseira

Considerando que nosso *corpus* é composto de quatro temas, vamos analisar nosso dispositivo de número três, tomando alguns recortes dos textos que compõem esta temática para contemplarmos o funcionamento do discurso, na produção de sentidos pelos nossos sujeitos-alunos do campo. E o faremos em conjunto. Tomemos, pois, quatro produções em que a linguagem verbal é predominante e três em que a linguagem não verbal também se materializa, constituindo o discurso argumentativo dos sujeitos.

Observando os gestos de interpretação dos sujeitos-autores sobre o tema, podemos analisar que os textos, mesmo falando sobre o mesmo tema, fazem inscrições diferentes. Quanto a formação discursiva, observamos que os sujeitos SA – O e SA – P, fizeram, respectivamente, uma interpretação centrada na alimentação saudável, destacando a importância de uma dieta equilibrada e o cultivo doméstico, significando nos seus textos exemplos do dia a dia, “[...] é muito mais eficiente você ter uma horta como a minha família, às vezes nós plantamos mandioca, milho, feijão e pés de frutas, pode dar muito trabalho, mas vale a pena porque na hora da refeição o prato de comida vai estar deliciosamente cheio de cores e com ‘tempeiro’ e muito bem saudável”, e “[...] na horta da minha avó, ela planta, vários tipos de alface, tomate, cebolinha de folha, coentro, abóbora, mamão etc.”. Assim os sujeitos vão se inscrevendo numa formação discursiva favorável às práticas de alimentação saudável, principalmente as praticadas na situação da agricultura familiar.

Está significado também nesses gestos a formação ideológica da saúde e bem-estar ao associar uma alimentação saudável com um prato “deliciosamente cheio de cores e com tempero”. Nesse gesto os sentidos sobre saúde são significados como algo atrativo, prazeroso, sugerindo que fazer escolhas alimentares saudáveis é gratificante, mesmo diante da oferta massificada do mundo dos *Fast foods*. Além disso, os sujeitos conseguiram dialogar com os outros temas do arquivo de leitura, trazendo para seus gestos de interpretação a maneira como a compostagem pode contribuir para uma alimentação saudável e um objetivo maior, o de preservação ambiental, alinhando-se a uma ideologia ecologicamente consciente.

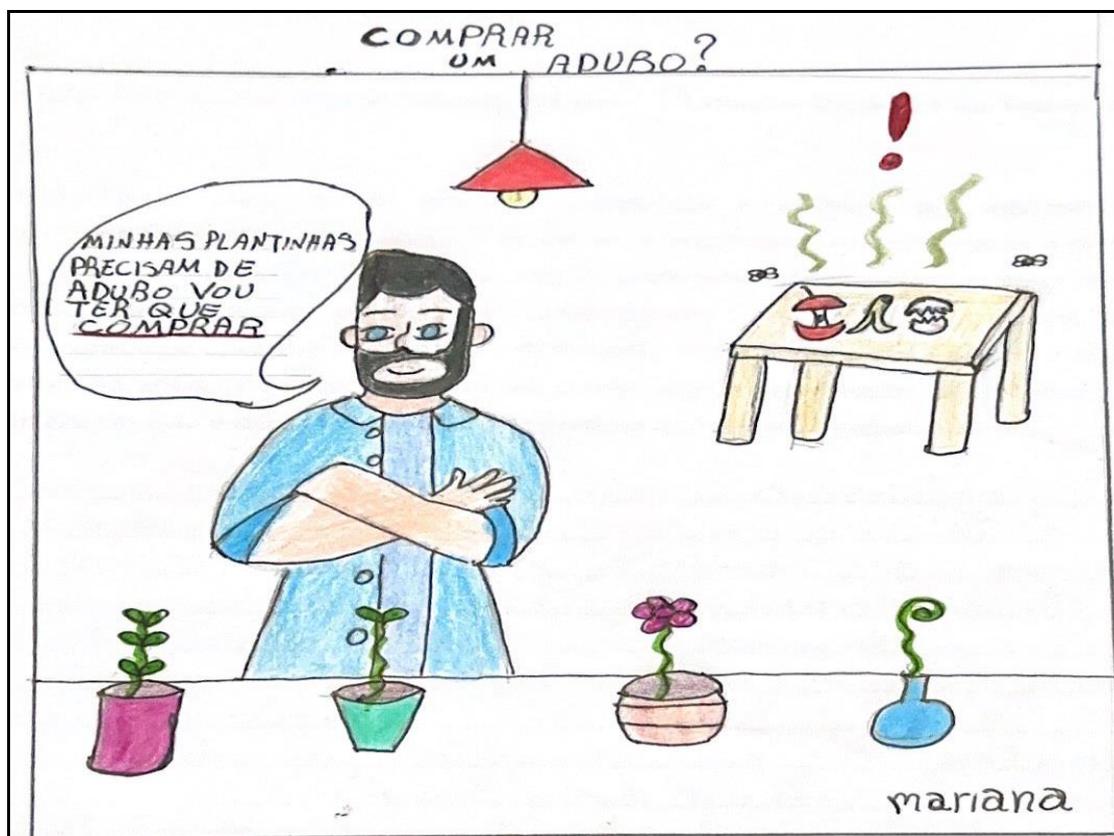
Ainda sobre esses dois gestos de interpretação, devemos destacar de ambos – SA – O e SA – P – que criam uma antecipação para posicionar o leitor, “Eu sei que você gosta de comer alimentos não saudáveis como pizza, doces, refrigerantes etc...”, isso visa a estabelecer um vínculo direto com o leitor, reconhecendo e abordando uma possível resistência ou hábito alimentar preexistente. Ao fazer isso, o sujeito-autor posiciona-se como alguém que compreende as preferências do leitor, aumentando seu gesto argumentativo ao apresentar alternativas mais saudáveis. Do mesmo modo, quando SA – P escreve “Você está cuidando bem da sua alimentação?”, ou ainda, SA – L “Você já ouviu falar em compostagem?”, ao fazer esse gesto de interpretação o sujeito-aluno tenta envolver o leitor desde o início do texto, colocando-o em uma posição de leitor reflexivo sobre seus próprios hábitos alimentares e os cuidados que protegem o meio ambiente. Isso cria uma abertura para introduzir a prática da compostagem como alternativa benéfica, para então ter alimentos mais saudáveis.

Essa estratégia é importante para sustentar os pontos que foram desenvolvidos ao longo do texto. Fazem gestos que significam o trabalho com o arquivo realizado. E esse movimento no funcionamento do discurso, a partir da organização de um arquivo, conduz, conforme Indursky (2019), o sujeito-aluno “à construção de sua história de leitura, e habituá-lo a se apropriar de enunciados postos à sua disposição para produzir, a partir deles, seus próprios textos”. Ao desenvolver atividades como essa, oportunizamos ao aluno, principalmente nessa fase escolar, momentos de reflexão porque cada leitor significa sua história de leitura (Orlandi, 2012a), assim como cada autor cria seu próprio estilo. Cabe à escola valorizar a experiência discursiva do aluno

em suas diferentes formas de linguagem. E ao professor contribuir para modificar as condições de produção de leitura e escrita dos alunos, como mediador dessa formação, criando um ambiente propício, encorajando-os a explorar uma variedade de textos, construindo assim sua própria história de leituras e ajudando-os a compreender a complexidade dos textos por meio de relações intertextuais, resgatando a história dos sentidos do texto.

Outro gesto de interpretação produzido por esses sujeitos-alunos, para garantir e sustentar sua argumentação sobre o tema, está relacionado ao fato de utilizarem, também, a linguagem não verbal ao produzirem diferentes materialidades significativas, como mostrado na charge e na tirinha, respectivamente, a seguir. Observem, outra vez, a antecipação, que já sabemos, na análise de discurso materialista, é um processo sobre o qual se funda a natureza argumentativa do discurso. Por ela, o autor do texto experimenta o lugar do sujeito-leitor a partir de seu próprio lugar, constituindo as “formações imaginárias”, conforme Pêcheux.

Figura 20 – Charge SA – O



Fonte: arquivo da pesquisa.

Observamos a antecipação em dois momentos, o primeiro no título da charge “Comprar um adubo?”, antecipa a preocupação central que é a decisão do homem como lidar com a necessidade de fornecer nutrientes para suas plantas. O segundo momento pode ser observado na representação visual do homem com os braços cruzados diante das plantas. Essa imagem antecipa a fala do homem, que expressa a necessidade de comprar adubo para suas plantas. Nesses gestos o sujeito-aluno prepara o leitor para o sentido que já está lá, direciona a atenção do leitor para a temática principal, a compostagem (restos de frutas indicados na mesa), que pode ser feita em casa.

Figura 21 – Tirinha SA – P



Fonte: arquivo da pesquisa

Nesta tirinha o sujeito-aluno sustenta seu gesto de interpretação usando as linguagens verbal e não verbal, para afirmar os sentidos expostos no texto verbal, a importância da compostagem nos processos de reciclagem. “A pura verdade...” observada no título, as reticências, podem significar o acréscimo à formação discursiva apresentada. Para Orlandi (2022, p. 123),

As reticências são signos de silêncio, presença de uma ausência anunciada. Um acréscimo radical que se abre para tudo, para qualquer

coisa. Não é o vazio: elas marcam o lugar de um acréscimo possível, mesmo necessário, livrado à memória, aberto ao efeito leitor.

Isso oferece uma reflexão sobre o papel das reticências na construção do sentido discursivo, destacando sua complexidade e sua capacidade de evocar múltiplas interpretações. Ao dizer “A pura verdade...”, o sujeito-aluno pode estar sugerindo uma reflexão sobre a certeza e a complexidade da verdade, deixando espaço para interpretações outras, destacando a subjetividade e a incerteza inerentes ao discurso humano na sua formação ideológica.

Ainda sobre esse tema, o SA – L, ao fazer seu gesto de interpretação sobre o que é a compostagem, utiliza a expressão, “[...] ‘maneira super legal’ de transformar restos de comida... em adubo para as plantas[...]”, sugerindo uma prática interessante e positiva de se envolver, tornando-a mais acessível para o sujeito leitor. E no final do texto desafia o leitor ao escrever “Que tal começar a fazer compostagem na sua casa?”. O sujeito-aluno percebe se, ideologicamente, na sua formação discursiva, seus argumentos estão significados a partir da memória em que ele já está significado. Essa ruptura em relação aos sentidos traz elementos que são distintos, diferentes, e que constituem o sujeito dessa forma de argumentar, da sua posição sujeito-autor.

Um contraponto nesses gestos para esse tema foi feito pelo SA – K, pois este sustenta sua formação discursiva influenciada por efeitos do interdiscurso relacionados à agricultura familiar, os desafios enfrentados pelos produtores rurais e sustentabilidade. Ele reflete sobre as dificuldades e conquistas dos agricultores familiares, significando a conjuntura social. Inclui discursos sobre desenvolvimento rural, sustentabilidade e destaca o papel da EMPAER (Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural) na promoção da agricultura familiar, inserindo-se em um interdiscurso sobre políticas públicas e apoio governamental à agricultura, ao afirmar que “[...] para muitos produtores que com ajuda do sistema da Empaer, estão crescendo diariamente”. E destaca que: “Em Rondonópolis tem uma produtora na agricultura de alimentos orgânicos”. Podemos observar que o sujeito-aluno dialoga com discursos preexistentes na sociedade sobre alimentação saudável, sustentabilidade, agricultura familiar, e ao fazer esses gestos de interpretação em seu discurso, ele os incorpora em suas próprias

narrativas, contribuindo para a construção de um sentido compartilhado sobre o tema e promovendo certos valores histórico-ideológicos associados a ele.

Assim, podemos observar, através desses gestos de leitura, materializados na escrita, e realizados pelos alunos, a partir de outras materialidades significantes, como as diferentes linguagens em circulação, e em funcionamento, movimentam sentidos, pois o sentido se produz diferentemente com as diferentes materialidades de leitura e escrita a que o sujeito é exposto.

#### 3.4.4 TEMA 04 – Tecnologia e inovação no campo, o uso de tecnologia e inovação na agricultura familiar

Sobre esse tema, apenas um sujeito-aluno entregou o texto, uma charge. Ao analisarmos os gestos de interpretação em que o aluno se significa sobre o tema tecnologias, destacamos que o tema não está abordado no texto diretamente. Foi o tema do grupo mais disperso, pois foram oferecidas as mesmas condições de leitura e escrita.

Figura 22 – Charge SA – R



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Ao observarmos essa charge, é preciso primeiro levar em consideração as condições de produção do nosso sujeito-aluno, que apresenta ainda uma escrita alfabética em construção, mas que consegue, diante da memória de arquivo à qual foi

exposto, fazer seu gesto de interpretação e inscrever seus argumentos numa formação discursiva que aborda a questão do uso de agrotóxicos na agricultura brasileira e as percepções divergentes sobre esse tema. Ela dialoga com a formação discursiva da sociedade capitalista, a qual o sujeito se significa em relação à agricultura, saúde e meio ambiente, bem como as crenças e valores, as relações ideológicas, associados a esses temas.

Em seu gesto argumentativo observamos sua relação com o interdiscurso, ao refletir sobre sentidos favoráveis e críticas ao uso de agrotóxicos, bem como debates sobre segurança alimentar, saúde pública e sustentabilidade ambiental. Ao apresentar os diferentes sentidos das pessoas representadas e ao sugerir uma crítica ao uso excessivo de agrotóxicos, por meio da imagem da morte e a afirmação de que concorda que é um exagero o uso de agrotóxicos, traça uma representação irônica ou sarcástica (se considerar na interpretação um leve sorriso na imagem), da situação em que se apresenta pronta (imagem da morte com a foice em punho) para colher as consequências fatais desse uso excessivo. A charge convoca o leitor a refletir sobre essas questões e considerar as diferentes perspectivas apresentadas dessas práticas.

Isso comunga com as abordagens defendidas por Lagazzi (2018) sobre o papel das imagens na produção discursiva de diferentes materialidades significantes. A autora argumenta que as imagens podem ser usadas de várias maneiras em textos, desde ilustrar conceitos até fornecer informações adicionais ou emocionais que não são transmitidas somente pelo texto verbal. Destaca também a importância de considerar a situação cultural e social em que as imagens são usadas, bem como a relação entre as imagens e o texto. O sujeito-aluno toma o uso de agrotóxicos vinculado ao uso das tecnologias. Isso pode ser observado, considerando textos do arquivo ao qual o sujeito teve acesso, “Sem agrotóxicos o mundo morreria de fome”. Assim, podemos analisar o uso de agrotóxicos como uma tecnologia na agricultura familiar, como dissemos, sob uma ótica de necessidade alimentar e segurança alimentar.

A utilização de agrotóxicos na agricultura familiar pode ser vista como uma tecnologia que permite o aumento da produtividade e a proteção das colheitas contra pragas e doenças, como tivemos a oportunidade de vivenciar nos relatos dos sujeitos-alunos no início deste capítulo. Assim, o debate em torno do uso dos agrotóxicos na

agricultura familiar envolve considerações sobre os riscos associados à contaminação do solo, da água e dos alimentos, bem como os efeitos na saúde dos agricultores e consumidores, e na charge, ele convoca o leitor para a promoção de práticas agrícolas orgânicas, agroecológicas e sustentáveis que reduzam a dependência de agrotóxicos e promovam a saúde humana, ao usar a imagem da morte para sustentar sua posição sujeito, que mesmo diante de práticas nocivas à saúde se posiciona criticamente contra o uso dos agrotóxicos que pode tirar a vida do ser humano.

Assim, mesmo o sujeito-aluno não se inscrevendo numa formação discursiva, que coloque em evidência as tecnologias que foram abordadas no seminário, por exemplo, podemos observar que, embora muitas vezes associemos a palavra “tecnologia” a dispositivos eletrônicos ou inovações de alta tecnologia, no contexto agrícola, o termo se estende a qualquer método, prática ou processo que melhore a produção agrícola e promova a sustentabilidade. Desse modo, práticas como controle biológico, controle cultural, controle físico, iscas tóxicas naturais, uso de plantas repelentes e métodos de manejo integrado de pragas, são todas formas de tecnologias no campo, pois, segundo os técnicos da EMPAER/MT, representam abordagens inovadoras e sustentáveis para a agricultura, que visam promover a saúde do ecossistema agrícola e reduzir o impacto negativo sobre o meio ambiente e a saúde humana.

Vale destacar que ao trabalharmos a leitura e a escrita com os sujeitos-alunos do campo, eles se inscreveram o tempo todo significados pelo arquivo de leitura ao qual foi constituído por eles sobre as temáticas. E essas temáticas abordam duas formações discursivas distintas, a que é dos alimentos processados, do uso dos agrotóxicos; e a que é dos alimentos saudáveis, das práticas sustentáveis, da produção orgânica. Pudemos observar durante todo processo da análise, para fazer um destaque mais amplo, que os sujeitos mobilizaram, além das experiências da lida no campo, o arquivo de leitura que alguns já situavam, mas que a maioria passou a se situar, se inscreverem na alimentação saudável, na compostagem, mesmo sabendo que o que mais existe de dominante na nossa sociedade capitalista é o uso dos agrotóxicos, dos pesticidas, dos alimentos ultraprocessados. Assim, para exemplificar, vamos observar esse excerto do texto do

SA – N, que se inscreve na formação discursiva sobre a produção de alimentos orgânicos,

“[...]outra conquista importante é o fortalecimento do desenvolvimento local. A produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar estimula a economia local. E isso pode ser notada nas feiras locais, aqui no assentamento Carlos Marighella onde os pequenos produtores se ‘reúne’ aos sábados para vender ‘seu’ produtos, frutos da agricultura familiar. Além disso, a feira se tornou um acontecimento cultural, onde as famílias vão se encontrar, bater papo e saborear as delícias que os feirantes levam, como pastel, espetinho, sucos e refrigerantes, doces etc...” (SA – N, 2023).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso que fizemos leva-nos a compreender melhor o caminho que nos leva para um momento de reflexão final, sem, é claro, encerrar o assunto, visto que os sentidos já são outros. Quando do início a que partimos, ainda nas aulas, naquele momento em um formato digital, completamente atípico, mas possível diante das especificidades pelas quais ainda enfrentávamos pelo processo pós-pandemia e a dificuldade logística diante de governos, tanto municipal, mas, principalmente, o estadual, em não cumprir com as leis vigentes para liberação para qualificação profissional. Vencido esse primeiro impasse, nossas aulas foram conduzidas com maestria pelos profissionais do programa de mestrado PROFLETRAS/Cáceres.

Nosso primeiro desafio foi surgindo diante de algumas teorias apresentadas, que rompiam com as quais estávamos habituados no nosso fazer pedagógico e, também, com a falta de um aporte teórico metodológico que guiasse nossa prática em sala de aula, senão os materiais pedagógicos, tido no nosso estado, Mato Grosso, como *Sistema Estruturado de Ensino*. Acredito que o nome já configura o objetivo desse material.

Quando questionados sobre possíveis projetos a serem realizados, na nossa ingenuidade/maturidade, apesar da idade cronológica, visualizava o trabalho de leitura e escrita, mas numa perspectiva que rompia com o aporte teórico sugerido pelo programa. Depois de sermos escolhidos pelos orientadores do programa, percebemos que nosso desafio se tornou ainda maior. A escrita do projeto de intervenção, a partir do título que sugerimos, já indicava que os sentidos poderiam ser outros. E a compreensão desses sentidos só foi possível diante da robustez do trabalho de intervenção da orientadora, que na sua sapiência e dedicação nos conduziu a outras interpretações, nos mostrando na prática, nos fazendo refletir diante do aporte teórico disponibilizado a reformular sentidos, que nos proporcionou muitas reflexões em relação às práticas que adotávamos em sala de aula. Assim, essa proposta possibilitou ressignificar o ensino de Língua Portuguesa por meio da leitura e escrita de textos argumentativos na perspectiva da Análise de Discurso Materialista.

Ao observar nossa proposta tomando forma, se solidificando, ao dar início com os sujeitos-alunos, percebemos que, na prática, precisávamos promover práticas discursivas argumentativas, partindo da promoção do discurso polêmico, para que pudessemos desestabilizar sentidos sobre a falta de interesse dos alunos, para que saíssem da posição passiva de reprodutores de sentidos. Assim, por meio de escutas, nas rodas de conversas, nossa, como elas foram produtivas para o entendimento das teorias às quais estávamos dialogando e sobre as quais pudemos fazer nossa mediação experimentando outras posições, bem diferentes, opostas às quais vínhamos praticando até então.

Nessa relação de mediação do processo, foi possível colocar em funcionamento o discurso polêmico em sala de aula, possibilitando ao sujeito-aluno o entendimento de que eram capazes, que estavam autorizados na participação das produções, e, principalmente, na disputa pelos sentidos a partir de determinado objeto discursivo. Ao que nos foi retornado, positivamente, nos gestos de interpretação expostos ao longo da execução da nossa proposta, ao se significarem no desejo de falar, de opinar e sustentar suas ideias com argumentos validados na sua posição de sujeito que produz e compartilha conhecimento frente à necessidade de fazer algo diferente e que fosse prazeroso ao produzir novos conhecimentos e compartilhar os saberes que na vivência no campo já estava significada.

E esse entendimento só foi possível a partir da compreensão teórica oferecida pela análise de discurso pecheutiana e dos conceitos apresentados pelos autores discutidos, ao reconhecermos que a ideologia desempenha um papel fundamental na sustentação da argumentação. Entendemos que é pela e por meio da linguagem que o sujeito se constitui, e é justamente nesse processo discursivo que as marcas ideológicas são inscritas e perpetuadas, como pudemos analisar nas formações discursivas às quais os sujeitos-alunos se inscreveram, nas diversas materialidades significantes que lhes foram postas como possibilidades. Ao nos propormos a analisar o processo de produção e significação presentes nas produções textuais dos sujeitos-alunos, adotamos uma abordagem que privilegia a investigação do processo de construção discursiva, em detrimento de simplesmente examinar os elementos formais dessas produções.

Nessa perspectiva, buscamos compreender não apenas o conteúdo explícito dos textos produzidos pelos alunos, mas também os elementos ideológicos subjacentes, os discursos silenciados e as estratégias discursivas empregadas na construção dos argumentos. Isso nos permitiu desvelar as relações de poder, as hierarquias sociais e os sistemas de crenças que permeiam as práticas discursivas dos sujeitos-alunos do campo, contribuindo para uma análise mais fecunda e crítica dos textos produzidos sobre temas que, conhecidos nas vivências de sujeito do campo que são, mas, principalmente, pelo arquivo que foi produzido nas diferentes materialidades significantes.

Confesso que, ao fazer as primeiras leituras das produções finais dos sujeitos-alunos, fui pega por uma memória discursiva que durante muito tempo me moveu para as práticas pedagógicas autoritárias e o desespero bateu, como se eu não tivesse conseguido atingir meu objetivo, estava priorizando os elementos linguísticos formais. Foi preciso rever algumas leituras, visitar as teorias da análise de discurso frente a um dispositivo a ser analisado para perceber, a partir da segunda leitura das produções, e ao dialogar com minha orientadora, que estava em minhas mãos um material recheado de elementos discursivos, cheio de sentidos outros, produzidos pelos sujeitos-alunos que foram se revelando nas diversas formas materiais.

Assim, ao refletir sobre o ensino de leitura e escrita, por meio de textos argumentativos, na disciplina de Língua Portuguesa, cabe à escola oportunizar aos alunos condições de produção e análise que os levem a passar da posição sujeito-leitor para sujeito-autor, num movimento discursivo que não apresente tão somente o material didático, no nosso caso, o Sistema Estruturado de Ensino, como suporte e que proporcione aos sujeitos-alunos condições de se significarem. A escola não pode possibilitar o trabalho que silencie o aluno ou que ele seja apenas um mero reproduzidor dos sentidos que já estão lá, é necessário que permita ao aluno refletir sobre suas leituras, seus textos e os sentidos que considerar mais viáveis para posicionar-se junto aos colegas e não do modo que o professor ou o autor do material didático aponta.

Acredito que poderíamos utilizar outras maneiras para desestabilizar os conceitos ora mobilizados nos sujeitos-alunos do campo, outros gestos de interpretação poderiam ter sido apresentados, poderíamos ter ampliado as ações diante do desejo dos alunos em ir aos lugares pelos quais citaram nas produções orais, nas rodas de conversas

e, mais tarde, nas produções escritas. Eles queriam, e no início até motivei, visitas em propriedades, como a de plantações de banana, de mamão, hortas familiares, para investigar, confrontar os conhecimentos adquiridos com o arquivo e as práticas agrícolas praticadas. Uma visita à feira da comunidade que foi tão mencionada nos gestos discursivos teria sido um marco na vida acadêmica desses sujeitos. No entanto, as questões logísticas de retiradas de estudantes do espaço escolar se tornou, nesta gestão, uma *via-crúcis*; a burocracia nos engessou, de modo que não foi por não ter pensado em outras possibilidades, mas por termos sido engessados. Soma-se a isso o fato da pressão psicológica que tivemos que enfrentar para conseguirmos terminar a nossa proposta com as demandas do fechamento da escola Wellington.

Só abrimos esse parêntese porque diante das reflexões a que fomos expostos sobre as temáticas aqui abordadas com nossos sujeitos alunos, e à luz do discurso polêmico, ignorar essa possibilidade seria o mesmo que não compreender que a aprendizagem vai além das cercas da escola, e, principalmente, se esta escola é uma escola no/do campo e à qual fizemos uma proposta de ensino e aprendizagem da argumentação, onde os sujeitos-alunos foram convidados a ressignificar a leitura e a escrita com novos sentidos e argumentar sobre eles para além da escola. Essas considerações só são possíveis, porque acreditamos na nossa proposta, e podemos sugerir outros sentidos, pois ela poderá ser ampliada para novos estudos.

Ao articular os fundamentos fornecidos pela análise de discurso, abrimos novos horizontes de compreensão em relação ao que é ensinado na sala de aula sobre argumentação. Ao considerarmos a argumentação como um processo moldado pela ideologia, com o efeito de produzir sentidos e significar o sujeito, fomos conduzidos a revisitar e questionar profundamente essa prática educacional. Essa abordagem nos possibilitou uma visão mais ampla e crítica sobre como os sujeitos-alunos são ou não inseridos em práticas argumentativas no contexto escolar, reconhecendo que a argumentação não é um processo neutro, mas sim permeado por ideologias e poderes sociais. Essas reflexões nos permitem compreender melhor os mecanismos de exclusão e silenciamento que podem e ocorrem no processo de ensino e aprendizagem da argumentação, ou de outras materialidades significantes, buscando estratégias mais inclusivas e emancipatórias que permitam a todos os alunos participar ativamente das

práticas argumentativas e desenvolver sua capacidade crítica e reflexiva nos seus gestos de interpretação, sustentando uma formação discursiva.

O percurso que percorremos até este momento não representa o fim, o fecho, mas o começo de uma nova trajetória. Desde que assumi o compromisso social, profissional e ético de compartilhar minha experiência e promover ações dentro e fora da escola que apontam para essa mesma direção, tenho me dedicado a participar ativamente das discussões sobre a produção de alimentos orgânicos, a importância da alimentação saudável, o uso da compostagem caseira e as tecnologias de inovação na agricultura familiar. Essas iniciativas têm como objetivo valorizar os sujeitos do campo e suas práticas em prol do meio ambiente, reconhecendo o solo fértil do campo como um recurso essencial para a manutenção da vida. Ao engajar-me nessas questões, estou consciente de que a linguagem e o discurso desempenham um papel fundamental na promoção de mudanças sociais e na construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

Desse modo, como pesquisadora e professora, estou comprometida em utilizar minha posição para ampliar as vozes dos agricultores familiares e promover práticas que respeitem e valorizem o meio ambiente. Acredito que, ao dar visibilidade às lutas e iniciativas, podemos contribuir para o fortalecimento desses sujeitos e para a construção de um futuro mais equitativo e harmonioso para todos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. EMPAER. **Transparência**. 2023. Disponível em:  
<https://www.transparencia.mt.gov.br/>.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Produtos orgânicos: o olho do consumidor** / Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. – Brasília: MAPA/ACS, 2009. 34 p.; 20 cm.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CALDART, R. Salete. **Educação do campo: notas para uma análise de percurso**. 2006. <https://doi.org/10.1590/S1981-77462009000100003>

CHAVES, Lilia Silvestre; SOARES, Izabel Cristina Rodrigues. Leitor e autor na era da textualidade eletrônica. *In*: SALES, Germana; FURTADO, Marli (org.). **Linguagem e identidade cultural**. João Pessoa: Ideia, 2009. ISBN 978-85-7539-464-9.

DIAS, C. P. O ensino, a leitura e a escrita: sobre conectividade e mobilidade. **Entremeios: Revista de estudos do discurso**, Pouso Alegre, v. 9, p. 1-13, jul. 2014a. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/198.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

FERREIRA, Christina Barbosa Guimarães. **Violência no namoro: um olhar discursivo sobre as práticas de leitura e escrita na escola**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) – Profletras, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2021.

GIMENES, Rosângela Falacio. **Leitura e escrita como práticas discursivas: o texto propaganda e o movimento Escola-Cidade**. Dissertação de Mestrado – Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Profletras, Faculdade de Educação e Linguagens, Câmpus de Cáceres. Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022.

HERMONT, T. Multiletramentos, letramentos digitais e ensino: novas práticas em busca de sabedoria digital. **E-Com**, [S. l.], v. 5, n. 2, 2012. Disponível em:  
<https://revistas.unibh.br/ecom/article/view/860>. Acesso em: 16 set. 2022.

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&category\\_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192)

INDURSKY, Freda. As determinações da prática discursiva da escrita. **Revista Desenredo**, Passo Fundo, v. 12, n. 1, p. 30-47, 2016.

INDURSKY, F. Estudos da linguagem: língua e ensino. **Organon**, Porto Alegre, v. 24, n. 48, 2010. DOI: 10.22456/2238-8915.28637. Disponível em:  
<https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28637>. Acesso em: 22 abr. 2024.

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. **Multimodalidade e Letramento Visual na sala de aula de Língua Espanhola**: análise de uma atividade de produção escrita. Michelle Soares Pinheiro. Universidade Estadual do Ceará Fortaleza, Ceará, 1996.

KOLLING, Edgar Jorge; NERY, Israel José; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação básica do Campo**: memórias. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1999. v. 1.

LAGAZZI, Suzy. **A equivocidade na imbricação de diferentes materialidades significantes**. Unicamp. 2018. PDF.

LAGAZZI, Suzy; ADORNO, Guilherme; MODESTO, Rogério; FERRAÇA, Mirielly; ANJOS, Liliane Souza dos; BENAYON, Flavio da Rocha; OSTHUES, Romulo Santana. O discurso nas fronteiras do social: diferentes materialidades significantes e tecnologias de linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 65, n. 00, p. e023008, 2023. DOI: 10.20396/cel.v65i00.8673340. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8673340>. Acesso em: 26 mar. 2024.

MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo. **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. Brasília: Articulação Nacional, 2004.

MORAN, J. M. **A educação está mudando radicalmente**. 2011. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/moran/mudando.htm>. Acesso em: 20 ago. 2015.

NECKEL, Nádia Régia Maffi. **Verbal/não verbal**: dicotomias ou constitutividade? O discurso artístico da/na produção audiovisual. UNICAMP. Texto apresentado na ANPOLL – julho 2008 – Goiânia, GO.

ORLANDI, E. P. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia – discurso eletrônico, escola, cidade. **RUA**, Campinas, SP, v. 16, n. 2, p. 6-17, 2015. DOI: 10.20396/rua.v16i2.8638816. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638816>. Acesso em: 11 mar. 2024.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Argumentação e Análise de Discurso**: conceitos e análises. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

ORLANDI, Eni P. Discurso e argumentação: um observatório do político. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, n. 1, 1998.

ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012a.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

ORLANDI, Eni. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (org.). **Introdução às ciências da linguagem** – Discurso e textualidade. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni P. Identidade linguística escolar. *In*: SIGNORINI, Inês (org.). **Lingua(gens) e identidade**. Campinas: Mercado das Letras, 2002. p. 203-212.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A análise de discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 42, p. 21-40, 2011. DOI: 10.20396/cel.v42i0.8637139. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637139>. Acesso em: 26 mar. 2024.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade. RUA [online], v. 2, n. 16, 2010. ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – **Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade**. <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Da argumentação na Análise de Discurso. *In*: BIZIAK, Jacob dos Santos; PEREIRA, Fernanda; RESENTE-SOARES, Sheilla Maria (org.). **Rede de afetos em discurso**. Uma homenagem a Mónica Zoppi-Fontana. Campinas, SP: Pontes, 2021. p. 107-120.

PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso**. Tradução de Eni P. Orlandi e Greciely Costa. Campinas: Pontes, 2019. Obra originalmente publicada em 1969.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, 1990, v. 19, p. 7-24.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni P. Orlandi. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. 4 ed. São Paulo: Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* 2. ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1995.

PFEIFFER, Claudia C. *In*: PETRI; DIAS (org.) **Análise de Discurso em Perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria. Ed. UFSM, 2013.

PFEIFFER, Claudia Castellanos. O leitor no contexto escolar. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.) **A leitura e os leitores**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2003. p. 87-104.

PFEIFFER, Claudia C. **Que autor é este?** 1995. 153 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

PEREIRA, Oldair José Tavares. **Professor iniciante da escola do campo e sua formação**: por entre espelhos. Dissertação (Mestrado) – UFMT, 2017.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Textos multimodais**: leitura e produção. São Paulo: Parábola, 2016.

SILVA, Cícero Guilherme da. **Gestos de interpretação do processo de ordenha**: uma proposta de leitura e escrita na escola do campo. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) – Proletras, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022.

XAVIER, A. C. As tecnologias e a aprendizagem (re)construcionista no século XXI. **Hipertextus**, [S. l.], v. 1, 2007. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/volume1/artigoxavier.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2015.

## APÊNDICES

## TEXTOS ARGUMENTATIVOS TURMAS 8º e 9º ANOS – IDENTIFICADO COMO SUJEITO-ALUNO (SA, de A a T) – ordem alfabética

SA-A

ESCOLA ESTADUAL WELLINGTON FLAVIANO COELHO

ALUNO(A): Camanda Feitaga dos Santos DATA: 12/12/23PROFESSORA/PESQUISADORA: Eliete Oliveira de Souza Marzochi.

PROJETO DE INTERVENÇÃO: AS PRÁTICAS DE TEXTOS DE DIFERENTES FORMAS MATERIAS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Escreva um texto argumentativo discutindo os desafios enfrentados e os avanços alcançados na produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar. Destaque também a relevância desses aspectos na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado.

## \* Alimentação Saudável \*

Hoje em dia quase 50% da sociedade não está nem aí para sua saúde, as pessoas de hoje em dia não estão nem aí, precisamos consumir mais frutas para vivermos mais, mas não é isso que nós todas pensamos, as pessoas só pensa em salgado, coca-cola, nutella e muita chocolate. E a maioria desses produtos, como vimos no seminário, possuem grandes quantidades de açúcares que são, a longo prazo fazer mal para a nossa saúde, podendo desenvolver na nossa organismo doenças cardíacas, diabetes. Como mesmos no campo, podemos cultivar pequenas canteiras ou hortas para produzir alguns legumes, frutas e vegetais para melhorar a qualidade de de nossa alimentação e assim proteger a nossa saúde e a das nossas familiares, além de ainda melhorar a renda levando produtos para vender na feira da região.

Hoje na alimentação saudável a tecnologia está mais envolvida. O que é bom pra nós e ruim para nossa corpo na atualidade, as inovações tecnológicas que envolve a produção de alimentos, tem ajudado, o que é bom para nós, mas ruim para nossa corpo e em que sentido?). no entanto, podemos usufruir dos benefícios da tecnologia sem deixar de lado as técnicas que não possuemis para a agricultura familiar, como

usar incrementos animais, fazer compostagem caseira para melhorar adubação do solo, garantir ferturra na colheita e evitar uso de agrotóxicos com técnicas que preservem o meio ambiente.

SA-B

ESCOLA ESTADUAL WELLINGTON FLAVIANO COELHO

ALUNO(A): Caioelly Lisboa de Souza Matta DATA: 12/12/23PROFESSORA/PESQUISADORA: Eliete Oliveira de Souza MarzochiPROJETO DE INTERVENÇÃO: AS PRÁTICAS DE TEXTOS DE DIFERENTES FORMAS  
MATERIAS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Escreva um texto argumentativo discutindo os desafios enfrentados e os avanços alcançados na produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar. Destaque também a relevância desses aspectos na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado.

Uma alimentação saudável e equilibrada é essencial para manter nossa saúde e bem estar. Consiste em consumir uma variedade de alimentos nutritivos para a saúde, como frutas, legumes, grãos integrais, proteínas magras e gorduras saudáveis. Além disso, é importante evitar alimentos processados, ricos em açúcar e gorduras saturadas.

Se adotar uma alimentação saudável, estamos fornecendo ao nosso corpo os nutrientes necessários para funcionar adequadamente e prevenindo doenças igual a má alimentação.

É bom ter certeza em casa com vários tipos de verduras, vegetais e frutas como pitaya, laranja, mexerica, manga e outras. Mesmo se não comer frutas e vegetais de mercados, achando que não foi saudável compra isso, pois não pode estar consumindo produtos contaminados, como em um, risco de vida, levando a até a morte.

SA-C

ESCOLA ESTADUAL WELLINGTON FLAVIANO COELHO

ALUNO(A): Julio Henrique de Lins Bonato DATA: 12/12/23PROFESSORA/PESQUISADORA: Eliete Oliveira de Souza Marzochi.

**PROJETO DE INTERVENÇÃO: AS PRÁTICAS DE TEXTOS DE DIFERENTES FORMAS  
MATERIAS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

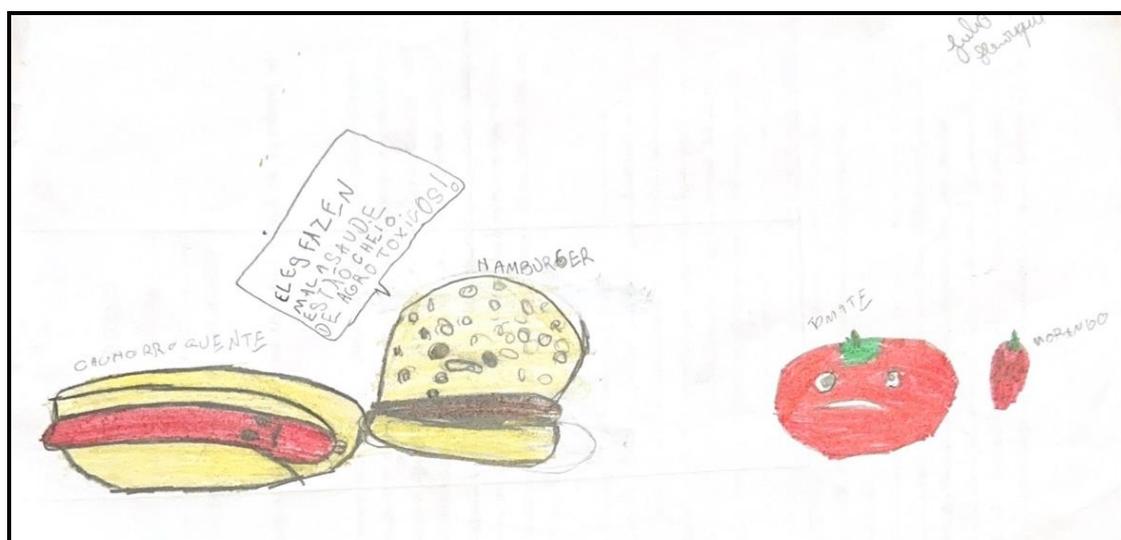
Escreva um texto argumentativo discutindo os desafios enfrentados e os avanços alcançados na produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar. Destaque também a relevância desses aspectos na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado.

O que é alimentação saudável  
Alimentação é equilíbrio Podemos definir uma alimentação  
Sã e balanceada com a habilitação de realizar refeições  
Mais completa e saudável e hábitos saudáveis Para  
o funcionamento saudável do organismo em concentração,  
Colesterol.

Além da consequência de uma alimentação não saudável  
Pode ocasionar doenças como gastrite, Prisão de ventre,  
dislipidemia intestinal, Círculo de gordura, insuportável e  
infecção alimentar.

Porque é tão difícil manter a alimentação  
saudável.

Apresentam como principais diferenças por obter  
uma alimentação saudável os recursos financeiros, falta  
de tempo e hábitos alimentares conclui-se que  
esta representa o padrão melhor e sua  
alimentação pois suas práticas alimentares se  
focam as de seus filhos.



SA-D

ESCOLA ESTADUAL WELLINGTON FLAVIANO COELHO

ALUNO(A): Isabelly Vitória Oliveira dos Santos DATA: 12/12/23PROFESSORA/PESQUISADORA: Eliete Oliveira de Souza MarzochiPROJETO DE INTERVENÇÃO: AS PRÁTICAS DE TEXTOS DE DIFERENTES FORMAS  
MATERIAS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Escreva um texto argumentativo discutindo os desafios enfrentados e os avanços alcançados na produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar. Destaque também a relevância desses aspectos na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado.

### Produção de Alimentos orgânicos

A produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar enfrenta desafios como a falta de recursos financeiros e tecnologias, além dos custos de certificação. No entanto, os avanços alcançados nesse setor são significativos, com a adoção de práticas sustentáveis, redução de uso de agrotóxicos orgânicos e preservação do meio ambiente. Além disso, os alimentos orgânicos produzidos pela agricultura familiar possuem uma maior qualidade nutricional e contribuem para o bem-estar da população.

É muito importante discutir essas questões para promover uma transição para práticas mais sustentáveis, valorizar os produtores e aproveitar as inovações tecnológicas disponíveis. Os governos desempenham um papel crucial na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado, pois promovem o diálogo entre os diferentes setores da sociedade, incentivam a adoção de práticas sustentáveis e saudáveis na produção e distribuição de alimentos e ajudam a garantir o acesso a alimentos nutritivos para todos.

É também tem os pragas dos alimentos orgânicos podem incluir insetos como pulgões, lagartas, besouros e moedas-dos-frutas, além de doenças causadas por fungos e bactérias.

SA-E

ESCOLA ESTADUAL WELLINGTON FLAVIANO COELHO

ALUNO(A): Aracelis de Souza Benício DATA: 12/12/2023

PROFESSORA/PESQUISADORA: Eliete Oliveira de Souza Marzochi

PROJETO DE INTERVENÇÃO: AS PRÁTICAS DE TEXTOS DE DIFERENTES FORMAS  
MATERIAS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Escreva um texto argumentativo discutindo os desafios enfrentados e os avanços alcançados na produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar. Destaque também a relevância desses aspectos na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado.

Cebola.

A cebola está em todos lugares, principalmente nas regiões. Logo nós vamos ver um tipo de produção sem pesticidas.

Porto Princesa, Sítio Recanto Feliz.

A produção é feita pelo Sr. Fernando e dona Elza. No Sítio são vendidos em caixas manijilas.

A Produção é diferenciada e tecnológica mesmo de outros mundos.

Chegamos na produção por dependermos com a cerca da vida que nós vamos fazer. Os produtores são feitos de Pólvora massiva com um de madeira para não danificar disse seu Fernando.

Agora que deixamos nós de cebola tradicionais foi me lugar de novo que foi utilizado técnicas de pene de concreto, de um de queimar e produzir o ambiente.

Do lado da vida é coisa mais linda, todo verde parece um campo de futebol.

A cebola é a grande e grande, mas é diferente como a produção é feita e sem pesticidas tradicionais.

O planejamento da vida após a colheita é feita pelo Sr. Fernando, com o trato, o trabalho com a água, os produtos e depois disso é posto todo de novo,

galinhas e de poucas espécies tudo de novo para ficar bem estruturado, depois vem com semente trator fazendo o canterno.

Depois disso deixa por 30 dias a mais de repasse, depois vem plantando o canterno, após 30 dias a mais começa a colher a cebola.

Após de 50 dias o mata já está alto e vem se troupe secreta: mistura Sal Vinagre quebra e etc. mistura tudo na água e passa mata tudo.

Após 60 dias já está pronta para a colheita, aí quem faz é o ribão o canterno estruturado. pelo o Senhor Sen Fernando com o Suleiro, tudo de dentro do quarto.

Após isso vem a dona Elso enquadrando a cebola e prende dentro de saco com Selo de identificação das produções orgânicas, é levado o fino lá, vende tudo.

É no mercado de Segipe que é levado de venda do Sítio no primeiro depósito.

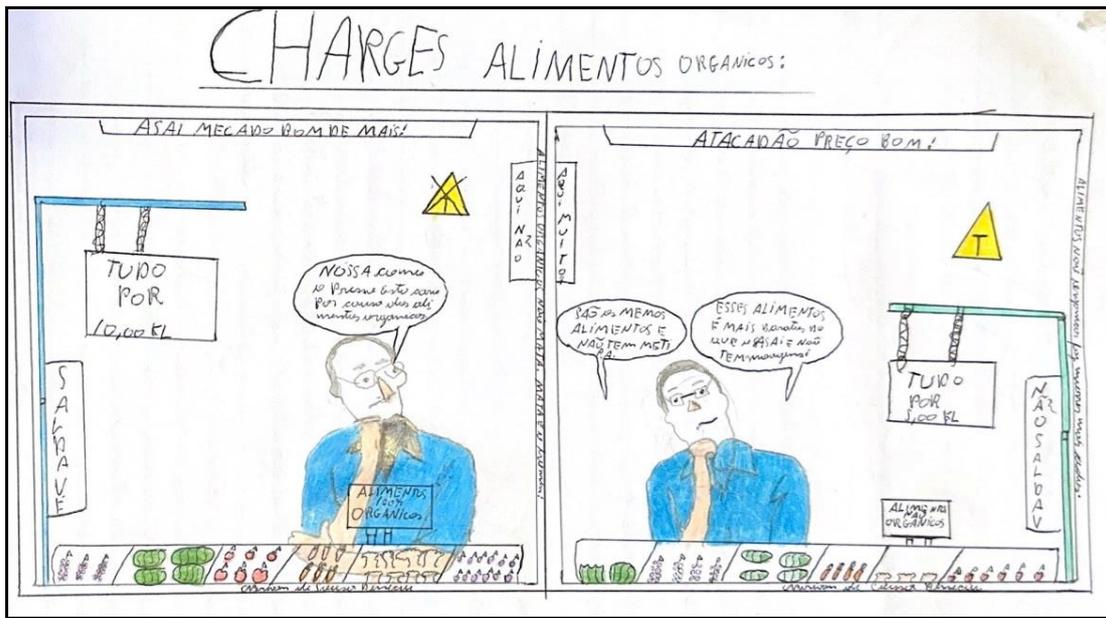
O Sítio Recanto Feliz é bem estruturado. Sen Fernando e Prudenciana chegam Produção cebolas e alface a cebola é no 1º andar e o alface no 2º andar o Sítio tudo é um tipo de produção estruturada, por robos eletrônicos através trator de última geração tudo eletrônico. também é criado galinha no outro sítio, e peixe e galinhas.

Agora se que deixou mais encobertas além da produção fei o crescimento de peixe, mesmo represa de 10 por 20 encima é criado galinha, embora a represa encima se galinheiro.

Os peixes se alimentam das bestas do galinha que vem de cima da represa. são de alta sustentabilidade nos peixes já a biodiversidade é bem alta, nem o metano, etc.

Agora de uma semana mais tem colheita esse Sítio já não por estar bem estruturado. não crescer mais.

# CHARGES ALIMENTOS ORGANICOS:



SA-F

ESCOLA ESTADUAL WELLINGTON FLAVIANO COELHO

ALUNO(A): Lenny Leiteza Pimentel DATA: 12/12/2023PROFESSORA/PESQUISADORA: Eliete Oliveira de Souza Marzochi.

**PROJETO DE INTERVENÇÃO: AS PRÁTICAS DE TEXTOS DE DIFERENTES FORMAS  
MATERIAS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Escreva um texto argumentativo discutindo os desafios enfrentados e os avanços alcançados na produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar. Destaque também a relevância desses aspectos na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado.

Tudo sobre produção de alimentos orgânicos

Na produção de alimentos orgânicos há desafios enfrentados como a falta de água nos períodos da seca que não tem a presença de chuva, isso prejudica o crescimento de muda novas ou até mesmo as velhas por há falta de água por um longo período leva a morte das mudas ou plantas velhas.

Tirando a dificuldade da venda desses produtos como, maçã, mamão e outros tipos de verduras ou alimentos orgânicos nas épocas da seca, porque os produtores dev melhorar as lavouras ou coltas de alimentos orgânicos, por isso a venda desses produtos tem desafios.

Com esses desafios produtos orgânicos realvatece os mercados de fora, e assim valoriza o produtor.

Como o avanço das vendas dos produtos o produtor investe em melhorar sua lavoura, para obter melhores produtos com melhores qualidade, isso obtém vendas melhores para o mercado comprar.

SA-G

ESCOLA ESTADUAL WELLINGTON FLAVIANO COELHO

ALUNO(A): *Pedro Henrique Oliveira dos Santos* DATA: *12/12/2023*

PROFESSORA/PESQUISADORA: *Eliete Oliveira de Souza Marzochi*

PROJETO DE INTERVENÇÃO: AS PRÁTICAS DE TEXTOS DE DIFERENTES FORMAS  
MATERIAS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Escreva um texto argumentativo discutindo os desafios enfrentados e os avanços alcançados na produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar. Destaque também a relevância desses aspectos na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado.

*Desafios e conquistas na  
Produção de alimentos orgânicos pela  
agricultura familiar*

*Escreva um texto argumen-  
tativo discutindo os desafios enfrenta-  
dos e os avanços alcançados na  
produção de alimentos orgânicos  
pela agricultura familiar. Aborde  
questões como a transição de  
práticas convencionais, a importância  
da sustentabilidade e biodiversidade  
e acesso a mercados e valorização  
do produtor, bem como valorização  
tecnológicas. Destaque a relevância  
desses aspectos na construção de  
um sistema.*

*Produtos de alimentos  
orgânicos.*

*Produtos orgânicos são aqueles  
obtidos de maneira natural e  
responsável livre de agrotóxicos e*

*fertilizantes químicos bem como  
alterações genéticas presentes em  
transgênicos.*

*O objetivo é garantir um  
produto mais saudável, livre de  
contaminantes e que respeite a  
diversidade ecológica.*

SA-H

ESCOLA ESTADUAL WELLINGTON FLAVIANO COELHO

ALUNO(A): Felipe Roder Maciel dos Santos DATA: 12/12/2023PROFESSORA/PESQUISADORA: Eliete Oliveira de Souza Marzochi.

PROJETO DE INTERVENÇÃO: AS PRÁTICAS DE TEXTOS DE DIFERENTES FORMAS MATERIAS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Escreva um texto argumentativo discutindo os desafios enfrentados e os avanços alcançados na produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar. Destaque também a relevância desses aspectos na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado.

A compostagem é uma abordagem sustentável e eficaz para a adubação orgânica na produção caseira. Em um mundo cada vez mais preocupado com a preservação do meio ambiente e a busca por alternativas ecologicamente conscientes, a compostagem surge como uma solução viável e prática para promover a fertilidade da solo, reduzir resíduos e incentivar práticas agrícolas em pequena escala.

Uma das principais vantagens da compostagem é o seu impacto positivo no meio ambiente. Ao utilizar resíduos orgânicos, como restos de alimentos, folhas e galhos, como matéria-prima para a produção de adubo, estamos evitando que esses materiais sejam descartados em aterros sanitários, onde poderiam contribuir para a produção de gases de efeito estufa. Além disso, a quantidade de lixo que é enviada para os aterros, contribuindo para a redução da poluição do solo e da água.

Outro benefício da compostagem é o seu papel na fertilidade do solo. O adubo orgânico produzido por meio da decomposição dos resíduos orgânicos é rico em nutrientes essenciais para as plantas, como nitrogênio, fósforo e potássio. Esses nutrientes são liberados lentamente no solo durante o processo de decomposição, fornecendo uma fonte contínua de nutrientes para as plantas. Além disso, o adubo orgânico melhora a estrutura do solo, aumentando sua capacidade de retenção de água e nutrientes, o que resulta em plantas mais saudáveis e produtivas.

SA-I

ESCOLA ESTADUAL WELLINGTON FLAVIANO COELHO

ALUNO(A): Geóridy Alves de Jesus DATA: 32/12/2023PROFESSORA/PESQUISADORA: Eliete Oliveira de Souza MarzochiPROJETO DE INTERVENÇÃO: AS PRÁTICAS DE TEXTOS DE DIFERENTES FORMAS  
MATERIAS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Escreva um texto argumentativo discutindo os desafios enfrentados e os avanços alcançados na produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar. Destaque também a relevância desses aspectos na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado.

Desafios e conquistas dos agricultores

Bem vou falar sobre alguns desafios e conquistas que pode acontecer na vida dos agricultores familiar, como vemos no dia a dia muitos agricultores lutam contra pragas e falta de chuva, alguns tem condições de ter irrigação em casa, já outros não e por isso tem mais dificuldade de produzir, ultimamente estou ouvindo vários colegas meus reclamarem de lagartos estarem acabando com o pasto e algumas pessoas acabam usando agrotóxicos para matar essas pragas, mas não sabem o tanto que isso faz mal para nós.

Logo vou falar de algumas conquistas que os agricultores conseguem, muitos deles tem hortas grandes e produtivas e conseguem vender em feiras, mercados ou até mesmo para seus vizinhos. Muitos tem condições de terem ferramentas melhores para a produção de alimentos orgânicos e alguns fazem adubo para melhoria dos alimentos, algumas pessoas trazem o uso dos agrotóxicos por receitas caseiras para

acabar com as pragas e essas coisas ajudam a melhorar a produção dos alimentos orgânicos.

SA-J

ESCOLA ESTADUAL WELLINGTON FLAVIANO COELHO

ALUNO(A): Enik mauro de Jesus DATA: 12 / 12 / 2019PROFESSORA/PESQUISADORA: Eliete Oliveira de Souza Marzochi

**PROJETO DE INTERVENÇÃO: AS PRÁTICAS DE TEXTOS DE DIFERENTES FORMAS  
MATERIAS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Escreva um texto argumentativo discutindo os desafios enfrentados e os avanços alcançados na produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar. Destaque também a relevância desses aspectos na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado.

Agricultura familiar

A agricultura familiar é a agricultura realizada por meio de membros da família, e são realizadas em pequenas propriedades com minifundiários e cultivos da terra realizada por pequenos proprietários rurais, tendo, como mão de obra, essencialmente, o núcleo familiar, em contraste com a agricultura patrimonial - que utiliza trabalhadores controlados, fixos ou temporários em propriedades médias ou grandes fazendas. Também podemos citar a produção de alimentos orgânicos que também está dentro da teoria da agricultura familiar. Os alimentos orgânicos são produzidos em grandes fazendas e citos e alimentos e saudáveis sem agrotóxicos e totalmente saudáveis e colidos e produzidos da melhor forma e saudáveis e irre que em todos a falar

SA-K

ESCOLA ESTADUAL WELLINGTON FLAVIANO COELHO

ALUNO(A): Renique de Nobre DATA: 12/12/2023PROFESSORA/PESQUISADORA: Eliete Oliveira de Souza Marzochi.

**PROJETO DE INTERVENÇÃO: AS PRÁTICAS DE TEXTOS DE DIFERENTES FORMAS  
MATERIAS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

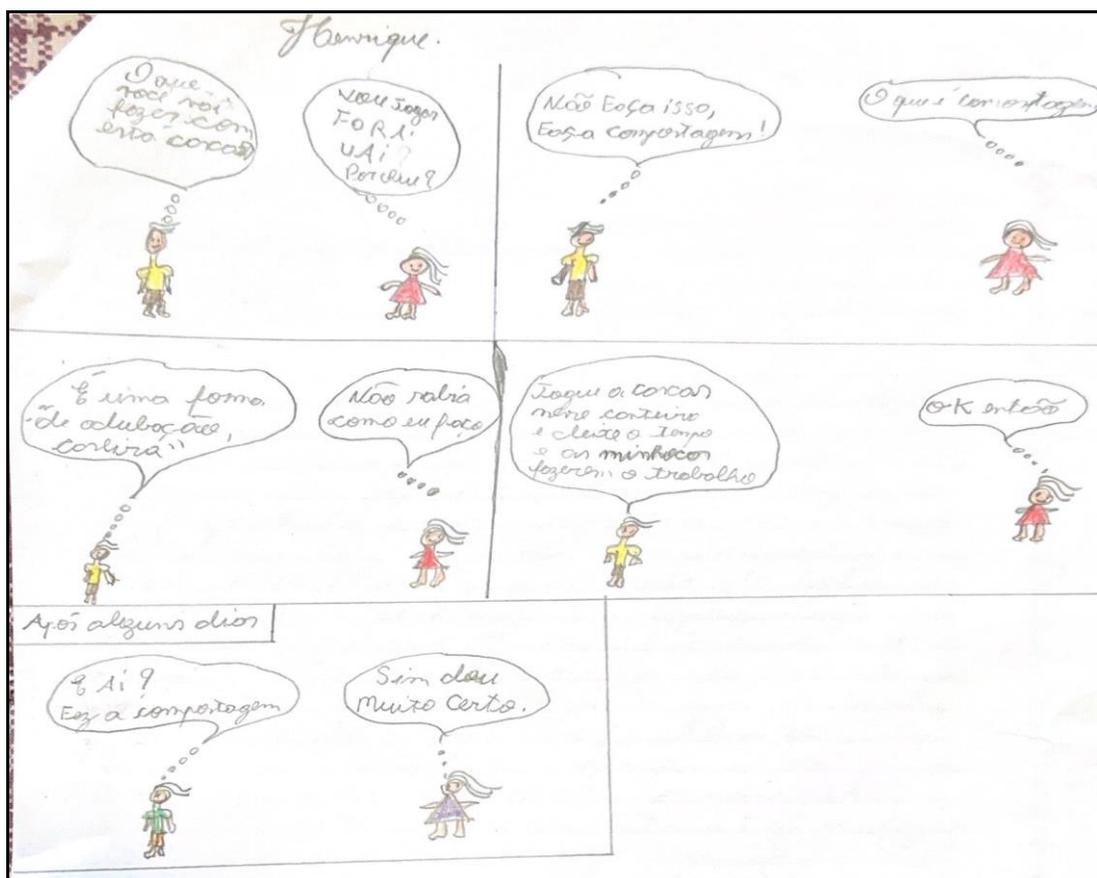
Escreva um texto argumentativo discutindo os desafios enfrentados e os avanços alcançados na produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar. Destaque também a relevância desses aspectos na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado.

Desafios e conquistas: Agricultura Familiar

Avanços da agricultura familiar que depois de tempos está começando a aparecer para muitos produtores que com o uso do sistema da Terraer, estão crescendo diariamente. Em Roraimópolis tem uma produtora na agricultura de alimentos orgânicos.

Não é fácil mas ela tem o quê porque tem muitos insetos perseguidos ou borboletas, matos indesejados, que estão clones nos alimentos, e por isso que o alimento não é perfeito para o consumo humano, no mundo é difícil, e tem muitos desafios no caso que falei anteriormente.

Algumas conquistas com o espaço que vem ganhando no mercado, não sei explicar muito sobre as conquistas mas sei o trabalho que dá o tempo e etc. Tem a importância da sustentabilidade e a biodiversidade.



SA-L

ESCOLA ESTADUAL WELLINGTON FLAVIANO COELHO

ALUNO(A): Emanuel Felix Pimentel DATA: 12/12/23PROFESSORA/PESQUISADORA: Eliete Oliveira de Souza Marzochi.PROJETO DE INTERVENÇÃO: AS PRÁTICAS DE TEXTOS DE DIFERENTES FORMAS  
MATERIAS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Escreva um texto argumentativo discutindo os desafios enfrentados e os avanços alcançados na produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar. Destaque também a relevância desses aspectos na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado.

Você já ouviu falar em compostagem? É uma maneira super legal de transformar restos de comida e outros materiais orgânicos em adubo para as plantas, além de ajudar a evitar desperdício, é uma prática amiga do meio ambiente.

Sabe aqueles restinhos de frutas, legumes e cascas de ovos que normalmente iriam para o lixo? Com a compostagem, você pode usá-los para fazer adubo natural. É só colocar esses resíduos em um lugar específico, misturar com folhas secas e esperar um tempo, com o passar dos meses, tudo se transforma em um adubo rico em nutrientes.

É legal da compostagem é que ela ajuda a melhorar o solo e deixar as plantas mais saudáveis, além disso, você reduz a quantidade de lixo que vai para os aterros sanitários. É uma simples e barata <sup>maneira</sup> de cuidar do meio ambiente e das suas plantas.

Mas é importante lembrar que a compostagem precisa ser feita corretamente, é preciso ter cuidado com a quantidade de materiais uni-

dos e secos que você coloca, manter o composto arejado e evitar colocar coisas que possam contaminar o adubo.

No geral, a compostagem é uma maneira sustentável e fácil de adubar as plantas em casa. Você ajuda a diminuir o desperdício, melhora o solo e ainda suas plantas ficam felizes e saudáveis.

Que tal começar a fazer compostagem na sua casa?

SA-M

ESCOLA ESTADUAL WELLINGTON FLAVIANO COELHO

ALUNO(A): Luísa Teodoro MartinsDATA: 12/12/2023PROFESSORA/PESQUISADORA: Eliete Oliveira de Souza MarzochiPROJETO DE INTERVENÇÃO: AS PRÁTICAS DE TEXTOS DE DIFERENTES FORMAS  
MATERIAS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Escreva um texto argumentativo discutindo os desafios enfrentados e os avanços alcançados na produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar. Destaque também a relevância desses aspectos na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado.

O programa atua como um elo entre segmentos que buscam soluções inovadoras para superar desafios e alcançar seus objetivos. Seriam uma empresa especializada em fornecimento de soluções técnicas que conectam trabalhadores, organizações e governos. Temos uma ampla rede de parceiros com habilidades comunitárias, organizações civis, empresas e profissionais de diferentes áreas de conhecimento, em colaboração, planejamento, implementação e avaliação de projetos, o programa oferece serviços que transformam vidas e organizações.

O programa é especializado em logística reversa de embalagens pad-corrume e oferece uma solução difícilmente para que empresas de diferentes partes possam suas operações locais. O programa é um programa estruturante de logística reversa que atende as exigências da Política Nacional de Resíduos Sólidos e Compostagem, conhecida como o processo de reciclagem da lixo orgânico, transforma a matéria orgânica encontrada no lixo em adubo natural, que pode ser usado na agricultura, em jardins e plantas, substituindo o uso de produtos químicos.

SA-N

ESCOLA ESTADUAL WELLINGTON FLAVIANO COELHO

ALUNO(A): Andressa Pereira da Silva DATA:     /     /    PROFESSORA/PESQUISADORA: Ellete Oliveira de Souza Marzochi.

**PROJETO DE INTERVENÇÃO: AS PRÁTICAS DE TEXTOS DE DIFERENTES FORMAS  
MATERIAS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Escreva um texto argumentativo discutindo os desafios enfrentados e os avanços alcançados na produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar. Destaque também a relevância desses aspectos na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado.

A produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar é um desafio que envolve diversos aspectos. Esses agricultores enfrentam obstáculos como a falta de recursos financeiros e tecnológicos para investir em práticas sustentáveis. Além disso, a burocracia na certificação e comercialização dos produtos pode dificultar o acesso a mercados mais amplos. No entanto, apesar desses desafios, a agricultura familiar tem conquistado avanços significativos nessa área. A produção de alimentos orgânicos oferece benefícios tanto para os consumidores quanto para o meio ambiente. Os alimentos orgânicos são livres de agrotóxicos, o que contribui para uma alimentação mais saudável e segura. Além disso, a agricultura familiar adota práticas orgânicas que também contribui para a preservação ambiental. Ao evitar o uso de produtos químicos prejudiciais, os agricultores protegem os solos, a água e a biodiversidade local. Isso ajuda a garantir um futuro mais sustentável para gerações futuras. Outra conquista importante é o fortalecimento do desenvolvimento local. A produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar estimula a economia local. É isso que pode ser visto na mais feiras locais, aqui no assentamento Carlos Marighella onde os pequenos produtores se reúnem aos sábados para vender seus produtos, frutas da agricultura familiar. Além disso a feira se tornou um acontecimento cultural, onde as famílias não se encontram, batam papo e saborear os deliciosos que os feirantes fazem, como pastel, espetinho, sucos e refrigerantes, doces etc...

SA-O

ESCOLA ESTADUAL WELLINGTON FLAVIANO COELHO

ALUNO(A): Mariana Pires de Souza Barros DATA: 12/12/2023PROFESSORA/PESQUISADORA: Eliete Oliveira de Souza Marzochi.PROJETO DE INTERVENÇÃO: AS PRÁTICAS DE TEXTOS DE DIFERENTES FORMAS  
MATERIAS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

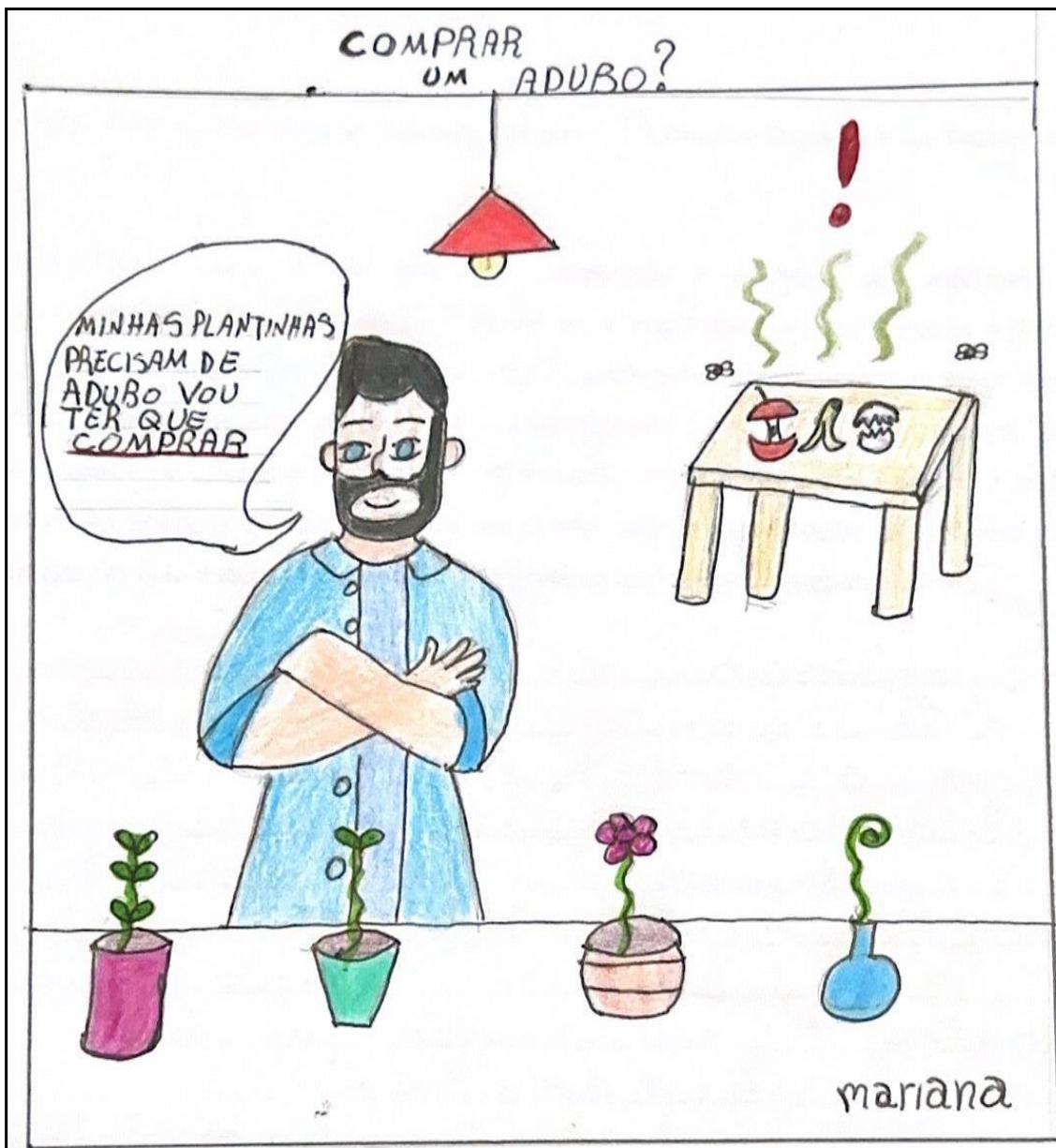
Escreva um texto argumentativo discutindo os desafios enfrentados e os avanços alcançados na produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar. Destaque também a relevância desses aspectos na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado.

Ter uma ótima alimentação

Eu sei que você gosta de comer alimentos, não saudáveis, como pizzas doces, refrigerante e etc... mas você também tem que pensar em sua saúde, comer algo saudável é muito bom e importante para a sua saúde, seja comendo salada, frutas, legumes e entre outros e é muito mais eficiente, você ter uma horta como a minha família às vezes, nós plantamos mandioca, milho, feijão e pis de feijão. Pode dar muito trabalho, mas vale a pena por que em uma hora de regação o prato de comida vai estar deliciosamente cheio de cores e com tempo é muito bom e saudável. É cuidar bem de sua produção, como por exemplo, não usar agrotóxicos, fazer a compostagem para ter o seu próprio adubo caseiro e só juntar os restos de alimentos que você come como a casca de batata, casca de ovo, casca de limão e muito mais que isso, e tornará em um ótimo adubo e a sua produção irá ficar muito boa e a sua saúde também.

Além disso a compostagem conhecida como o processo de reciclagem do lixo orgânico, trata-se como a matéria orgânica encontrada no lixo em adubo natural, que pode ser usado na agricultura ou em jardins e plantas, substituindo o uso de produtos químicos que evita que o lixo orgânico vá para os aterros sanitários, diminuindo a emissão de gás metano e a contaminação de solos e lençóis freáticos.

A compostagem pode reduzir a dependência de fertilizantes químicos, ajudar a recuperar a fertilidade do solo e melhorar a retenção de água e a entrega de nutrientes às plantas.



SA-P

ESCOLA ESTADUAL WELLINGTON FLAVIANO COELHO

ALUNO(A): Allany Vitória Alves Cardoso DATA: 12/12/2023PROFESSORA/PESQUISADORA: Eliete Oliveira de Souza MarzochiPROJETO DE INTERVENÇÃO: AS PRÁTICAS DE TEXTOS DE DIFERENTES FORMAS  
MATERIAS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Escreva um texto argumentativo discutindo os desafios enfrentados e os avanços alcançados na produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar. Destaque também a relevância desses aspectos na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado.

"Salando um Pouco Da Alimentação Saudável"  
 Você está cuidando bem da sua alimentação? Por exemplo, arroz, feijão, saladas, legumes, frutas, verduras, suco natural etc..., são alimentos saudáveis, que não prejudica a saúde. Um pouco da minha família também plantam vários tipos de alimentos que são saudáveis, por exemplo, na horta da minha avá, ela planta, vários tipos de alface, tomate, cebolinha de folha, cenoura, abóbora, Mamão, etc. Então esses e mais, são os tipos de alimentos que temos que consumir. "Sobre os desafios enfrentados" Esses tipos de desafios, o meu pai que é da zona rural, passamos um pouco de apuro por que quando é na época da seca, nós somos responsáveis de malhar a horta, pra que não passa morder os alimentos.

Para enriquecer a sala com nutrientes a compostagem é uma importante prática na busca por alternativas ecologicamente conscientes. Em pequenos espaços (cascadas de apartamentos e áreas de serviço). Fazer uma caixa de plástico com uma camada espessa de jornal bem úmida, mais ou menos 6 a 8 folhas. Depois de acomodado essas folhas, faça furos na fundo. Coloque camadas de resíduos orgânicos e cubra com mais uma camada de jornal úmida.

A compostagem, conhecida como o processo de reciclagem da lixo orgânica, transforma a matéria orgânica encontrada na lixo em adubo natural, que pode ser usada na agricultura, em jardins e plantas, substituindo a uso de produtos químicos. O processo também contribui para a redução da aquecimento global. etc.



SA - Q

ESCOLA ESTADUAL WELLINGTON FLAVIANO COELHO

ALUNO(A): Isadora Ribeiro Ferreira DATA: 12/15/2024PROFESSORA/PESQUISADORA: Eliete Oliveira de Souza Marzochi.

**PROJETO DE INTERVENÇÃO: AS PRÁTICAS DE TEXTOS DE DIFERENTES FORMAS  
MATERIAS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Escreva um texto argumentativo discutindo os desafios enfrentados e os avanços alcançados na produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar. Destaque também a relevância desses aspectos na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado.

Texto: Removendo. Sobre Alimentos.

Você já pensou sobre os alimentos? Que eles são frutas e verduras? Que eles saem para a + consumo? E nem das partes dos mercados? Pois sabe que não é apenas isso. Tem uma história por trás desses alimentos, para eles chegarem nos supermercados e feiras ou vendidas, você sabia que eles vem das fazendas, chácaras e sítios. Agora vamos falar do percurso que eles percorrem. Primeiramente tudo começa nos solos, vários tipos de plantas sem do solo

mais diferentes ainda em diferentes tipos de ambientes.  
 Para uma planta crescer no solo tem de ter  
 uma semente ou uma muda. Semente: vem da fruta  
 ou flores que as plantas criam; Mudos: podem  
 vir dos galhos ou das sementes já germinadas  
 das árvores. Mas como elas chegam tão  
 longe de onde elas nasceram, elas são levadas  
 pelos ventos, pelas águas, pelos animais e insetos.  
 E quando elas caem no solo, elas entram no  
 solo ou são soterradas e começam a  
 germinar, criando primeiro as raízes depois  
 uma muda, e surge até formar uma árvore.  
 Depois da do-floris com polem e sementes,  
 a flor murça e do-a luz, frutos que começam  
 a crescer até ficar madura e colher, logo  
 depois são examinadas, limpas, guardadas  
 e transportadas de caminhões e carrinhos até  
 os mercados, que você compra e os come.  
 Mas elas podem ser cultivadas em casa?  
 A resposta é: sim, você pode pegar algumas  
 frutas com sementes e verduras com ramos e  
 tirar as outras partes e comer, a que sobrou  
 você replanta, de quais formas? Se colocar  
 em uma jarra com água durante um tempo  
 até crescer um pouco, depois plantar em um  
 terreno ou em um pote, que depois elas vão  
 crescer e você vai poder a colher e comer isso  
 se chama agricultura familiar.  
 Mas se você perceber eu não faço que essa  
 produção de alimentos não utiliza nenhuma  
 substância tóxica ou fertilizante. Como venenos  
 para afastar pragas, como, lagartas, besouros,  
 pulgões, carrapatos. Os venenos usados para afos-

tar essas pragas, fazem mal ao ser humano  
 criando doenças como alergias, infecções,  
 vírus, e bactérias. Para isso que serve os  
 venenos mas o mercado está começando  
 a desvalorizar frutas e verduras que  
 utilizam fertilizantes e venenos. E valoriz-  
 gando os produtos orgânicos que fazem  
 bem a saúde.

SA-R

ESCOLA ESTADUAL WELLINGTON FLAVIANO COELHO

ALUNO(A): Diego Campos Silva DATA: 12/11/2023

PROFESSORA/PESQUISADORA: Ellete Oliveira de Souza Marzochi

PROJETO DE INTERVENÇÃO: AS PRÁTICAS DE TEXTOS DE DIFERENTES FORMAS MATERIAS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Escreva um texto argumentativo discutindo os desafios enfrentados e os avanços alcançados na produção de alimentos orgânicos pela agricultura familiar. Destaque também a relevância desses aspectos na construção de um sistema alimentar mais saudável e equilibrado.

Produção de agricultura familiar

A agricultura familiar é um tipo de agricultura desenvolvida em pequenas propriedades rurais. Recebo nome país é realizada por grupos de famílias (pequenos agricultores alguns empregados). A colheita dos produtores serve de alimentos para eles e ainda para o consumo de parte da população.



Diego Campos

SA-S – NÃO FEZ, ALUNO ESPECIAL NÃO ALFABETIZADO

SA-T – NÃO ENTREGOU